



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DO LUGAR: O NASCER DA COMUNIDADE DO
RAMAL PIC BELA VISTA KM 6, IRANDUBA-AM.**

Linha de pesquisa: Espaço, Território e Cultura na Amazônia

Manaus - Amazonas
2023

KAMILA CASTRO MOREIRA

**PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DO LUGAR: O NASCER DA COMUNIDADE DO
RAMAL PIC BELA VISTA KM 6, IRANDUBA-AM.**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Geografia como um dos requisitos para obtenção do título de Mestrado em Geografia.

Orientação: Dra. Amélia Regina Batista Nogueira

Manaus - Amazonas
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M838p Moreira, Kamila Castro
Percepção e memória do lugar: o nascer da comunidade do ramal
Pic Bela Vista km 6, Iranduba - AM / Kamila Castro Moreira . 2023
116 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Amélia Regina Batista Nogueira
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Geografia Humanista. 2. Fenomenologia. 3. Espaço vivido. 4.
Paisagem. 5. Mapas Mentais. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

KAMILA CASTRO MOREIRA

**PERCEPÇÃO E MEMÓRIA DO LUGAR: O NASCER DA COMUNIDADE DO
RAMAL PIC BELA VISTA KM 6, IRANDUBA-AM.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 27 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira
PPGEOG/UFAM (Presidente)

Prof. Dra. Charlene Maria Muniz da Silva
UEA-CAMPUS PARINTINS (Membro Externo)

Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz
PPGEOG/UFAM (Membro Interno)

Aos meus pais, que sempre me
apoiaram em todos os meus
sonhos.

A minha bisavó (*in memoriam*)
por sua trajetória de vida e sua
importância como precursora na
comunidade, e à memória dos
comunitários que experienciam
diariamente às dinâmicas da
comunidade.

Agradecimentos

Nesses anos de mestrado, de muito estudo, esforço e empenho, gostaria de agradecer a Deus e a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui, através de palavras sinceras, um pouco da importância que eles tiveram, e ainda têm, nesta conquista e a minha sincera gratidão a todos. Primeiramente, agradeço aos meus pais Glaucione e Elielson; a minhas irmãs Emilly e Jamilly.

Obrigada a todos, por serem privados em muitos momentos da minha companhia e atenção, e pelo profundo apoio, me estimulando nos momentos mais difíceis. Agradeço por desejarem sempre o melhor para mim pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar daqui e principalmente pelo amor imenso que vocês têm por mim, a vocês minha família sou eternamente grata por tudo o que sou por tudo que consegui conquistar e pela felicidade que tem. Minha gratidão especial a professora e orientadora Dra. Amélia Regina e, aos demais amigos.

Um obrigada especial aos meus amigos Larissa, Wesley e Igo pela compreensão e companheirismo pois aqui *“NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM”*, vocês são também meus verdadeiros irmãos, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e torcendo por mim, independente da distância entre nós.

Meus sinceros agradecimentos ao projeto de bolsa de estudo do mestrado à CAPES pela concessão da bolsa de mestrado para viabilizar a realização e conclusão desta pesquisa.

Agradeço por desejarem sempre o melhor para mim pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar daqui e principalmente pelo amor imenso que vocês têm por mim.

Meus agradecimentos em memória a uma das primeiras moradoras da comunidade a minha bisavó Dona Rosário de Castro e aos demais moradores da comunidade Bela Vista que aqui me ajudaram e me orientaram neste árduo percurso acadêmico que compartilharam importantes conhecimentos comigo e me ensinaram muitas coisas.

Por fim, o agradecimento mais importante: agradeço a Deus por está comigo, me guiando, iluminando cada passo meu e me abençoando, obrigada por me dá a fé e a força necessária para lutar e enfrentar todos os obstáculos, sem nunca desistir.

Fisicamente, habitamos um espaço; mas,
sentimentalmente, somos habitados por uma memória.
José Saramago

RESUMO

O mundo é percebido e entendido através da percepção do sujeito baseada na sua relação com o meio onde está inserido. Compreendemos que no processo de construção da memória a relação dos sujeitos com a Comunidade transcende a memória do lugar. Em vistas disso, baseados na sua percepção frente a relação com o meio ambiente e as novas formas que remodelam os aspectos físicos, sociais e econômicos, a comunidade apresenta-se não só como uma manifestação das relação de poder, mas de afetividade e identidade onde buscam reconhecimento e legitimação de sua apropriação com o solo. Logo, o propósito deste trabalho circunscreve em compreender a partir da percepção e memória dos habitantes da Comunidade do ramal Pic Bela Vista, do município de Iranduba, Amazonas, como nasceu a comunidade, como foi se constituindo e sendo institucionalizada, identificando as manifestações socioculturais, as atuais políticas públicas e a representação da comunidade percebida pelos sujeitos. Como metodologia de pesquisa, a História Oral enfatiza as narrativas do sujeito da história, permitindo revelar a trajetória de vida e do movimento de resistência em busca de reconhecimento e justiça social diante do cenário de exclusão vivenciado nas comunidades rurais. Soma-se ao trabalho, a produção dos mapas mentais como forma de representar as percepções da comunidade, nos quais, revelam que o lugar vivido está em constante mudanças. Ao mesmo tempo em que a comunidade recebe influências urbanas, mantém traços de um campesinato típico amazônico. As narrativas carregadas de nostalgia e sentimentos de pertencimento retratam um passado e presente de resistência que luta pela sobrevivência e anseia ser reconhecida.

Palavras-chaves: Geografia Humanista; Fenomenologia; Espaço Vivido; Paisagem; Mapas Mentais.

RESUMO

El mundo es percibido y comprendido a través de la percepción del sujeto a partir de su relación con el medio donde está inserto. Entendemos que en el proceso de construcción de la memoria, la relación de los sujetos con la comunidad trasciende la memoria del lugar. Ante esto, a partir de su percepción de la relación con el medio y las nuevas formas que reconfiguran los aspectos físicos, sociales y económicos, la comunidad se presenta no sólo como una manifestación de la relación de poder, sino de afectividad e identidad donde buscan el reconocimiento y la legitimación de su apropiación con el suelo. Por lo tanto, el propósito de este trabajo es comprender a partir de la percepción y la memoria de los habitantes de la Comunidad del ramal Pic Bela Vista, en el municipio de Iranduba, Amazonas, cómo nació la comunidad, cómo se constituyó e institucionalizó, identificando las manifestaciones socioculturales, las políticas públicas actuales y la representación de la comunidad percibida por los sujetos. Como metodología de investigación, la Historia Oral enfatiza las narrativas del sujeto de la historia, permitiendo revelar la trayectoria de vida y el movimiento de resistencia en busca de reconocimiento y justicia social frente al escenario de exclusión vivido en las comunidades rurales. Además de la obra, la producción de mapas mentales como una forma de representar las percepciones de la comunidad, en la que revelan que el lugar vivido está en constante cambio. Al mismo tiempo que la comunidad recibe influencias urbanas, mantiene rastros de un campesinado típicamente amazónico. Las narrativas llenas de nostalgia y sentimientos de pertenencia retratan un pasado y un presente de resistencia que lucha por la supervivencia y anhela ser reconocido.

Palabras clave: Geografía Humanística; Fenomenología; Espacio Vivido; Paisaje; Mapas Mentales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Ramal Pic Bela Vista (Iranduba/Amazonas): a) e b) pessoas transitando no ramal em fevereiro de 2020; c) Cruzamento principal do ramal em março de 2023.	387
Figura 02 - Na foto mostra a Sra. Rosário (falecida Dadá), a primeira moradora da Comunidade na frente de sua residência, está já reformada.	39
Figura 03 - Fotografia tirada no dia da entrevista, onde morava a sra. Dadá, atualmente, habita pela filha. A esquerda é a sra. Glafira, ao meio é a sra. Glacira, ambas filhas da sra. Dadá. E à direita, a sra. Glaucione, filha de dona Glacira.....	410
Figura 04 - Foto do ramal Pic Bela Vista.....	454
Figura 05 - Foto de trator pavimentando o ramal Pic Bela Vista.	454
Figura 06 - Foto da fábrica de cerâmicas no ramal da Comunidade Bela Vista.	465
Figura 07 - Canteiro suspenso no quintal da residência da Sra. Glafira na Comunidade Bela Vista.	476
Figura 08 - Legumes e verduras colhidas no quintal da residência da Sra. Glafira na Comunidade Bela Vista.	487
Figura 09 - Senhor Gaudêncio e sua barraquinha de frutas, verduras e legumes em frente à residência, às margens do ramal Pic Bela Vista.	487
Figura 10 - Barraca para a venda de frutas, verduras e legumes na frente da residência de moradores, às margens do ramal Pic Bela vista. Foto: Kamila Moreira, janeiro, 2020.....	48
Figura 11 - Foto do Sr. Edson, o primeiro presidente do time de futebol chamado Bela Vista.	787
Figura 12 - Igreja de São Francisco, na comunidade do ramal Pic Bela Vista.	79
Figura 13 - Igreja Assembleia de Deus, na comunidade do ramal Pic Bela Vista.	79
Figura 14 - A Escola Municipal Bela Vista.	833
Figura 15 - Foto de arquivo pessoal, onde mostra a sra. Glacira, primeira professora da comunidade em frente à sua casa.	844

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Localização da área de estudo.....	36
Mapa 02 - Mapa Mental da espacialização territorial da Comunidade.....	37
Mapa 03 - Mapa Mental Kamila (à pesquisadora): comunidade do ramal Pic Bela Vista.....	97
Mapa 04 - Mapa Mental da Sra. Glaucione: comunidade do ramal Pic Bela Vista.....	98
Mapa 05 - Mapa Mental da Sra. Glacira: comunidade do ramal Pic Bela Vista.	100
Mapa 06 - Mapa Mental do Seu Civaldo: comunidade do ramal Pic Bela Vista.....	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	17
A Geografia Humanística Cultural: um caminho para pensar a Comunidade do ramal Pic Bela Vista. (Município de Iranduba-AM).	17
1.1 O Pensamento Humanista Cultural na Geografia	18
1.2 Uma leitura fenomenológica para compreender os lugares no mundo	23
1.3 Lugar, o espaço vivido	26
1.4 Comunidade e lugar	31
1.5 A Comunidade do ramal Pic Bela Vista: uma breve apresentação	35
1.5.1 O lugar contado: relatos dos moradores antigos	39
CAPÍTULO 2	53
Percepção e Memória: as mudanças na paisagem da Comunidade do ramal Pic Bela Vista	53
2.1 A percepção e memória	54
2.2 Às dinâmicas do espaço vivido	67
2.3 A constituição da comunidade, o lugar que coexiste entre traços urbanos e rurais	73
2.4 As transformações no espaço e a ressignificação do lugar	89
CAPÍTULO 3	93
A representação do lugar: a Comunidade Pic Bela Vista nos mapas mentais dos seus moradores	93
3.1 Mapas mentais: À comunidade representada pelos moradores da Comunidade ..	94
CONSIDERAÇÕES: BREVES REFLEXÕES	104
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE	112
ANEXO	115

INTRODUÇÃO

Compreender como as pessoas entendem, sentem e reagem no mundo baseados na sua percepção frente a relação com o meio ambiente e as novas formas que remodelam os aspectos físicos, sociais e econômicos da Comunidade é o que a Geografia humana e cultural propõe fundamentando-se na vertente fenomenológica.

Por intermédio das representações simbólicas e da conexão afetiva apresentam-nos um mundo complexo e cheio de particularidades. Retratado nas mais diferenças culturais e na paisagem, como, por exemplo, são expressas pelos grandes centros urbanos através dos prédios, casas, arranha-céus, fachadas comerciais, ruas e na pouca arborização, enquanto no campo há um hibridismo de elementos urbanos entrelaçados aos rústicos.

Ao delimitar a pesquisa e definirmos que a comunidade do ramal Pic Bela Vista seria estudada, eu e a professora orientadora pensamos em usar um termo poético "O nascer da comunidade" para o tema da dissertação. Uma vez que, nascer está condicionado a um conjunto de signos, codificados com o intuito de transmitir uma mensagem, que está associada a transmitir as emoções e sentimentos percebidos pelos sujeitos com laços afetivos com a comunidade.

Entender o lugar da comunidade do ramal Pic Bela Vista na percepção dos sujeitos é entender a memória do lugar. Para os moradores a comunidade é considerada um marco em suas vidas, pois umas delas que residiam em outras localidades encontraram ali um lugar para chamar de lar. Ao narrarem suas experiências de vida na comunidade observamos que cada lugar, cada conquista está marcada na memória desses indivíduos, sejam eles em recordações boas ou ruins no qual vai modelando seu espaço e suas relações.

Desta forma, este trabalho tem como propósito principal compreender a partir da percepção e memória dos habitantes da Comunidade do ramal Pic Bela Vista, localizada no km 6, do município de Iranduba, Amazonas, como nasceu a comunidade, como foi se constituindo e sendo institucionalizada.

Para alcançar esse objetivo, foi necessário identificarmos os moradores antigos no sentido de resgatar a história do lugar, descrevendo as atividades econômicas, as manifestações socioculturais e as atuais políticas públicas que contemplam a comunidade. Como metodologia, a História Oral, assentou-se a partir da memória de cada sujeito sobre suas origens e problemas enfrentados, nos permitindo

compreender uma parte da história social da comunidade, de como foi sendo constituída e institucionalizada no processo de crescimento. Para o embasamento teórico realizou-se pesquisas bibliográficas que possibilitou a discursão teórica dos conceitos.

As entrevistas individuais realizadas foram conduzidas por um roteiro semiestruturado e gravação dos relatos para facilitar a transcrição e análise. Foram realizadas oficinas individuais para produção dos mapas mentais com os moradores para que pudéssemos compreender o seu lugar e como ocorre a territorialidade de seus moradores.

A problemática parte das narrativas de quem mora na comunidade, quais suas percepções sobre ela? As pessoas que vivem ali são naturais de lá? Quem são esses sujeitos, são pessoas da cidade? Uma comunidade que apresenta um rápido crescimento, nos perguntamos: O que levou a esse crescimento? Como as atividades econômicas, sociais e culturais são concebidas, e como a comunidade é contemplada por elas?

Para ter melhor compreensão de como se constituiu a comunidade, é necessário considerar a percepção de quem viveu e vive no lugar, sendo uma informação importante no estudo da interação do homem e a cidade, pois é evidente a diferença de quem vive para quem apenas descreve e estuda o cenário (PINHEIRO, 2015, p. 12).

Halbwachs (1968) descreve que:

Certamente, nossa impressão, pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por vários (HALBWACHS, 1968, p. 25).

Já Yi-Fu Tuan diz: A visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças. [...] a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é constituída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo [...] como meio de vida, a visão de mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural (TUAN, 1930, p. 5 e 91).

As percepções que cada indivíduo possui do lugar, concebido de suas memórias desempenham um papel importante, o de localizar e direcionar o espaço,

resultado da relação afetiva que o homem incide sobre o lugar, o que Tuan conceitua como Topofilia.

A comunidade é construída sob lembranças individuais e coletivas passadas pelos indivíduos através de suas memórias e percepções, percepções estas que, se apresentam de diversas maneiras, algumas parecidas, outras diferentes, contudo, o conjunto desta ajuda a compor o quebra cabeça.

Neste sentido, a pesquisa fundamenta-se na vertente fenomenológica e nas abordagens da Geografia Humanística e Cultural, apresentando a relação do espaço e lugar com a percepção e memória do lugar.

Este trabalho foi organizado em três capítulos para melhor esclarecimento das temáticas abordadas. No primeiro capítulo apresentamos um panorama da evolução do pensamento humanista cultural na geografia. Também discorremos sobre a perspectiva fenomenológica, do lugar como espaço vivido, e da comunidade, apresentando de forma breve o histórico da comunidade a partir de pesquisas bibliográficas e da construção da memória dos moradores.

No segundo capítulo discorremos, de forma mais aprofundada, os conceitos de a percepção e memória na Geografia, pois entendemos que seus conceitos são essenciais na compreensão dos lugares dos sujeitos e como eles concebem o conhecimento de si e do mundo. Neste capítulo descrito as dinâmicas do espaço vivido, e como a comunidade Bela Vista foi se constituído e ressignificando sua paisagem, seu modo de vida e incorporando traços urbanos, nos quais são retratados nas falas dos sujeitos.

No terceiro e último capítulo, expomos a representação dos mapas mentais pelos moradores e sujeitos que já viveram ali e não mais residem na Comunidade do ramal Pic Bela Vista. Os mapas mentais revelam a história vivida, as lutas diárias, a cultura e a relação de identidade de forma afetiva com o lugar. Não são apenas desenhos, eles representam acontecimentos e fatos importantes na vida de cada pessoa, são recordações sejam elas boas ou ruins.

Desta forma, os resultados adquiridos nesta pesquisa podem auxiliar o poder público a conhecer melhor a comunidade, de maneira que promova ações e políticas públicas voltadas ao bem esta dos comunitários. Entendemos que é necessário primeiramente conhecer a realidade desse lugar, partindo do ponto de vista de seus próprios moradores.

CAPÍTULO 1

A Geografia Humanística Cultural: um caminho para pensar a Comunidade do ramal Pic Bela Vista. (Município de Iranduba-AM).

1.1 O Pensamento Humanista Cultural na Geografia

O pensamento geográfico está presente desde a Antiguidade, através das representações cartográficas, dos relatos de viagens, das descrições nos quais vem acompanhando a humanidade desde as primeiras civilizações. Sendo um discurso constituído historicamente institucionalizado, é caracterizado por uma sistematização de tipo científico (FILHO, 2012, p. 20).

A Geografia foi sendo construída ao longo das décadas. Em sua evolução evidencia-se a busca pela compreensão do mundo, suas contradições nas relações sociais, na apropriação e uso do meio ambiente. (COSTA, 2019, p. 145). Limitando-se a princípio, em estudar e a descrever os aspectos físicos onde por um determinado tempo se sobressaíram. O homem até então, era apenas um elemento a mais na natureza, e só mais tarde os aspectos humanos foram ganhando notoriedade.

Segundo Moraes (1994) na Geografia tradicional, a importância da geografia baseava-se em uma vaga concepção usual na descrição da Terra. Já a Nova Geografia aparece com os métodos matemáticos e estatísticos reduzindo-se a enumeração e a classificação, restringindo a geografia de ter um conceito amplo.

Tinha uma perspectiva naturalista, baseada em métodos positivistas. Buscavam incessantemente responder às novas indagações que surgiam na sociedade, tendo como objetivo, construir uma geografia universal que pudesse ser entendida por todos.

Por volta de 1950, a geografia encontrava-se em um contexto científico pós-Segunda Guerra, no qual a Nova Geografia assumia um papel ideológico para tentar justificar a expansão capitalista, das desigualdades sociais, da luta pelos direitos civis e trabalhistas e às questões raciais, desencadeadas do agravamento das tensões sociais, no qual, desponta com uma nova perspectiva de desenvolvimento.

Crescem as críticas e concepções voltadas aos sistemas de produção, aos interesses do estado e das empresas capitalistas fazendo do homem uma média, o laboratório substitui o campo. A crise epistemológica manifestou-se não somente pela necessidade de um conhecimento geográfico que explicasse as novas formas de vida na sociedade, onde as respostas que surgiam já não eram mais atendidas, ela se acentua quando começam a construir um modelo alternativo incapaz de superar o anterior, suscitando em uma crise no modelo epistemológico.

Em decorrência desse contexto, surge o movimento de renovação da geografia resultando no rompimento de grande parte dos geógrafos com relação à perspectiva tradicional (COSTA, 2019, p. 127).

Observamos nesse novo cenário, que o estudo da geografia vai se tornando fragmentado em vários aspectos, o discurso do lugar, e da história humana passa a ser estudada no particular e não como totalidade. Em Costa (2019), este momento destaca-se como um grande dilema da disciplina hoje, o dilema da pós-modernidade na Geografia.

Novas formas de entender as relações socioespaciais vão se configurando nos últimos tempos. Desse modo, a Geografia na década de 1970 em diante passa a buscar novas perspectivas para os estudos geográficos. O pensamento geográfico deveria acompanhar o ritmo das mudanças, da urbanização e dos novos meios de trabalho que se intensificaram com o crescimento urbano e tecnológico. Nesta mesma época, a Geografia Cultural desponta com um novo interesse, os problemas culturais, tendo como objetivo entender como as experiências dos homens dão significado e sentido no meio ambiente e social.

Segundo Claval (2007), os estudos da cultura na geografia clássica de geógrafos como Ratzel, La Blache, adotavam uma perspectiva positivista ou naturalista, onde o interesse estava nos aspectos materiais da cultura, das técnicas, das paisagens e no gênero de vida.

Assim, a Geografia Cultural começa a evoluir na década de 1970, deixando de ser um subdomínio da geografia humana buscando entender as experiências dos homens, integrando as representações subjetivas e as reações no campo na pesquisa geográfica.

A revolução científica de reconstrução da geografia direcionou para um novo conhecimento voltado ao futuro, com novas técnicas e novas linguagens mais humanistas. Com a ascensão do humanismo, a ciência geográfica passa a entender como o homem percebe o espaço que vivencia, como percebem e reagem frente às condições impostas pelos elementos da natureza e como esse processo de consciência e relação reflete na ação sobre o espaço.

Segundo Moraes (1994) os seguidores desta corrente, tentam explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivido e o comportamento em relação ao meio.

Essa nova concepção de entender o mundo dentro da geografia é graças a Fenomenologia, a necessidade de integrar as perspectivas existenciais e críticas gera interesse nos geógrafos de compreender os lugares a partir das experiências diretas e pelo sentido de morar.

A fenomenologia proporciona a geografia novas concepções, abre um debate maior sobre a “geograficidade” (DARDEL, 2011) do ser no mundo. O espaço passa a ser estudado na medida em que a percepção de mundo se fundamenta nas ideias do espaço vivido.

Para Tavares (2016) a representação espacial passa a significar o resgate da inteligibilidade que os fatos especiais adquirem a partir de seus contextos próprios. Ou seja, o espaço agora passa a ser entendido por meio dos símbolos e significados experienciados por cada indivíduo que têm relação com o meio. Significando que a definição de espacialidade:

[...] não pode ser estabelecida através da objetivação de uma ciência racionalista (GOMES, 2010, p. 310), contrapondo a corrente humanista ao positivismo da geografia pragmática e levando a ciência geográfica para além do materialismo histórico e da dialética marxista (TAVARES, 2016, p.20).

Compreender e analisar os processos que se despontam nos últimos tempos vai além das descrições da natureza ou dos fenômenos. A reformulação da geografia vai se estabelecendo sob várias ideias onde evidencia que há uma troca entre os homens e os meios naturais no qual está inserido e vivenciado.

Conforme Filho (2012), Ratzel, entendia que na geografia humana tinha uma relação de dependência e troca do homem com o meio ambiente, no qual sofre influências do meio onde o desenvolvimento de uma sociedade na medida em que pode oferecer melhor ou pior acesso aos recursos, atua como estímulos ou obstáculos.

A Geografia Humanista/Humanística surge na década de 1970 fundamentadas nas filosofias do significado, da fenomenologia e do existencialismo. (COSTA, 2019, p. 146). Neste período geógrafos como Éric Dardel, no qual, se destacou com sua obra intitulada de *L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographique* de (1952) apresenta considerações sobre a aplicação da fenomenologia e do existencialismo a geografia. Inspirando anos depois geógrafos e estudiosos como Edward Relph e Yi Fu Tuan.

De acordo com Almeida (2020) a aproximação da Geografia com a Fenomenologia busca a valorização do ser humano e sua experiência espacial.

Segundo alguns estudiosos, a Fenomenologia não é algo único. Podemos identificar três vertentes que são evidentes: a fenomenologia pura ou “transcendental” de Husserl (1982), à fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz, e a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur (BUTTIMER, 1982, *citado por*, ALMEIDA, 2020, p. 39).

A influência que a Fenomenologia exerce para a Geografia é complexa, porém, ela possibilita a Geografia de explorar as experiências humanas no mundo, abrindo a visão para identificar e entender os fenômenos que estão inseridos no mundo vivido das pessoas a partir de várias concepções, diferente das correntes anteriores que buscavam um conhecimento universal para fundamentar e analisar os fenômenos existentes entre a relação do homem com o meio.

A perspectiva humanista, palavra preferida por alguns geógrafos, apontavam para os estudos do comportamento do homem de forma genérica, enquanto a geografia humanística estuda às particularidades da relação homem com o espaço e a natureza, que são os valores, as crenças, os costumes, símbolos.

Deste modo, a geografia humanística procura o autoconhecimento do homem, onde a geografia contribui nesse processo com inúmeros conhecimentos sobre a percepção, valores relacionados ao espaço e a natureza. Estes conceitos fazem parte da corrente que inclui várias formas de pensamento humano.

Essa corrente da geografia tem a visão de que a produção do conhecimento é resultado da intencionalidade e que o saber está na subjetividade. Ou seja, a compreensão do espaço estava na intencionalidade que o homem dá aos símbolos e lugares no decorrer de sua trajetória que é marcada pelas experiências vividas e compartilhadas.

A geografia humanística faz críticas às concepções anteriores da geografia, propondo um conhecimento holístico baseado na contextualização social e natural das relações do homem com o ambiente. A concepção do homem como um ser que atribui valor e sentido às coisas que o cercam, sendo elas fundamentos da cultura. (FILHO, 2012, p.160).

Para Holzer (1992) a geografia humanista ressignificou os estudos de lugar e paisagem, colocando a percepção do espaço e do ambiente, o espaço vivido, a cognição, a arte, os sentimentos, a existência e a experiência na pauta da geografia.

Além de contribuir para a renovação da geografia, as concepções da geografia humanística deram abertura aos debates contemporâneos a partir das vertentes como o existencialismo e a fenomenologia.

Holzer (1992) também aborda que essa discussão de que a geografia tinha que ser pensada a partir da subjetividade humana já vinha sendo proposta anteriormente. Ele apenas retoma esse pensamento propondo uma epistemológica no qual um conhecimento seja transdisciplinar, que aproxime a geografia de outras disciplinas.

Ou seja, uma geografia capaz de pensar através da percepção ambiental que as pessoas têm. Como elas percebem o mundo e como é essa aproximação geográfica. Qual o significado da paisagem e do lugar para esses indivíduos?

A geografia humanista aborda as experiências do indivíduo ou em grupo, buscando a compreensão do comportamento e a maneira como os lugares são percebidos e sentidos pelas pessoas.

Segundo Holzer (1992) a geografia humanista é uma variação da geografia cultural. A geografia cultural começa com Karl Sauer em 1920, quando se estabelece que o problema da geografia é trabalhar com a cultura de uma forma geográfica, diversamente da histórica.

A paisagem cultural é formatada a partir de como as pessoas se apropriam dessa paisagem, não de forma física, é se apropriar da forma que os indivíduos veem a paisagem, como ela percebe. A busca pelo conhecimento geográfico que estivesse relacionado às dinâmicas do mundo avança para além da ciência objetiva. O que vivemos no passado, não é mais o que vivemos hoje, e o hoje não será o que poderemos vivenciar futuramente. Isso se evidencia no processo de globalização com a introdução de novas tecnologias, e com o processo de urbanização que com o passar dos tempos faz com que os lugares tenham novos sentidos.

É nesse sentido que o lugar emerge, ganha importância na geografia baseando-se na vertente fenomenológica existencialista. O lugar tem significados diferentes para cada indivíduo ou grupo, o que o torna interessante para a ciência geográfica. Desta forma, o espaço vivido acontece no lugar, no cotidiano das pessoas onde é compartilhado às experiências e memórias que ocorreram ao longo de suas vidas de formas individuais ou coletivas carregadas de significados, símbolos, sentimentos, sensações. Já à paisagem, a princípio é vista segundo Holzer (1992)

como um tema central que é definido como um ambiente físico uniforme que propicia à ocupação humana homogênea.

A paisagem é notoriamente carregada por elementos físicos, carregados de significados, porém, não se resume a isso. A paisagem é formada a partir de elementos do presente e do passado, carregados de aspectos físicos e culturais, de forma que possibilita a compreensão do mundo através dos sentidos e permite-nos entender as diferentes dinâmicas da sociedade.

Examinamos até aqui, que o pensamento geográfico evolui através de novos pensamentos que buscam compreender a relação do homem com o meio ambiente e a sociedade, no qual a geografia humanista e cultural entende que essa relação se baseia à partir da subjetividade, refletindo que é nos espaços vividos que são construídos às memórias individuais e coletivas dos indivíduos. Dito isto, recorreremos a Geografia Humanista Cultural fundamentada na vertente fenomenológica, para compreendermos como os moradores percebem ou perceberam o lugar durante o processo de crescimento da Comunidade do ramal Pic Bela Vista até os dias atuais, a valorizamos as oralidades e narrativas de suas vivências, nos quais apresentam elementos históricos e culturais que vão surgindo ao longo dos tempos.

1.2 Uma leitura fenomenológica para compreender os lugares no mundo

Compreender o mundo a partir de uma perspectiva única e universal já não era possível dentro do estudo geográfico sem pensar em espaço, paisagem e lugar enquanto espaço vivido. Novas formas de comportamento, novas configurações de lugar e paisagem são evidenciadas. Os aspectos físicos, descritivos ou matemáticos não eram suficientes para explicar a complexidade que o mundo estava vivenciando, deve-se pensar através de quem está experienciando.

A partir dessas reflexões a geografia humanística propõe encontrar um entendimento do mundo humano através do estudo das relações entre as pessoas com o meio ambiente, seu comportamento geográfico, como o homem atribui valor e sentido às coisas que o cercam, sua intencionalidade e sentimentos a respeito do espaço e lugar.

Dito isso, é na Fenomenologia que a Geografia tem a possibilidade de construção de um conhecimento científico para além das descrições, das estatísticas

ou de um conhecimento único e universal, mas sim da incorporação do mundo vivido, das experiências intrínsecas nos cotidianos das pessoas, a fenomenologia busca a essência dos fenômenos.

Segundo Filho (2012):

a fenomenologia é um método elaborado por Edmund Husserl (1859-1938), com o objetivo de produzir verdades racionais e objetivas tomando como ponto de partida as experiências dos indivíduos. Em vez de tentar descobrir verdades absolutas pelo estudo das coisas em si mesmas, seria possível chegar a essas verdades pela intensificação dos elementos universais das representações que os indivíduos têm das coisas.

Ou seja, as representações que os indivíduos têm das coisas está inserido na subjetividade humana, no qual o fluxo das vivências adquiridas ao longo de sua trajetória está na consciência que os indivíduos têm sobre os objetos. Todo indivíduo possui consciência individual, e cada um exerce suas influências sobre os objetos através de atos intencionais, como a percepção, a recordação e a imaginação. Embora cada objeto representado possua suas particularidades, o homem age de acordo com suas percepções de mundo. Portanto, a essência ou o significado é resultado da intencionalidade da consciência.

Observamos até aqui que a aproximação da geografia com a fenomenologia procura a valorização e a essência dos indivíduos enquanto seres conscientes de sua espacialidade.

Na perspectiva da geografia humanista e cultural a fenomenologia vai se consolidando. Já evidenciamos no tópico anterior que Éric Dardel despertou vários geógrafos, como é o caso de Yi Fu Tuan, que dedicou seus estudos em dois pontos: com as publicadas em 1974 intitulada como: Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, tendo como principal proposição estudar os sentimentos de apego das pessoas ao meio ambiente natural ou construído, direcionando seu estudo as percepções ambientais. E a publicação de “Espaço e Lugar em 1977, que buscava um conceito espacial adequado para as propostas humanistas.

Em suas obras Tuan buscava compreender as percepções ambientais através dos sentidos, apontado que cada indivíduo percebe o mundo que o cerca de forma diferenciada um dos outros, percepções essas derivadas do acúmulo de vivências biológicas ou experienciadas, destacando que essas percepções também se manifestam na cultura dos povos.

A fenomenologia envolve a experiência relatada pelas pessoas ou grupos, o que permite ao geógrafo pesquisador uma experiência direta ao conhecer o cotidiano e as memórias relatadas. Embora seja um tanto complexa sua relação com a geografia não se apresenta de forma única, coloca à disposição várias concepções metodológicas.

Outro geógrafo que se interessou pelas obras de Dardel foi Relph (1979) que descreve que a

Fenomenologia tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que "devem primeiro serem vivos para serem compreendidos como eles realmente são" (Wild, 1963:20). Tais fenômenos da experiência são a substância de nossos envolvimentos no mundo e constituem as bases do corpo formal de conhecimento que designamos de "Geografia" (RELPH, 1979, p. 1).

Essas experiências humanas dos lugares, da paisagem são a base da fenomenologia. Os lugares, sons, cheiros, dentre outros, transmite uma gama de significados onde cada pessoa percebe de maneira diferente, e isso vai estar associado às várias experiências adquiridas ao longo de sua vida.

De acordo com Tuan, (1980) para compreender a experiência ambiental de cada pessoa é necessário examinar sua herança biológica, seus valores e todas as informações construídas ao longo de sua vida, seja ela de forma individual ou coletiva. Sendo necessário também conhecer a história cultural e a experiência que o grupo viveu no contexto de seu ambiente físico.

Observamos aqui, que a cultura pode influenciar na percepção dos indivíduos. Quando uma pessoa se depara com determinadas situações, compartilham suas explicações conforme foram vivenciadas. As experiências dos espaços, dos lugares e das paisagens vividas pelos indivíduos são variadas e contraditórias, para certas pessoas um determinado lugar ou paisagem transmite sensação de medo e insegurança, mas para outros o lugar é tido como especial, um lugar de refúgio, essas experiências também podem variar no tempo e espaço. Por exemplo, a comunidade do ramal Pic Bela Vista, em seus primeiros anos, configura-se como pacata, o fluxo de pessoas ou transporte é baixa, podia-se dormir de janelas aberta, na paisagem podemos visualizar a presença de poucas casas, campos extensos, enquanto nos dias atuais, com o processo de globalização e urbanização o medo da violência, ou um crescente número de pessoas/casas modifica a paisagem ao longo da comunidade, influencia o modo de perceber esse espaço.

Nogueira (2001) reforça que é através da percepção que adquirimos conhecimento sobre o mundo. Para o geógrafo é interessante ver primeiramente os lugares com o olhar de quem nele habita e a partir daí olhar o mundo [...] nesta relação dos homens com os lugares.

Para a fenomenologia, entender o homem e os fenômenos que o cercam está relacionada a forma como o indivíduo percebe o mundo, pois é a partir dele que os estudos são direcionados nas descrições e relatos dos diversos indivíduos e grupos a fim de conhecer os modos pelos quais as pessoas atribuem significados às suas atividades.

No entendimento de Nogueira (2001) a fenomenologia tem grande importância para a geografia, como descreve, pois,

Foi na fenomenologia que navegamos. Nela encontramos um debate que nos leva a valorizar as experiências dos sujeitos como princípio do conhecimento do mundo. [...] a fenomenologia nos dá sustentação para isto, pois é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela se apresenta (NOGUEIRA, 2001, p. 14 e 21).

Em todo o mundo há vários lugares com diferentes paisagens e formas onde cada qual têm seus significados particulares. E com o passar dos tempos esses lugares vão ganhando novas formas e novos significados, sendo assim necessário entender a partir da percepção dos indivíduos como essas novas formas de interpretar o mundo devem ser estudadas e discutidas na geografia.

A fenomenologia permite ao estudo da geografia entender não só o lugar como ponto fixo de referência, de localização, mas também abre espaço para o entendimento das relações intrínsecas entre o homem e o lugar, como diz Yi Fu Tuan, o elo do homem e do lugar. As relações dos lugares de pertencimento.

1.3 Lugar, o espaço vivido

Um novo cenário emerge após o século XVI, o processo de globalização se acelera devido à Revolução Técnico-Científico-Informacional com a evolução da tecnologia, dos novos meios de transporte e comunicação de maneira que a distância e as fronteiras geográficas se tornaram menores. Essas mudanças que acontecem no cotidiano das pessoas se configuram como um novo paradigma para entender o mundo na atualidade. A busca pela compreensão das transformações que acontecem nos meios sociais, econômicos, culturais e políticos direcionam a um novo olhar,

pensar nos valores, atitudes, e cotidiano à partir da percepção ambiental que as pessoas têm.

A sociedade contemporânea revela novas configurações de espaço com novos significados, acentuado agora o real e o virtual, bem como as escalas. Tornando-se um dos fatores indispensáveis que impulsionam a ciência geográfica a repensar a relação entre o local e o mundo na percepção sobre o mundo.

Para entender o todo precisamos nos voltar para as particularidades do lugar que carrega muitos significados implícitos tanto no meio físico quanto no imaginário das pessoas.

Diante desse contexto o conceito de lugar surge, na concepção da Geografia Humanista, quando o espaço geográfico é visto a partir das concepções de cada indivíduo. Há princípio, dada comunidade era desconhecida, com o passar do tempo com o cotidiano dos comunitários, as experiências vão sendo adquiridas, vividas e transmitidas pela memória de geração a geração, onde o espaço vivido vai caracterizando-se como lugar. Segundo Tuan (1980), o lugar está associado ao termo Topofilia referindo-se a “todos os laços afetivos entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1980, p. 5).

A relação do homem com o lugar assume muitas formas, onde suas emoções e sensações e intensidades variam em escalas, o contato físico com o meio ambiente, a relação afetiva da pessoa com seu lar e seus pertences promove a ideia de lugar que é associada ao termo topofilia. Para muitos a cidade é retratada como barulhenta, corrupta, suja e fria, diferente do campo, e por isso, algumas pessoas preferem estar em lugares que transmitem sossego e paz. Outro ponto, é que há diferenças fisiológicas em relação à percepção entre os sexos, masculino e feminino.

O espaço na Geografia Humanista surge como o espaço vivido, resultante das experiências, sentimentos e vivências do cotidiano. Aparece como uma instância subjetiva, pertencente à individualidade do ser social, o qual concebe no espaço a prática social fruto de sua própria vivência. Privilegia o singular, significados, percepção, símbolos e sentimentos.

Ou seja, o espaço vivido é dado a partir dos sentimentos, das ideias, e da percepção de um determinado povo ou indivíduo. O mesmo é inexistente sem a vivência da sociedade.

Já para Carlos (1994) o espaço é uma realidade prática que se constitui no decorrer da história da humanidade enquanto “condição, meio e produto da reprodução social”.

A relação de espaço a construção histórica que a autora aponta, está relacionado à representação onde os fatos acontecem, que é justamente no cotidiano dos indivíduos onde as atividades se desenvolvem. Permitindo assim a compreensão do mundo vivido contemporâneo frente à globalização. Mostra que o espaço é um produto social, onde as transformações sociais, políticas e econômicas se materializam ao longo da história.

O espaço retratado por Carlos (1994) está sujeito a mudanças, nas quais, atualmente estão relacionadas à expansão do capitalismo, assim, o espaço passa a ser reproduzido conforme as exigências do capitalismo, dos meios de produção.

Percebemos aqui que o espaço é dinâmico, que vai além da materialidade. As experiências vividas e compartilhadas caracterizam as múltiplas territorialidades que criam e recriam os lugares e a identidade. O espaço vivido influencia e é influenciado pelas relações que os indivíduos que vivem em dado lugar têm com a natureza e o meio.

De acordo com Tuan (1983),

O lugar pode ser definido de diversas maneiras. [...] lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos se detêm em pontos de interesse. Cada parada de tempo é suficiente para criar uma imagem de lugar. [...] A parada pode ser de tão curta duração [...] (TUAN, 1983, p.179).

A influência do indivíduo com o meio, não está ligada apenas a determinado espaço físico, mas sim, por meio de outras ações que criam e recriam o espaço. Embora estejamos limitados a ver as coisas de uma certa forma, as experiências vividas por cada pessoa ou grupo é diferente. A carga de experiências adquiridas ao longo da vida influencia na maneira de compreendermos o mundo, a mesma imagem, o mesmo lugar transmite aos indivíduos várias sensações e reações diversas.

No livro “Espaço e Lugar” publicado em (1983) Tuan tece seu pensamento a partir da perspectiva da experiência e com as várias escalas que o lugar tem. Diferente de sua obra anterior Topofilia, onde busca compreender a variedade de atitudes, valores e percepções das experiências do homem com o meio ambiente, o espaço e lugar é definido como categoria da geografia, que são intimamente relacionados no

meio ambiente, através da perspectiva da geografia humanista onde deveria ser estudado os sentimentos e as ideias de um povo.

A importância do Lugar na geografia humanista e cultural abordada por Tuan, aponta a existência da complexidade da experiência humana. Lugar e espaço estão intimamente ligados, sem espaço não há lugar. A casa onde morei durante toda infância, a pracinha que passeava aos finais de semana, a universidade onde estudo, ou seja, são lugares que apresentam significado, sentimento de pertencimento que são ou foram espaços de experiências, o mundo vivido. Os lugares são centros aos quais atribuímos valores onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação. (TUAN, 1983, p.4).

O lugar também está relacionado ao espaço mítico, que é representado por elementos da natureza e por objetos construídos por indivíduos carregados de significados.

Em o Mito da Arcádia, Shama (1996) constrói seu pensamento sobre ricos detalhes históricos e culturais relacionados à paisagem através de vários relatos de experiências pessoais e mitos que com o passar dos tempos permanecem ou não vivos na memória dos indivíduos.

Uma propriedade rodeada de árvores com colunas elegantes, um bosque, um campo com pastores e gados, uma floresta selvagem retrata o significado que as pessoas dão aos lugares que muitas vezes estão implícitos na natureza, o misticismo. As representações simbólicas estão relacionadas às experiências, as interações, o apego ao lugar, a identidade e a representatividade que o homem tem no espaço, no qual, são resultado de sua intencionalidade.

No livro “Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade” (2008) escrita pela professora Doreen Barbara Massey, instiga-nos a refletir sobre a nossa imaginação quanto ao espaço, afirmando que o espaço é uma dimensão implícita que articula com nossas visões de mundo, com as atitudes e com nossa política. De forma que repensemos a nossa forma de enxergar a globalização, as cidades e o lugar.

Espaço é visto como uma grande extensão onde se estende ao nosso redor de maneira implícita e contínua, podendo ser visto como o produto de inter-relações, desde o global até o intimamente pequeno. Logo, devemos concebê-lo como algo sempre em construção, isto porque, ele sempre está no processo de fazer-se, nunca fechado.

Para Massey (2008), o espaço não é estático, ele está em constante movimento, onde podemos visualizar cada vez mais uma relação do tempo-espaço. O espaço e lugar adquirem caráter identitário.

A discussão levantada sobre o espaço é para dizer que o mesmo está sujeito a constantes mudanças ao longo da história da sociedade. E que, esse espaço vai configurar-se como lugar, a partir das experiências vividas. Portanto, compreender as relações sociais, e a dinâmica espacial dos lugares torna-se importante, pois o espaço é dinâmico, e é construído por meio das relações.

Com o processo de urbanização avançando dentro das comunidades, percebemos mudanças visíveis no cenário, com o surgimento de novos moradores, vemos as transformações da infraestrutura acontecendo. Assim, ocorrem mudanças na paisagem da comunidade, nos hábitos e costumes do cotidiano dos moradores, nas relações de trabalho revelando uma ressignificação do lugar.

O meio ambiente é percebido de diversas formas, suas paisagens contêm significados que se reconfiguram com o decorrer do tempo. Além disso, as paisagens rurais e urbanas retratam diferentes cenários, nos quais podem afetar o julgamento perceptivo das pessoas ou grupos. A capacidade visual de entender os desafios que enfrentamos levam a adaptar-se a esse meio.

Cada pessoa tem sua preferência ambiental, sendo necessário levarmos em consideração as heranças biológicas, a criação, a educação que vivenciou. Agora, quando se trata do coletivo, também se torna necessário conhecer a história cultural e a experiência de cada grupo. Isso porque, assim como cada pessoa nota o mundo, os grupos também compreendem que existem culturas e costumes distintos. Ou seja, a cultura é um fator para a percepção e valores ambientais das pessoas.

Os moradores antigos da Comunidade do ramal Pic Bela Vista percebem as transformações ocorridas na comunidade de maneiras diferentes de um recém-chegado. Ele vai relatar mudanças, por exemplo, na questão de violência. Antes, poderia transitar ao longo das estradas sem se preocupar com assaltos, ou poderiam dormir sem se preocupar em trancar suas casas. A conexão que ele tem com esse lugar é um sentimento superior, de amor, de apego, de pertencimento. Ele examina seu papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens.

Não podemos esquecer que a cultura é uma forma de retratar tudo que o homem produz através das experiências adquiridas ao longo da vida, é a partir dela que o lugar tem sentido, um significado próprio, uma identidade própria.

Seguindo esta concepção, o lugar, portanto, preserva uma memória no qual é retratada na paisagem. Onde a história de cada lugar é repassada de geração a geração, não só através de documentos escritos, mas também, da memória que é transmitida, compartilhada. (TAVARES, 2016, p.25).

Ao longo da vida o lugar é construído por meio da percepção dos símbolos, dos lugares conhecidos ou não, das memórias, e das experiências vividas que fazem do lugar uma representatividade. Para Holzer (1999), o lugar hoje é um conceito fundamental para o estudo da geografia. Isto porque segundo ele, lugar é o estudo dos lugares, pois para a geografia o conceito primordial seria o de localização, definido como a relação entre o arranjo interno de traços com seu entorno.

Ou seja, para o autor o lugar refere-se ao modo de ver o mundo. Lugar está associado a crenças das pessoas, aos símbolos e significados que damos, intencionalidade, tudo a partir das experiências vividas individualmente ou coletivamente.

O lugar passa a ter sentido desde o momento em que as pessoas dão significado, e esse significado é construído a partir das memórias individuais e coletivas, nos quais são depositados seus sentimentos e afetos, como uma lembrança de algo bom, ou de algo que lhe causou tristeza ao longo da vida.

1.4 Comunidade e lugar

Em meio ao avançar da globalização, observamos a intensificação e difusão dos valores e modo de vida nos quais os lugares que formam o espaço geográfico mundial acabam sendo conectados a uma rede de fluxos, contudo, vale lembrar que não são todos os lugares que estão integrados.

O resultado do processo de globalização proporcionou a aproximação entre os habitantes dos meios rurais e urbanos em uma rede de informações de forma que a paisagem, o espaço e o comportamento tendem a se reorganizar com esse novo sistema.

Ante o exposto, é importante discutirmos o conceito de comunidade tão consolidado que vem sendo trabalhado em debates, em que para uns teóricos o conceito de comunidade perde o sentido no mundo atual, e de outro lado, o conceito aponta uma resistência mesmo em um cenário individualista capitalista.

Em um contexto geral, poderíamos conceituar comunidade como um conjunto de pessoas que estando no mesmo lugar compartilham dos mesmos costumes, da

mesma cultura e história com interesses em comum. Podemos também mencionar que esse grupo de pessoas dentro da comunidade interagem entre si em processos de mutualismo, de competição, através de compartilhamentos de experiências individuais mostrando que a comunidade é muito mais que a soma desses grupos, a partir dela, surge uma diversidade de interesses e comportamentos que em certos momentos, afeta toda a dinâmica socioespacial e estrutural.

Em conformidade, Silva (2015) descreve que

Em grande parte dos espaços rurais no Amazonas utilizamos o termo “comunidade” para nos referirmos às concentrações populacionais da área rural, tanto as localizadas em terra-firme como na várzea. Não nos estenderemos aqui em uma conceituação sobre o que vem a ser uma comunidade no sentido sociológico da palavra, apenas esclarecemos que, quando nos referimos a comunidades. (SILVA, 2015, p. 41).

A autora ao citar Claval (2007) entende que a comunidade se constitui a partir da composição familiar, do elo de sangue que une os membros, ou através de projetos que caminham no mesmo objetivo.

Tendo uma melhor compreensão, existem comunidades que surgem a partir de um objetivo em comum, por exemplo, um grupo de pessoas recebe por doação determinadas terras que seu uso é determinado para a agricultura. Percebemos aqui, que a comunidade vai se constituindo não apenas pelo núcleo familiar, existem outras formas de compor a mesma, como um agrupamento de pessoas que não têm ligação consanguínea.

Outro ponto a mencionar é que no interior da comunidade existem relações heterogêneas, ou seja, as relações dentro do território são vistas como gerador de raízes, identidade, sentimentos de pertencimento, em que a comunidade passa a se diferenciar a partir das diferenças na construção de identidade da mesma, identifica-se as diferenças nos aspectos relacionados as dimensões socioculturais e econômicas e políticas.

A comunidade, todavia, apresenta uma infinidade de conceituações e apropriações, embora ainda esteja atrelada a noção de gueto, tradicionalismo, localismos e tribalismo o que desperta uma preocupação diante dos avanços da sociedade, no qual passa de uma temática menor (local) à uma prerrogativa global.

Nessa perspectiva observamos que as comunidades amazônicas caminham em oposição a temática global, apesar do comportamento urbano se infiltrar dentro da comunidade, verificamos uma certa resistência onde as particularidades caminham para explicar de modo plausível a identificação exata do determinado grupo.

Conforme Silva (2015) ao estudarmos sobre às comunidades devemos compreender além do termo da palavra,

Daí a importância de inserir nessas discussões o delineamento sobre comunidades, não do ponto de vista sociológico deste termo, pois existiriam problemas na validade da utilização do mesmo no aspecto epistemológico. Compreenderemos a utilização do termo “comunidade” do ponto de vista das pessoas que moram e vivem nesses lugares, pois, para elas, o termo comunidade possui significado diferenciado. (SILVA, 2015, p. 28).

Falando no contexto amazônico, podemos observar que a estruturação das comunidades estão ligadas a composição familiar, onde o modo de vida desse grupo de pessoas está voltado à subsistência. A partir do momento em que os indivíduos se fixam no espaço, acabam criando laços afetivos com o lugar onde naturalmente passam a coabitar comunitariamente, geralmente as famílias vão se multiplicando e povoando no território, o que estabelece um grau de parentesco entre os comunitários. No Amazonas, grande parte das comunidades surgiram a partir das Comunidades Eclesiásticas de base ligada à igreja católica, onde as toponímias, por exemplo, dão nome às comunidades que representam unidades de lutas.

A comunidade está mais ligada à associação dos sujeitos, no qual podemos compreendê-la a partir de duas perspectivas: uma ocupação acontece em terra firme onde a organização familiar de produção é autossuficiente, produzem o próprio consumo e o excedente é direcionado a comercialização. No entanto, apesar de realizarem relações comerciais fora da localidade, ou seja, relações puramente capitalistas, se reproduzem contraditoriamente a essa lógica. Nota-se aqui uma narrativa de resistência, à exemplo temos os conflitos de terras e a dos nossos próprios camponeses entregue à sorte, desassistidos pelo Estado. Em outra perspectiva, temos às ocupações em áreas de várzeas no qual, o processo histórico das populações ribeirinhas da região segundo Fraxe *et al.* (2011), é fruto do encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu em um dado momento ou da recente presença nordestina do período econômico da borracha. Onde a dinâmica fluvial e espacial está ligada a capacidade de desenvolver estratégias que se adaptem às variáveis do nível do rio.

Essa adaptação apontada por Fraxe *et al.* (2007, p. 12) descreve que à busca de uma nova solução ou a reprodução daquelas já consagradas histórica e culturalmente, pressupõe um diálogo constante do homem (sistema social) com a paisagem (sistema biológico).

Ao perceber as mudanças na paisagem, no ambiente, o indivíduo, a partir de suas experiências de vida, traça estratégias que permitem se adaptar às novas formas, o espaço vai sendo moldado, isso deixa claro que o homem ribeirinho, é um ser adaptável. A experiência adquirida em relação aos aspectos referentes ao modo de trabalho, às técnicas apreendidas que se adaptam aos ciclos biológicos e aos conhecimentos dos recursos naturais.

Consoante a esta discussão, SILVA (2015) escreve

No que concerne às sociedades rurais amazônicas, em especial as que vivem em agrupamentos populacionais, como as comunidades, as mesmas sempre mantêm relações com a cidade conforme observado em Fraxe et al. (2011, p. 19), “a relação com a cidade também se configura como um importante fator na formação da comunidade. A apropriação de novos elementos característicos da vida citadina marca a oposição entre ontem/hoje”. As influências citadinas acabam, inevitavelmente, marcando as áreas rurais, causando intercâmbios mútuos, pois, também em pequenas e médias cidades podemos encontrar alguns elementos do rural presentes em sua configuração socioespacial. (SILVA, 2015, p. 40).

No espaço rural observamos os comportamentos sociais das sociedades rurais amazônicas em como sua relação com a comunidade, com a terra e vizinhança fluem em conformidade com as diferenças de seu mundo com o espaço urbano à uma interação entre esses espaços. Essas relações do campo e a cidade influenciam no modo como as percebem seu espaço. De acordo com Silva (2015)

A relação campo-cidade é algo dinâmico, que passa a incorporar e influenciar também na vida e na formação e configuração de uma comunidade rural. As mudanças, certos investimentos, equipamentos chegam às comunidades e acabam influenciando em seus aspectos de organização espacial, organização política e com o ambiente, porém de forma diferenciada de uma comunidade para outra, pois esse processo não ocorre de forma homogênea em todas as comunidades amazônicas. (SILVA, 2015, p. 40).

As comunidades preservam suas particularidades, ao passo que organizam seus espaços de acordo com as regras que possibilitem viver em harmonia.

A maioria das comunidades apresentam características como infraestrutura, podemos encontrar elementos urbanos como os postos de saúde, sistema de encanamento de água, torre de telefonia, telefones públicos, mas ao mesmo tempo, embora algumas comunidades a implantação dessas políticas públicas aconteça de forma lenta.

Apesar de estudos científicos orientarem os pesquisadores a olhar o espaço estudado com um olhar de pesquisador, e se afastar do objeto de estudo, compreendemos que essa concepção não permite entender em sua total grandeza as particularidades. Uma única perspectiva não é capaz de compreender a

complexidade do homem amazônida. O pesquisador deve sim, mergulhar no mundo de sua pesquisa e experienciar.

Desta forma, entender a utilização do termo comunidade para além de seu conceito epistemológico, nos permite compreender a partir da percepção dos sujeitos que moram e vivem nesses lugares, pois para eles a comunidade tem um significado particular.

1.5 A Comunidade do ramal Pic Bela Vista: uma breve apresentação

Para apresentar o histórico da comunidade começaremos a situá-la dentro do perímetro à qual pertence. De acordo com o site do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas - IDAM¹, o município de Iranduba está situado na 7ª Sub-região do Rio Negro - Solimões, com uma área territorial de 2.204 Km², no qual, os aspectos populacionais indicam o número de 78 comunidades existentes, sendo a população urbana de 12.026 habitantes e a população rural 20.843 habitantes.

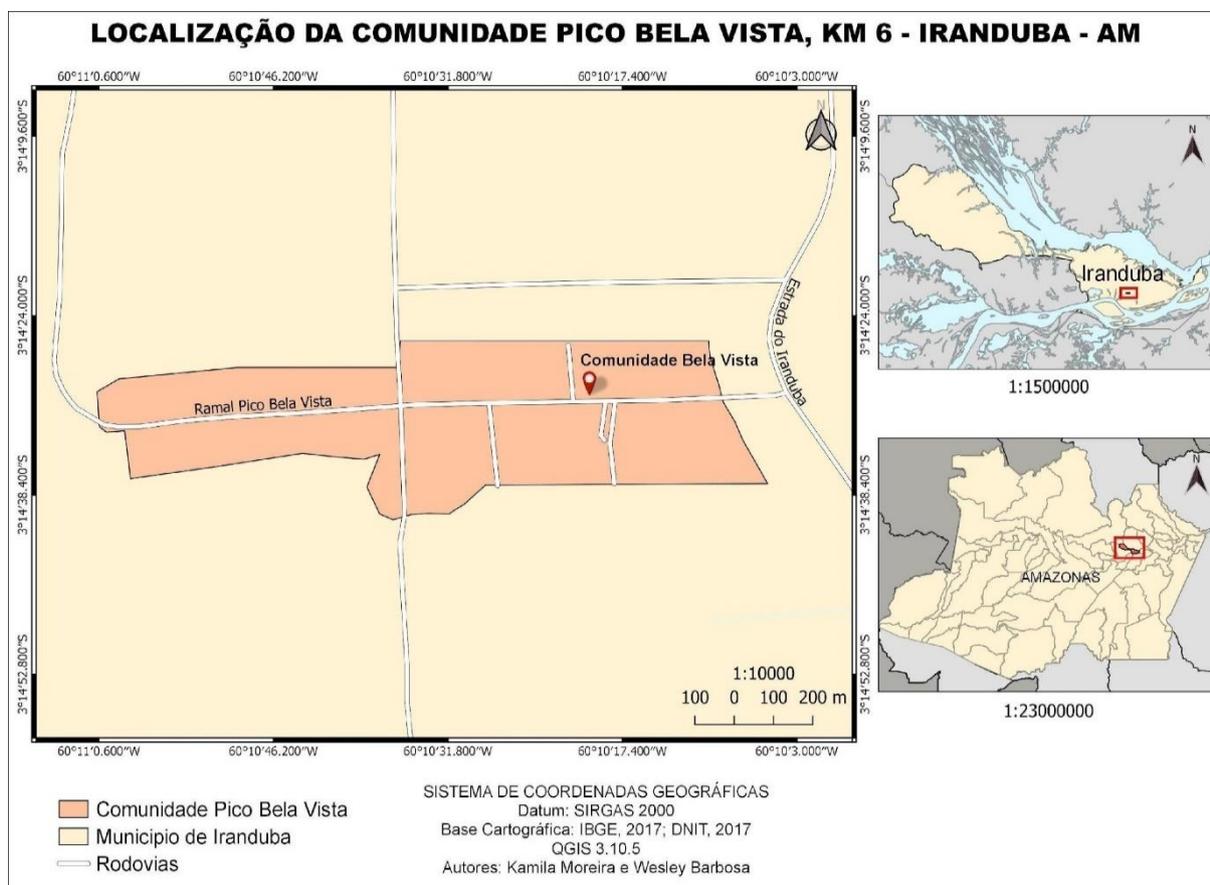
A população total do município de Iranduba, segundo o censo 2010² era de 40.781 habitantes. As origens acontecem no período do auge da borracha. Passado esse ápice, Manaus experimentou um período de estagnação e até retrocesso. Por estar próximo a Região metropolitana de Manaus, o município teve o incentivo de dois pólos econômicos, o de cerâmicas e o hortifrutigranjeiro para atender as demandas de Manaus nas décadas de 1970 e 1980, em virtude da implantação da Zona Franca e do Distrito Industrial, reativou-se a economia do município, florescendo em sua periferia vários núcleos populacionais, tendo entre eles Iranduba, que sobretudo a partir de 1976, veio recebendo consideráveis melhoramentos urbanos. Que por sua vez, com novas estradas fez surgir novas comunidades pelos ramais, como o ramal Pic Bela Vista.

A presente pesquisa foi desenvolvida na comunidade conhecida como ramal Pic Bela Vista, à margem direita da estrada principal AM-070, sentido Iranduba,

¹ Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas- IDAM. Disponível em: <<[Iranduba - IDAM](#)>>. Acesso em: 10/09/2022.

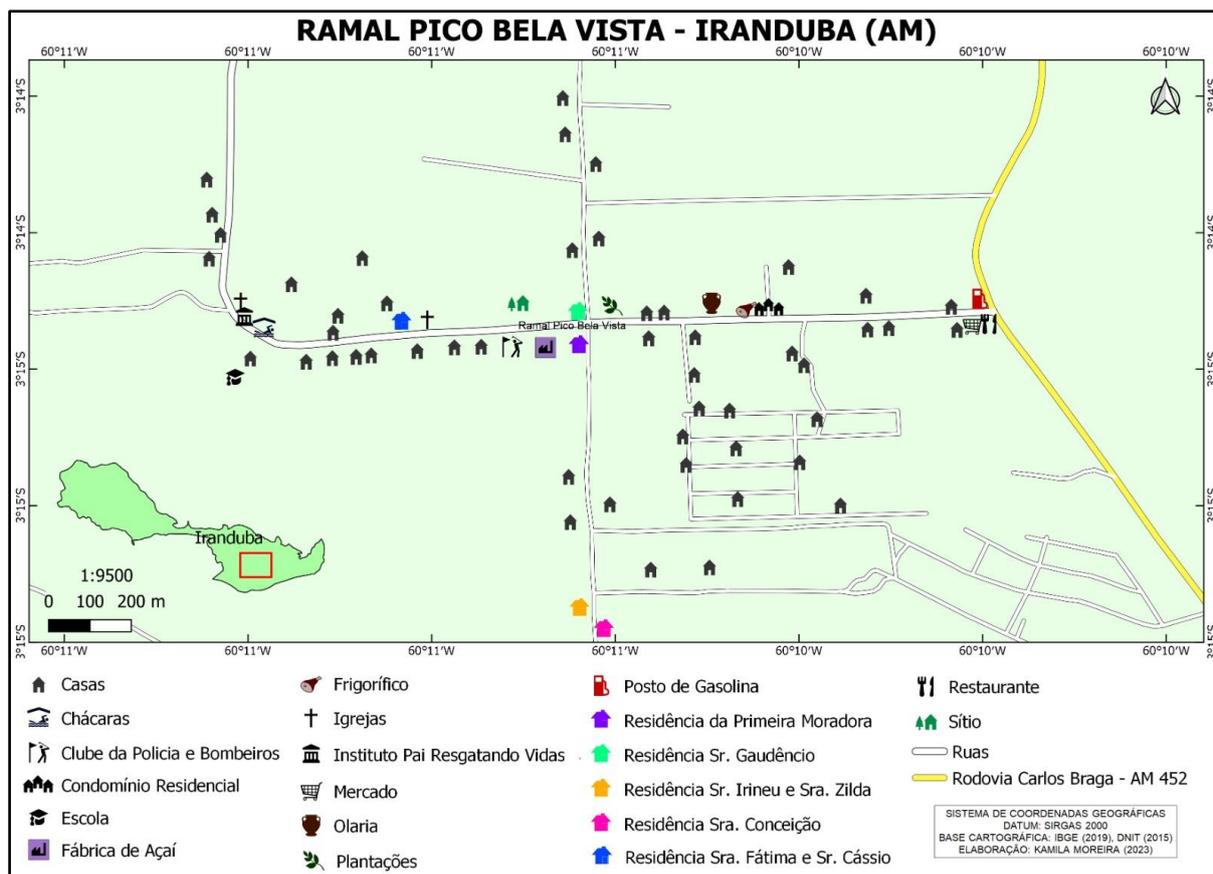
² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Dados referentes ao último censo de 2010, no qual apresenta a Densidade Demográfica, segundo o órgão, estimava-se que até 2021 a população chegaria a 49.718 pessoas. Disponível em: <<[IBGE | Cidades@ | Amazonas | Iranduba | História & Fotos](#)>>. Acesso em: 10/09/2022.

aproximadamente 6 km da sede do município de Iranduba, no interior do estado do Amazonas. Ao longo da via principal existem várias comunidades que se interligam por estrada. (Mapa 1).



Mapa 01 - Localização da área de estudo.
Organizado por: Kamila Moreira, Wesley Barbosa (2022).

Devido à dificuldade do acesso a informações da comunidade, foi determinado a elaboração do mapa mental com o intuito de mostrar mais esclarecimentos sobre a delimitação e espacialização territorial e social da comunidade. Os mapas mentais constituem-se como representações visuais da relação do sujeito com o espaço. Nos mapas mentais contêm informações geográficas, signos e elementos que têm a função de facilitar a comunicação permitindo o leitor compreender de forma mais detalhada as informações, e os acontecimentos intrínsecos no espaço que carecem de explicações em diversos níveis de dificuldade. Portanto, o mapa mental considera a essência. apresentamos a seguir o mapa 2:



Mapa 02 - Mapa Mental da espacialização territorial da Comunidade.
Organizado por: Kamila Moreira, Wesley Barbosa (2023).

Uma das formas mais utilizadas pelos moradores para chegar à comunidade, pela estrada principal, é o uso do transporte público que faz linha do ponto de ônibus na cidade de Manaus para o Iranduba. Existem outras formas para chegar à comunidade como o táxi lotação que também deixa os usuários até a entrada do ramal da comunidade e até mesmo às conduções próprias dos comunitários.

Para os moradores que não possuem meios de transportes próprios, seguem o percurso do ponto de ônibus na entrada do ramal até sua residência à pé, no qual, dependendo da distância da residência da pessoa pode chegar a aproximadamente 1 km ou mais.

Durante o trajeto, observamos uma paisagem com traços rurais, mas ao mesmo tempo, existem elementos urbanos resultantes das ações do homem sobre o espaço como fábricas de cerâmicas, mercadinhos, frigorífico entre outros. Embora o ramal da Comunidade Pic Bela Vista tenha surgido há algumas décadas, nunca foi asfaltada, atualmente encontra-se pavimentada apenas com barro, como mostra algumas imagens a seguir.



Figura 01 - Ramal Pic Bela Vista (Iranduba/Amazonas): **a)** e **b)** pessoas transitando no ramal em fevereiro de 2020; **c)** Cruzamento principal do ramal em março de 2023.
Foto: Kamila Moreira, 2023.

Diferente de como se encontra o ramal hoje, o acesso à comunidade surge a partir de uma picada³, comumente chamada pelos comunitários de piquete. Na época,

³ Segundo o dicionário online Priberam, picada refere-se ao ato de picar. Ferida ou golpe com objeto aguçado (como alfinete, agulha, etc.). Atalho aberto com recurso a um instrumento de corte. Caminho estreito por entre o mato. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/picada>. Acesso em: março de 2023.

os primeiros moradores fizeram um caminho pequeno entre a mata, que foi aberto por facões para chegarem ao terreno, que até então era inacessível. Na atualidade a mesma, pouco a pouco foi ganhando uma nova configuração espacial, os próprios comunitários uniram-se para moldar e remodelar à comunidade de acordo com suas necessidades, dado ao posto que as reivindicações por melhorias não eram atendidas pelas autoridades locais. As problemáticas que vão se revelando desde a constituição da comunidade serão discutidas ao desenrolar do trabalho.

1.5.1 O lugar contado: relatos dos moradores antigos

A comunidade do ramal Pic Bela Vista, segundo alguns moradores, foi constituída há 52 anos, na década de 1970. Historicamente acontece em meio ao cenário de florescimento de núcleos populacionais da região metropolitana de Manaus. Assim, por intermédio dos relatos pudemos identificar como foi o surgimento da comunidade.

A pesquisa pautou-se não só na memória dos moradores, mas como também, no conhecimento preexistente por parte da pesquisadora, pois tem grau de parentesco com a família da considerada primeira moradora, sendo bisneta (tendo parentesco com as sras. Glaucione, Glafira e Glafira), e por ter residido na comunidade, tendo assim memórias afetivas com o lugar.

Ao recordar minha infância, vem as lembranças de quando íamos visitar meus avós, no sítio que moravam na comunidade. Nessa época, meus pais, eu e minhas irmãs morávamos na cidade de Manaus. Meus pais que já haviam morado na comunidade a um tempo atrás, ainda mantinham contato, visitando nossos familiares. Certo ano, meu pai ficou desempregado, devido a situação financeira ficar complicada, decidiram morar com meus avós na comunidade. As lembranças que trago nesta pesquisa, trazem sensações nostálgicas. A paisagem da época era bem diferente da atual, não existia tantas casas ao longo do ramal, existiam vários campos, fazendas. A luz elétrica era movida ao motor de energia, salvo quem tinha em suas residências, onde era ligado no início da noite e não passava das 22 horas, quando era desligado. As ruas eram perigosas à noite pois não havia poste de luz. Não existia água encanada, usávamos poço artesianos.

Observamos por meio dos relatos de quem viveu e quem ainda vive na comunidade, que as muitas histórias construíram e reconstruíram os modos de vida.

Ao mergulhar pela história da Comunidade localizada no ramal Pic Bela Vista, consideramos a importância do senhor Donato, presidente do Sindicato Rural de agricultores na sua gênese, e da senhora Rosário, mais conhecida pelos comunitários e familiares como Dona Dadá, que foi precursora da comunidade (Figura 02).



Figura 02 - Na foto mostra a Sra. Rosário (falecida Dadá), a primeira moradora da Comunidade na frente de sua residência, está já reformada.

Foto: Arquivo pessoal da sra. Rosário. Org. Kamila Moreira, 2023.

De acordo com Tavares (2016),

O lugar preserva a memória que permanece em traços engravados em sua paisagem. A história de cada lugar é repassada de geração em geração, para além dos documentos escritos, marcada na memória que é transmitida de pai para filho... oralidade que leva as gerações posteriores a experienciar o espaço precedente por meio dos relatos daqueles que viveram este espaço em seu cotidiano pretérito. (TAVARES, 2016, p. 25).

Sendo assim, os relatos revelam que a partir da memória de quem viveu e de quem vive transmite o sentido e a forma de como era ou é a dinâmica da comunidade. “Por isso, muito mais do que história, a memória transmite a essência do vivido aos receptores, aqueles que vivem os tempos ulteriores do espaço vivido, do lugar no tempo” (TAVARES, 2016, p. 25). É neste contexto que evidenciamos a história a partir da memória do lugar contada pelos moradores antigos como o senhor Antônio Gaudêncio, e os familiares da senhora Rosário que residem na comunidade.



Figura 03 - Fotografia tirada no dia da entrevista, onde morava a sra. Dadá, atualmente, habita pela filha. A esquerda é a sra. Glafira, ao meio é a sra. Glacira, ambas filhas da sra. Dadá. E à direita, a sra. Glaucione, filha de dona Glacira.

Foto: Kamila Moreira, 2023.

Segundo relatos tanto das filhas da dona Rosário, quanto do Sr. Gaudêncio, a comunidade do ramal Pic Bela Vista têm sua origem por volta da década de 1970, quando o então presidente do Sindicato Rural de Agricultores, o Sr. Donato, distribuiu lotes de terras.

Depois de muitas tentativas em busca de respostas sobre a origem das terras, encontramos no site do Incra (documento em anexo 1) uma relação de assentamentos criados e reconhecidos. Neste documento é descrito os Projetos de Reforma Agrária conforme as fases de implementação que datam o período de criação do Projeto de 01/01/1900 até 05/11/2022. No que desrespeito a comunidade Pic Bela vista consta no documento que a data de doação das terras em 30/12/1941, e a criação da terra em 31/12/1971.

Através deste documento podemos confirmar os relatos dos moradores nós quais afirmam que as terras eram do Incra, e que no início da comunidade as terras foram distribuídas pelo sr. Donato (presidente do sindicato de agricultores), com destino a agricultura. Inclusive, seu Donato ainda possui terreno na comunidade até hoje, onde sua esposa (atualmente viúva) e filhos residem (Como relata a sra. Glacira, 2023).

Ainda no documento, identificamos a comunidade do ramal Pic Bela Vista como pertencente a Superintendência Regional do Estado do Amazonas, tendo como município sede, Manaus. Estando em fase de assentamento consolidado, onde data o ato de criação em 31/12/1971, em forma de doação na data de 30/12/1941.

Várias pessoas pegaram lotes, dentre eles Dona Dadá e o seu Antônio Gaudêncio. Logo em sequência, dona Dadá decide morar no terreno que recebeu, com a finalidade de trabalhar naquelas terras, morou por cerca de 2 anos sozinha.

Em uma casa feita de palha com algumas partes de plástico preto e uma divisória feita de estaca tiradas da mata local, diz a Sra. Glacira, filha da Sra. Rosária. (novembro de 2019).

Dona Rosário passou a trabalhar em sua terra no plantio de mandioca para fazer a farinha, e muitos outros tipos de frutas, que eram vendidos aos familiares dos outros moradores que posteriormente, passaram a residir no local. Segundo as filhas da Dona Dadá, as senhoras Glacira e Glafira, no qual atualmente somente a dona Glafira que reside na comunidade, relatam que as frutas como tucumã e a farinha de mandioca eram vendidas algumas vezes na sede do Iranduba, e na maioria das vezes eram vendidas na própria residência na comunidade. A princípio, as atividades econômicas dos moradores eram resultadas da caça, pesca, agricultura e da criação de animais como galinhas, no qual vendiam na própria comunidade ou na cidade, e que também era destinado para o consumo próprio.

Nessas primeiras décadas, nas falas do Sr. Gaudêncio e das filhas da Dona Dadá, a comunidade ainda não era contemplada por políticas públicas como luz elétrica ou o abastecimento de água.

Havia casas simples, feitas de palha ou madeira, que eram distantes uma das outras onde quase não se viam, a não ser nos finais de semana ou quando iam pra vila de Iranduba comprar alguma coisa. Como não havia abastecimento de água, os moradores dependiam do igarapé que ficava próximo à casa do Sr. Wollace, a qual tomavam banho, lavavam as roupas e pegavam para o consumo, conta o Sr. Gaudêncio. (Gaudêncio, 2019).

Em relação à educação, a comunidade não tinha uma escola, os filhos dos comunitários frequentavam a escola na vila de Iranduba. Onde andavam 1km até a estrada principal para pegar o ônibus até a cidade. Não havia luz elétrica, “era lamparina todo dia” relata a Sra. Glacira. (Glacira Castro do Nascimento, 2019). Só depois de muitos anos que a comunidade Bela Vista passou a ter a rede elétrica.

No decorrer de 2020, sem podermos ter contato social com os comunitários, devido às medidas adotadas de distanciamento social do Covid-19, pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde pela OMS, optamos por usar os recursos tecnológicos para entrevistar moradores que já não moram na comunidade do ramal Pic Bela Vista. Um desses relatos é da Dona Glaucione Castro Nascimento Moreira, neta da Dona Dadá, que foi realizado via aplicativo do WhatsApp.

Embora, atualmente não more na comunidade, suas experiências na comunidade são válidas, visto que, sua chegada na comunidade acontece bem na gênese. Indagada sobre a origem da comunidade, Dona Glaucione explica como era viver naquele momento:

Foi um período difícil, pois carregávamos água de um córrego onde era ladeira, chegávamos cansados com a panela na cabeça, minha avó ajudava, pois ela enchia o camburão. Como não tinha energia, bebíamos água do pote e à noite usava-se lamparina para clarear nosso jantar. Para irmos a escola andávamos 1km para chegar na pista e esperar o ônibus, no sol ou na chuva. Minha farda da escola era passada no ferro a carvão, algumas vezes eu me queimava ou sujava. O ramal era cheio de mato, na verdade era um pico, não tinha estrada. Nossa casa era de palha, e dos vizinhos também. Minha avó fazia farinha, e chamava às vezes um vizinho para ajudá-la, sempre era seu Hermínio e dona Maria (Glaucione Castro Nascimento Moreira, 2022).

Observa-se que, é regatado no processo de construção da memória do lugar de Dona Glaucione o período exato do início de sua atividade na comunidade. Identificando que sua chegada acontece dois anos depois de sua avó, Dona Dadá, já está residindo na comunidade. Aos 11 anos de idade juntamente com seu irmão um ano mais novo, passaram a morar com sua avó para ajudar na plantação de macaxeira e mandioca e fazer companhia, pois ela morava sozinha.

Quando falamos no processo de construção da memória individual podemos considerá-los conscientes e inconscientes. Pollak (1992) aponta que a memória é organizadíssima, sendo um elemento que se organiza em função das preocupações pessoais e políticas do momento, mostrando que é um fenômeno construído.

Mas adiante nos escritos de Pollak (1992) este descreve que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização.

Ou seja, os indivíduos tendem a selecionar memórias que experienciaram, por exemplo, uma data, uma memória traumática ocorrida em um espaço ao ponto de determinar a mudança de trajetória, ou até reorganizar o espaço público. Significa que o homem exerce influência sobre o espaço influencia e intencionalidade.

No tempo em que a dona Glaucione estava na comunidade não tinha uma recreação comunitária, na verdade, quase não tinha jovens, apenas ela, seu irmão e os filhos menores da Dona Maria, outra moradora antiga. Todos os vizinhos viviam do que plantavam como farinha e frutas. Existia respeito a religião, cada um fazia suas preces nas suas casas, não tinha igreja e nem se reuniam para se congregarem, pois cada um tinha sua religião.

Quando minha mãe foi morar, na comunidade já tinha nome, e o ramal já estava mais aberto, derrubaram as matas para fazer a estrada. E com a chegada de outros moradores, a comunidade foi crescendo, e aí fizeram um campo de futebol, no terreno de um vizinho para recreação dos comunitários, foi quando chegaram mais moradores e disputa de campeonato, onde meu pai e meus irmãos foram organizando o time do ramal Bela Vista (Glaucione Castro Nascimento Moreira, 2022).

Ao longo da entrevista foi questionado o motivo de sua saída da comunidade, a Dona Glaucione explicou:

Sai da comunidade com 17 anos, quando conheci o filho de uma nova moradora da comunidade, a qual se chamava Dona Conceição e seu esposo João. Sair para casar com meu marido Elielson Moreira, o qual até hoje ainda estamos juntos. Mas hoje, guardo muitas lembranças que vivi ali, que nunca esquecerei, pois apesar de ter sido uma vida difícil para minha idade, menina da cidade que foi morar no Mato, sem luz, sem geladeira. Fui feliz, da maneira que vivi (Glaucione Castro Nascimento Moreira, 2022).

Com base nos relatos até então transcritos, podemos perceber que apresentam memórias carregadas de muitas experiências vividas, sejam elas individuais ou coletivas. Nas primeiras visitas em campo, percebemos que na comunidade existe traços urbanizados, embora, ainda permaneçam características do campo, como ramal principal da comunidade ainda não foi asfaltado, e ainda assim, muitos moradores transitam com seus transportes próprios como o carro e moto, mostrado nas fotos a seguir:



Figura 04 - Foto do ramal Pic Bela Vista.
Foto: Kamila Moreira, 2019.



Figura 05 - Foto de trator pavimentando o ramal Pic Bela Vista.
Foto: Kamila Moreira, 2020.

Atualmente a comunidade Bela Vista, enquanto espaço vivido, ainda tem traços rurais que mesclam com o urbano. Elementos urbanos como os transportes, a rede elétrica, o abastecimento de água e fábricas como olarias de cimento e de cerâmica visualizamos ao longo do ramal.



Figura 06 - Foto da fábrica de cerâmicas no ramal da Comunidade Bela Vista.
Foto: Kamila Moreira, 2020.

Ao longo dos anos percebemos que as políticas públicas têm levado infraestrutura urbana para as comunidades do Estado do Amazonas. Desta forma, quando observamos a área de pesquisa, percebemos uma comunidade em processo de transformação, da infraestrutura. A cada dia a comunidade está crescendo e com isso trazendo consigo novos significados, e novas funções com a presença dos novos moradores. A dinâmica tem se modificado, como relata o Sr. Gaudêncio:

Principalmente, depois da construção da Ponte do Rio Negro, aqui não é mais a mesma coisa. Você anda na estrada e fica com medo de ser assaltado. Além de ter assaltantes nas casas. Inclusive, eu já fui roubado várias vezes. Um três espingardas que tinha o cara entrou aqui e levou (Relato do Sr. Gaudêncio (janeiro, 2020)).

Notamos aqui, novas preocupações referentes à violência urbana que tem chegado às comunidades que se interligam com a estrada de Manaus. A Memória que seu Gaudêncio tem é de uma comunidade calma, sem violência.

A presença do urbano tem marcado diversas comunidades, entretanto, não descarta as características rurais, muito pelo contrário, elas ainda permanecem, a exemplo disso, vejamos as fotos a seguir:



Figura 07 - Canteiro suspenso no quintal da residência da Sra. Glafira na Comunidade Bela Vista.
Foto: Kamila Moreira. Novembro, 2020.

O modo de vida que observamos de alguns moradores retrata o que diversas comunidades vivenciam, a mistura do urbano e rural no qual determinam a forma como os sujeitos concebem o seu espaço vivido. Boa parte dos comunitários tem hortas em seu quintal, no qual são usados para o consumo em casa e para venda. Como mostra as fotos a seguir:



Figura 08 - Legumes e verduras colhidas no quintal da residência da Sra. Glafira na Comunidade Bela Vista.

Foto: Kamila Moreira, novembro, 2020.



Figura 09 - Senhor Gaudêncio e sua barracquinha de frutas, verduras e legumes em frente à residência, às margens do ramal Pic Bela Vista.

Foto: Kamila Moreira, janeiro, 2020.



Figura 10 - Barraca para a venda de frutas, verduras e legumes na frente da residência de moradores, às margens do ramal Pic Bela vista. Foto: Kamila Moreira, janeiro, 2020.

Passados os períodos de pico da pandemia do Covid-19, e a liberação das atividades, já no ano de 2022, aos poucos fomos retomando com os trabalhos em campo, sempre respeitando as regras de higienização e distanciamento. Desta vez, conversamos com novas pessoas, sendo elas o sr. Civaldo, filho de Dona Conceição, uma das moradoras antigas da comunidade, e o sr. Pedro.

Iniciamos a conversa com o sr. Civaldo explicando o objetivo da pesquisa, no qual é compreender através dos relatos dos comunitários a percepção que eles têm da comunidade, suas relações afetivas e a importância da comunidade para os moradores. Estavam presentes no dia o sr. Civaldo e a Dona Glaucione, neta da senhora Dadá, acompanhando na pesquisa. Assim, foi questionado ao sr. Civaldo sobre como foi sua chegada, e sua vivência ao longo dos anos na comunidade:

Eu tenho uma boa noção disso aí porque, apesar de eu morar fixo aqui, eu sempre estava por aqui. Era difícil final de semana que eu não estava por aqui, eu passava semana quando não está fazendo nada em Manaus. É, é e na questão cultural e até falando de comunidade, por incrível que pareça 20 a 30 anos atrás era bem melhor do que agora, porque apesar de ter muito menos pessoas e o acesso muito difícil, era as pessoas pouco que tinham eram bem unidos, sabe? (Civaldo, 2022).

Assim como o senhor Gaudêncio havia falado sobre a violência na comunidade, o sr. Civaldo também aponta esse crescimento na comunidade:

E o que eu observei também o crescimento da violência. Aqui já chegou um pouco pra cá. Ano passado mataram uma pessoa bem aí, quer dizer, trouxeram pra matar aí, então a violência está praticamente batendo nas nossas portas, na comunidade. Eu na minha observação, ontem nós tava conversando sobre isso estava falando pra ela, que por incrível que pareça, 30 20 anos atrás parecia que as coisas eram mais fáceis, apesar de ter menos gente, apesar de ter o acesso difícil, né?! Que era, pessoas que vinham principalmente de Manaus, de balsa, estrada ruim, houve grandes melhorias. (Civaldo, 2022).

Isso ressalta como a comunidade foi sendo afetada pelo crescimento das cidades, principalmente, pós construção da Ponte do Rio Negro que liga a cidade como o Iranduba, uma extensão territorial da metrópole. Aumentou-se o número da criminalidade nas comunidades, as estradas ficaram perigosas, as casas que antes não se preocupavam com assaltos, e outros tipos de violências, agora modificam toda a dinâmica do cotidiano.

Prosseguindo na conversa, seu Civaldo, fala sobre as memórias que tem dos momentos de recreação das manifestações religiosas e, dos festejos na comunidade:

É... e, e não sei se tu lembra do nosso antigo presidente da comunidade, né, que era o Hermínio, seu Hermínio, não sei se tu se lembra. (pergunta a senhora Glaucione, que responde, sim). Poiser. Ele apesar de num ter um conhecimento assim não tinha estudo, mas ele era uma pessoa muito dada com as pessoas do Iranduba ele conseguia, ontem mesmo eu tava comentando com minha esposa aqui, era difícil um final de semana que não tivesse jogo aqui, no campo de futebol, ou então vinha gente de outras comunidades do Iranduba passavam aqui oh, vindo do Iranduba a pé aqui era passagem essa rua aí é daqui pro Iranduba dá uns 5 km. O pessoal vinham de lá pra jogar bola aqui, a gente ia daqui pra lá. Então era assim, hoje em dia você não ver, mas isso também. Na questão mesmo de... a gente a gente tinha uma festa aqui, né?! quem era católico e mesmo quem não era católico se envolvia. Porque era uma, uma coisa toda comunidade, né?! Uma festa que dia 4 de outubro, que era dia de São Francisco. Então isso... essa festa acabava movimentando toda nossa comunidade, né. Mesmo que não gostava de festa querendo ou não participava, porque, eu não gosto de festa, mas eu ia lá no campo olhar o jogo. Eu e olhar alguma coisa que estava acontecendo de cultura, as pessoas iam vender as coisas lá no, seus produtos lá na beira do campo. Minha mãe mesmo chegou, a gente chegou ir lá vender farinha, goma. A gente começou aqui, o produto daqui da área era só farinha. Todo mundo aqui tinha sua roça. A avó dela (referindo-se a avó da dona Glaucione e minha bisavó) era uma das que tinha roça. Seu Gaudêncio lá também bem que já, que bem veterano daqui. (Civaldo, 2022).

Nesta narrativa, apresenta uma outra perspectiva da comunidade, as memórias do Sr. Civaldo em relação ao seu contato com a comunidade, suas relações afetivas que acaba revelando, mais manifestações culturais da comunidade, e de como era importante para os sujeitos, pois segundo sua fala, por exemplo, quando tinha festejos da igreja ou campeonatos de futebol até era a diversão da comunidade. Até mesmo quem não gostava acabava indo para socializar e interagir.

O morador, senhor Pedro, nos narrou sua experiência de vida na comunidade, mostrando que antes de morar na comunidade morava na cidade de Iranduba. “Do Baixo vim pro Iranduba e do Iranduba vim pra cá pro Bela Vista” (Sr. Pedro, 2022).

Segundo ele, está na comunidade há 27 anos, no qual em dezembro deste ano (2022) completará os 28 anos de comunidade na data de seu aniversário de 72 anos de idade. Perguntamos ainda sobre sua chegada na comunidade, foi nos relatado através de sua memória como eram organizadas as terras dos moradores “de antigamente”.

Quando nós chegamos pra cá, os proprietário de terreno grande, como esse aqui era uma área grande, um lote de terras, né. E aquele Marco Aurélio, nos fumos lá na beira do igarapé fazer a demarcação, porque naquele tempo não tinha documento, né?! Esse aqui foi vendido (se referindo ao seu terreno), mas esse aqui era do INCRA. Aí descobrir o assentamento do INCRA, rapaz era quase do tamanho do Iranduba. Eu rodando todo tempo aí não sabia aonde era. Aí foi quando apareceu civilização aqui pro sitio, através desse assentamento aí. Aí pronto, rapaz... se danaram! Entrou tanta da gente por aí pra morar, tá quase uma cidade. Ai os que tinham terreno grande, como esse daqui, foi loteando e vendendo, os maiores que tinham eram esses nossos, essa área aqui, tudo de 50m. O que passa pra lá é só condomínio, tem o beach park e outros condomínios a coisa mais bonita do mundo. Esse lado aqui (se referindo ao outro lado da rua) o Antônio Gaudêncio (um dos moradores veteranos) vendeu tudinho, 100 m por 100, loteou e vendeu tudinho (Sr. Pedro, 2022).

Nesta narrativa observamos um novo olhar sobre como a comunidade foi se constituindo, e como foi se configurando o processo de povoamento. No decorrer da entrevista com seu Pedro, foi perguntado sobre gostar da comunidade a ponto de se firmar no lugar, quanto a isso o sr. Pedro respondeu:

Gostei sim, porque até agora, graças a Deus aqui ainda tenho sossego. Você pode ficar até as 08 horas (pm) com porta aberta. Mas daí pra fora nos outros ramais não consegue não, até roubo sei que, quando os olhos já abre se foi. Falo de brincadeira, porque isso aqui ainda tem civilização. O pessoal que mora pra esse lado daqui é quase tudo da época que eu vim pra cá.

É interessante destacar a percepção nessa fala sobre as diferenças que o morador aponta em relação ao comportamento entre as comunidades vizinhas em relação à questão de violência. Diferente do relato do Sr. Gaudêncio que descreve a violência como um fato preocupante em um cenário pós construção da ponte sobre o Rio Negro em que se elevou o número de violência nas comunidades do município do Iranduba, o Sr. Pedro expõe que a comunidade ainda apresenta uma certa segurança e sossego.

Em outras falas o Sr. Pedro explica como era trabalhar na comunidade na época de antigamente, segundo ele ao ser questionado,

Ah minha filha, eu trabalho no serviço aqui, não tinha emprego pra ninguém não. O único trabalho que tinha era batção de campo, aqueles pessoal que tinha gado e os lenheiros que tiravam lenha. O pessoal do Cornélio, era, mas ele mesmo. Agora ali, do outro lado pra lá, pra estrada do Iranduba pra lá, cada uma olaria daquela tinha o seu tirador de lenha. Era esse Kaká (morador e dono de um pedaço grande de terra que fica localizado no início da entrada do ramal da comunidade, na margem da estrada principal do Iranduba), era o único patrão que tinha, que podia arrumar uma diária, uma semana, duas, pra pessoa e só, que era gente demais desempregada. As olarias no portão ficava uma fila imensa que nem como aí receber dinheiro no banco. Do lado era homem e de outro mulher atrás de emprego. E tinha acular um caminhão de gente, o carro tinha 12,15 homens. Tinha gente que dormia lá no roçado pra não perder a vaga no outro dia porque, se ele fosse pro Iranduba no dia, quando era no noutro dia quando chegava já tinha outro na vaga (Sr. Pedro, 2022).

O processo de construção de memória do seu Pedro é interessante, conforme suas lembranças observamos a riqueza de detalhes dos tempos antigos da comunidade, a dificuldade que os moradores antigos enfrentavam naquela época em busca de sobrevivência, quem não tinha plantações era obrigado a encontrar uma outra fonte de sustento para o lar, no qual muitas das vezes tinha que se submeterem a condições precárias de trabalho em troca pouco trocados.

A partir de cada narrativa percebemos as particularidades e experiências coletivas do mundo vivido por cada indivíduo, para cada sujeito as recordações são relatadas conforme as experiências que foram adquirindo ao longo de suas vidas. Nesse processo de percepção do lugar, a fenomenologia nos fornece subsídios que permite conhecer o mundo percebido e vivido dos homens, além de mostrar como os seres humanos compartilham experiências em comum. Apresenta também como o lugar tem sofrido mudanças constantes na fisionomia e nas relações sociais e econômicas e que estão relacionadas a implantação de políticas públicas, onde tem influenciado os costumes e hábitos originários da comunidade.

CAPÍTULO 2

**Percepção e Memória: as mudanças na paisagem da
Comunidade do ramal Pic Bela Vista**

2.1 A percepção e memória

Ao buscarmos entender como os indivíduos que residem na comunidade percebem e representam seus lugares, torna-se imprescindível à compreensão sobre percepção e memória, pois é onde estão as características da consciência ou da capacidade humana em conceber o conhecimento de si e do mundo.

As relações humanas com o meio em que está inserido se apresentam repletas de complexidades, isto porque, a visão de mundo do indivíduo está ligada a visão que têm de si próprio, ou seja, na carga de experiências adquiridas ao longo da vida. Esta visão de si e do mundo também pode ser influenciada pela visão de outros sujeitos. Deste modo, é impossível trabalhar espaço cotidiano, lugar sem ter noção da construção da personalidade humana.

Motta (2003) menciona que Vygotsky pondera que, qual seja a constituição cultural do homem, pensando à conotação humana de um modo dialético, colocando o homem como um ser concreto, histórico, que à medida que se constrói a si mesmo, também, torna-se construtor do mundo.

As pesquisas de Vygotsky sobre a mente humana consideram que o desenvolvimento da inteligência e da cognição associado ao desenvolvimento social é resultado da interação social, ou seja, o sujeito é capaz de criar suas próprias condições de existência (MOTTA, 2003, p. 72-73).

O homem, embora seja um ser complexo, é capaz de mudar o rumo de sua própria história em várias circunstâncias, têm a capacidade incrível de se adaptar a qualquer situação nos mais diversos ambientes sem que isso provoque um conflito com sua civilização, pois à própria vida também é multifacetada, cada momento se mostra de forma diferente. Essa multidimensionalidade mostra-se necessária ao ser como modo de viver em harmonia com a sociedade, caso contrário, seria um indivíduo excluído da sociedade por ser individualista.

Podemos imaginar como o homem ribeirinho possui a inteligência e a capacidade cognitiva de conviver, por exemplo, com o ciclo das águas no período da cheia e vazante, percebemos que o seu modo de vida respeita o tempo ecológico dos recursos naturais, onde há toda uma dinâmica para organizar a sua moradia, a sua alimentação e o seu trabalho conforme o ritmo hidrológico. Diferente das populações que residem em terra firme, os ribeirinhos vivem às margens dos rios, tal como os

igarapés, igapós⁴ e lagos que compõem parte dos leitos dos rios amazônicos. No cotidiano dos ribeirinhos é estabelecida uma relação harmoniosa com o rio, pois, segundo descrevem Santos e Costa (2020 além de ser um lugar de moradia, também se revela como um espaço de produção, de onde é retirado o sustento de sua família. O modo de vida do ribeirinho segue seu próprio curso, na qual precisa se reorganizar de acordo de acordo com a dinâmica ambiental a que está submetido ou vivenciando.

Tomando essa discussão como ponto de partida, podemos dizer que é nas suas relações cotidianas que o homem se percebe como sujeito, não apenas como um objeto, mas, como um protagonista de sua própria história.

Além disso, pode-se ainda, mencionar que o homem percebe seu cotidiano de diferentes maneiras, inclusive começa a distinguir as visões de mundo de outros sujeitos em várias fases do desenvolvimento humano.

Nosso cérebro ao ser estimulado, rapidamente capta através dos receptores os sinais elétricos que são transmitidos pelo sistema nervoso, na qual fará à interpretação, assim, ocorrendo a percepção e a sensação que é percebida pelos nossos sentidos.

Os autores Del Rio e Oliveira (1999) entendem a percepção como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos. Os autores mencionados discutem que, segundo Gibson (1966),

os mecanismos perceptivos são direcionados primeiramente pelos estímulos externos que são captados pelos cinco sentidos, no qual a visão se destaca. Sendo o segundo aqueles que compreendem a contribuição da inteligência, uma vez admitindo-se que à mente não funciona apenas a partir dos sentidos e nem recebe essas sensações passivamente: existem contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo desde a motivação à decisão e conduta (DEL RIO; OLIVEIRA, 1999, p. 3 apud GIBSON, 1966).

Tornando mais amplo a concepção, os autores descrevem que nos mecanismos cognitivos são incluídos a motivação, o humor, as necessidades, os conhecimentos prévios, os valores, os julgamentos e a expectativa. Isto é, nem toda percepção acontece pelos sentidos, realidade ou objeto visto pelo sujeito é acionada pelo conhecimento pré-estabelecido, que é absorvido pelos processos perceptivos

⁴ Segundo o Dicionário Geológico Geomorfológico do professor Guerra (1993), igarapé é denominado como pequenos rios, na grande região norte, sendo um termo indígena que significa “caminho de canoa”. Enquanto igapó é uma denominação regional da Amazônia para os terrenos que ficam alagados por ocasião do transbordamento dos rios, e onde existe cobertura florestal. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=223450&view=detalhes>.

que ocorrem na memória, especialmente, no cérebro humano no qual passa pelo processo de organização e representação. Quando não existe uma representação real, o sujeito cria uma imagem, por exemplo, de uma praia, de um lago, para assim poder compreender o que está sendo falado. Construir uma ideia é um exercício mental de ligar a palavra à imagem que a pessoa já possui, porque a linguagem - a faculdade simbólica se apoia na imaginação [...]. (CASTORIADIS, 1999, p. 42 citado por MOTTA, 2003).

A imaginação está presente na mente do ser humano, ela se manifesta a partir das experiências adquiridas ao longo da vida, na qual se criam muitas imagens que moldam a forma de pensar e agir no meio onde está inserido.

De acordo com Motta (2003) cada uma enxerga a si mesmo e aos outros conforme o seu contexto cultural, por meio da bagagem de conhecimentos e de conceitos que carregam e, baseado nisso, costurando a sua relação com o mundo, embora o sujeito tenha adquirido experiências individuais, vale lembrar, que ele é um produto histórico, ou seja, sua bagagem de conhecimento também é adquirida coletivamente, existem muitos aspectos comum com o grupo.

A percepção que chega até nossos sentidos foi desenvolvida ao longo dos tempos, no qual homens e mulheres se especializaram em atividades distintas no seu cotidiano, em que acabaram desenvolvendo uma visão mais adequada para determinadas atividades do que para outras. É só voltarmos ao passado, quando os primeiros homens exerciam as atividades de caça, a sua visão permitia avistar uma presa a quilômetros de distância, enquanto às mulheres desenvolviam atividades domésticas, como a agricultura, fazendo com que fossem aperfeiçoadas suas capacidades de desempenho como coletoras. Desse modo, isto pode ter contribuído para o homem desenvolver mais sensibilidade aos pequenos detalhes e aos objetos que se movem em alta velocidade, já as mulheres colaboraram no desenvolvimento das habilidades de distinguir as cores com maior facilidade.

Com as grandes mudanças na sociedade humana, juntamente com as novas formas que se revelam, observamos na evolução do pensamento geográfico, que a Geografia passa a buscar novos caminhos em que seja possível entender a relação do homem com o meio em que vive, não, de uma maneira determinista ou de uma teoria universal, mas, a partir da percepção que o homem têm do seu meio, valorizando a experiência do indivíduo ou grupo.

Contudo, devido ao declínio da Geografia Tradicional e às transformações que o mundo vinha passando, na metade do século XX surgem os movimentos de renovação desta área do conhecimento. Neste viés a corrente que aborda a percepção começou a ganhar visibilidade nos fins da década de 60 e no início dos anos de 1970, com a Geografia do Comportamento e da Percepção, quando passam a ver o homem além de um objeto na natureza, mas, sim, como um protagonista que detém a capacidade de construir e reproduzir no espaço. Como Rodrigues et al. (2014) discute:

[...] nessa corrente o geógrafo realiza estudos para caracterizar como o indivíduo tem a percepção do lugar; procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa por meio das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições (RODRIGUES, 2014, p. 213).

Na Geografia do Comportamento e da Percepção, o homem percebe o espaço que vivencia, de maneira que reage frente aos fenômenos que surgem no meio onde está inserido. Em sua relação com a geografia valoriza o subjetivo, à consciência, pois é a partir da consciência que o homem põe sua intencionalidade, seus significados e representações no espaço. O lugar se constitui e é entendido como tal através das experiências e interações cotidianas com o meio.

Desde a antiguidade já encontramos estudos da Geografia da Percepção nos escritos de Heródoto e, na França, no século XVIII, com Montesquieu. Também foi encontrado estudos sobre geografia da percepção no pensamento das escolas deterministas e possibilistas dos inícios da Geografia Moderna, onde alguns autores defendiam a existência de uma Geopsicologia, na qual debruçaram-se à estudar os povos dominados que viviam em civilização primitiva, apreendendo o conhecimento que eles tinham da natureza e da maneira como percebiam o espaço e a forma de como se organizavam. (ANDRADE, 1987, p.180).

Claval (1974) citado por Nogueira (2001) menciona que desde o início do século XX, na França, várias pesquisas sobre o significado do espaço a partir das populações primitivas tornam-se temas de discussões, onde à princípio às preocupações se resumiam em entender certas formas da percepção do meio ambiente e sua significação geográfica.

Posteriormente os estudos geográficos passam a se interessar em saber como os sujeitos percebem e compreendem o espaço. Na medida em que surgiam pesquisas sobre a percepção e o comportamento na Geografia, muitos trabalhos inclinavam-se para as discussões voltadas ao sentido da vivência local, o que para Claval apresentava uma certa reticência, pois, segundo Nogueira (2001) esta era uma atitude perigosa ou presunçosa.

A autora também aponta que a escola da Geografia francesa foi muito importante para os estudos sobre a percepção e seu papel na organização do espaço, porém, foram os países anglo-saxões que retomaram o interesse pela percepção na Geografia. Ressaltou também que os estudos da percepção na Geografia não aconteceram de forma isolada, muito pelo contrário, embora de forma tímida aparece nos debates teóricos-metodológicos em seus vários momentos (NOGUEIRA, 2001, p. 73).

Quando os estudos sobre percepção são retomados na Geografia, observamos que estão mais presentes nos debates dos geógrafos que criticavam a revolução quantitativa do que aqueles que buscavam explorar os universos vividos. Nota-se que os trabalhos que se sobressaíram na Geografia estavam preocupados com a questão da organização do espaço com o olhar voltado para os problemas das catástrofes naturais e da influência climática nessa organização (NOGUEIRA, 2001, p. 74-75).

No Brasil, as ideias que defendiam a corrente da percepção tiveram influências através de geógrafos anglo-saxões, como David Lowenthal, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, onde a professora Lívia de Oliveira, traduzindo a obra de Yi-Fu Tuan, tornou-se a maior defensora dos fundamentos da Geografia do Comportamento e da Percepção (ANDRADE, 1987, p. 182).

Segundo Andrade (1987, p. 184), embora tenha divergências internas, à Geografia da Percepção e do Comportamento encontra-se em ascensão; isto porque ela não contesta a ordem estabelecida. Ela não é contestatória frente à ordem dominante.

Esta corrente tem atuado em prol da defesa do meio ambiente, compreendendo como o homem percebe e modela o seu meio e, assim, possibilitará o desenvolvimento de medidas de preservação, lutas de defesa ao meio ambiente, destacando a sua importância, mesmo não indo no interior do problema articulam sem

contrapor o sistema econômico que para sobreviver, necessita degradar e destruir a natureza.

Atualmente, têm surgido muitos trabalhos voltados a Geografia da Percepção e do Comportamento que seguem as novas orientações ou buscam à qualidade ambiental, a valorização das paisagens, os riscos ambientais e as várias relações com as artes, culturas, fotografias, espaços pessoais, construções de mapas mentais, com a percepção ambiental e a religião e vários outros segmentos.

Muitos trabalhos influenciaram a Geografia, conforme Nogueira (2001) o novo rumo que este campo do conhecimento passa a ser pensado como um ato humano de compreensão do mundo em que vive. O perceber não é tratado como uma capacidade psicológica, mas, como um ato que acontece no momento que o Ser reconhece o mundo.

O percebido relaciona-se com as experiências da vida, na qual se liga à memória e à imaginação. O lugar configura-se como um espaço de vivências percebido pelo sujeito, buscando na memória relacionar às imagens vistas para atribuir significado e valor.

Dentre os estudiosos que influenciaram a geografia brasileira, Nogueira (2001) identifica a importância das concepções de Machado (1999) que ao fundamentar-se nos estudos de Topofilia de Tuan e nas discussões fenomenológicas de Relph concebe a percepção como um conhecimento que se dá na inter-relação homem versus mundo. Merleau-Ponty a partir de seus trabalhos voltados à filosofia fenomenológica possui como objetivo “o desvendar o mundo vivido”. [...] onde para isto é apenas possível a partir da valorização do saber que eu e os outros adquirimos ao longo da existência (NOGUEIRA, 2001,p. 97).

Para Merleau-Ponty, segundo Nogueira (2001), a busca da essência do mundo está na procura do que de fato ele é para nós antes mesmo da sistematização do conhecimento, já que compreendo o mundo em que vivo, já o que tenho em mim e já me vejo nele. Também vê as concepções clássicas como preconceituosas considerando a necessidade da volta à experiência vivida pelo indivíduo no seu cotidiano e não explicadas por construções criadas por teorias.

Segundo Amorim Filho (2002) citado por Silva e Lopes (2014) também contribui para o conceito de percepção quando afirma que,

esta é uma “[...] função psicológica que capacita o indivíduo a converter os estímulos sensoriais em experiência [...]”, sendo que essa experiência ocorre

de forma organizada e coerente. Para Amorim, a noção de percepção está associada à interação dos estímulos sensoriais com as experiências pessoais no qual juntos cooperam para organizar de forma coerente, em sua mente, a realidade percebida. (AMORIM, 2002, p.19 citado por SILVA E LOPES, 2014, p. 7).

Em outras palavras, o ambiente ou lugar se apresenta de várias formas nos quais, a percepção depende do modo como o indivíduo conhece o lugar, ou seja, ao passo que o sujeito se apropria mentalmente do lugar e do modo de como sua vivência permite sentir e transmitir. O sujeito possui a capacidade cognitiva de imaginar o lugar por meio dos sentidos. Por isso os estudos sobre a percepção do ambiente entram no campo da subjetividade humana, e está só pode ser explicada pela fenomenologia que [...] exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência [...], em forma subjetiva, e esclarece [...] alguns elementos culturais, como os valores, que caracterizam o mundo vivido dos sujeitos (TRIVIÑOS, 2012, p.48, citado por SILVA e LOPES, 2014).

Outro estudioso e geógrafo de destaque no meio acadêmico acerca do entendimento da percepção da Geografia é o Yi Fu Tuan, com seu livro intitulado por “Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” uma obra traduzida e publicada pela professora Lívia de Oliveira em 1980, sendo depois reeditada em 2012, na qual trouxe novas contribuições para a corrente humanista da Geografia.

Seu trabalho está para além da ciência geográfica, alcançando inúmeras áreas do conhecimento, pode-se dizer de forma sucinta, que o autor os provoca a refletir sobre a relação entre as pessoas e o espaço, através da percepção, da representação espacial e das relações culturais.

A princípio Tuan, levanta questionamentos de como percebemos, situamos e significamos o espaço que habitamos. Como nosso estilo de vida e economia influencia na nossa visão de mundo. Quais são os nossos valores, e como iremos expressar isso, e de que forma vamos perceber.

Assim como a superfície terrestre tem variações, as pessoas também vão perceber o mundo, o lugar de diferentes maneiras sejam elas em níveis individuais ou coletivos, embora, estejamos limitados a ver coisas de uma certa forma.

A percepção se define como uma resposta dos cinco sentidos do ambiente, sendo ela proposital ou não, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que

percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Todos os cinco sentidos são importantes para os seres humanos, porém, no que concerne à questão biológica, a ênfase é dada ao sentido da visão, no qual se torna a mais importante, pois o homem depende, inconscientemente, dos diferentes sentidos, sem eles, teriam dificuldades em perceber algo. A importância da visão é maior porque a partir dela conseguimos visualizar, compreender e entender aquele lugar ou símbolo, permitindo que possamos dar significado, segundo Tuan (1980) o homem “[...] predominantemente é um animal visual.” (TUAN, 1980, p. 6-7).

Diferente dos demais seres vivos, os seres humanos se destacam pela capacidade de raciocinar, o que permite desenvolver uma linguagem simbólica e abstrata, capaz de se relacionar entre si e a realidade externa.

Nossos órgãos evoluíram de maneira diferente de outros animais, como por exemplo, enquanto um humano teria uma experiência muito mais visual e tátil, um cachorro teria uma aparência mais olfativa e cheia de odores, quando colocados na mesma situação (SILVA, 2019, p. 11).

Para Tuan a forma de perceber o mundo parte-se da consciência que o homem possui em relação aos outros povos em diferentes épocas e lugares, que construíram seus mundos de maneira muito diferente, resultado da influência das diversas culturas sobre as percepções. E essa maneira de ver o mundo, pode ser observada a partir de uma escala, no qual, o tamanho dos objetos ou às dimensões espaciais vai variar de cultura para cultura, embora o laço emocional esteja presente.

Também aborda que o homem vê o mundo de forma fracionada, onde procura estabelecer oposições e significados. Ele sempre irá fazer isso, por exemplo, as cores, o vermelho representa perigo, então o vermelho é perigoso, logo, o verde será a segurança. Se tem vida, tem morte. Se tem macho, têm fêmea. Por outro lado, em outras culturas as cores podem ter outros significados. Contudo, salienta que nem todos nós temos os sentidos, e mesmo que tenhamos, as nossas sensações podem acontecer de formas diferentes. Algumas pessoas têm sensibilidade maior com o olfato, outras têm a facilidade de diferenciar pelo paladar os diversos temperos ou até mesmo conseguem ouvir à distância o barulho do carro. É nessas diferenças que se constroem nossas heranças históricas do ambiente, sendo captado através dos sentidos, na qual as percepções passam a ser desenvolvidas e organizadas na memória de forma que, nos permite perceber as diferentes formas, sejam elas através

dos alimentos, pela forma das texturas, pelo manuseio dos objetos onde vão sendo aperfeiçoado à noção de tridimensionalidade.

Estamos sempre “em contato”. Por exemplo, neste momento podemos estar sentindo a pressão da cadeira contra nossas costas e a pressão do lápis em nossa mão. O tato é a experiência direta da resistência, à experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação. Ver não é ainda acreditar: por isso Cristo se ofereceu para ser tocado pelo apóstolo incrédulo. A importância do tato para o conhecimento é sugerida pela expressão idiomática inglesa to keep in touch ou to be out of touch, usada não somente em relação às pessoas, mas também aos campos da aprendizagem (TUAN, 1980)

O homem da atualidade percebe o mundo de uma forma diferente, o alcance do espaço vai além do espaço físico fazendo com o sujeito se adapte às novas formas. Segundo Silva (2019, p. 17)

O homem moderno utiliza quase nada de seu potencial sensorial ao limitar sua percepção ao que os olhos lhe oferecem. Para fins de comparação, tomaremos como exemplo os esquimós Aivilik da Ilha de Southampton: durante o inverno não há como distinguir céu de terra através da visão, o que fez com que o povoado desenvolvesse seus outros sentidos para poder sobreviver. Da visão abstraímos apenas algumas informações, perspectivas, assumimos que algumas coisas são agradáveis ou não, mas não as percebemos de fato. É curioso entender que o termo “estética”, do seu sentido original de aesthesis é: a percepção pelos sentidos e não somente como julgamento de gosto ou filosofia da beleza (SILVA, 2019, p. 17).

Portanto, a visão permite ter a percepção de apenas o que os olhos permitem, de uma mesma perspectiva. Para uma pessoa que é de fora de uma determinada comunidade percebe de maneira diferenciada daquele que vive e vivencia diariamente o lugar.

Para quem é da cidade, quando chega ao campo o vê como um lugar de refúgio e de descanso. A paisagem traz tranquilidade, o ar fresco, o cheiro das flores, do verde remete à um lugar que poderia facilmente recarregar suas forças. Diferente dos sujeitos que vivem na comunidade/campo que o têm como um lugar de trabalho, de lutas e vivências. A resposta através da vista, para o mundo, é diferente, em vários aspectos importantes, da resposta através dos outros sentidos.

Uma pessoa que simplesmente “vê” é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. (TUAN, 1980, p. 12).

Embora a visão seja um campo visual muito maior que o campo dos outros sentidos, o “ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os

sentidos.” (TUAN, 1980, p. 12). O sentido do tato, entendido como “sentido” háptico⁵, por exemplo, não se opõe aos outros órgãos dos sentidos, mas pressupõe que o olho possa ter uma função tátil e não óptica (SILVA, 2019).

O sentido háptico nos permite ter mais contato, diferente do campo virtual. Para Ferreira (2014) citado por SILVA (2019) a percepção passa por um filtro cultural, emocional e cognitivo e, em busca de ferramentas adequadas para os meios atuais de comunicação remota, precisamos entender as novas facetas da percepção.

Isto é, a percepção que temos nos ambientes virtuais não permite uma informação consistente. A comunicação não-verbal utiliza-se de recursos tecnológicos que tentam manter uma troca de informações que sejam compreendidas, assim, no meio virtual é necessário usar outras formas que possibilitem uma comunicação que seja compreensível. Para Hatem et. al., (2012) citado por SILVA (2019)

A comunicação verbal envolve conversas faladas entre as pessoas, enquanto a comunicação não-verbal usa gestos e a linguagem corporal. O conteúdo da comunicação verbal é bastante evidente e, portanto, facilmente compreendido. Na comunicação não-verbal grande parte do conteúdo é subconsciente e de menor facilidade de compreensão. Os participantes da comunicação face-a-face (FTF) tendem a não estar conscientes das mensagens não-verbais que estão sendo trocadas um com o outro, mas, no entanto, eles respondem a esses sinais que podem ser muito poderosos (HATEM et. al., 2012, p. 383 apud FERREIRA, 2014, citado por SILVA, 2019).

Na comunicação face a face é possível identificar ou resolvermos algo que não foi compreendido de forma rápida e fácil, enquanto na comunicação não-verbal, se usa uma comunicação mediada que em muitas das vezes às informações não estão disponíveis facilmente.

2.1.1 Percepção e Memória na constituição dos lugares.

Entendo a dimensão da percepção e a importância dos sentidos, deve-se ter em mente que essa percepção está ligada à memória. Segundo SILVA (2019), a Carta de Nairobi define "ambiências" como: "o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos ou a ele se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais".

⁵ Segundo o dicionário Priberam (2008), háptico é uma adjetivo relativo ao tato ou ao toque (ex.: *percepção háptica; sistema háptico*). = TÁTIL. Origem etimológica: grego *haptikós*, -ê, -ón.
"háptico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/h%C3%A1ptico>.

A percepção dos indivíduos é algo singular, percebe-se que o acúmulo de experiências ao longo da vida se aplica ao tempo e espaço, para muitos a memória ainda é muito vivida, mesmo que a situação tenha acontecido a anos atrás.

Desde o surgimento do homem o seu cotidiano é construído por experiências, sentimentos que acontecem nas formas individual privilegiando o singular, dando significados, percepção, símbolo, e ao passo que ocorre no coletivo, em que o grupo compartilha das mesmas experiências, visto que, os indivíduos são influenciados pelas relações de um dado lugar com a natureza e o meio.

Assman (2011) descreve que a origem da memória se direciona para o futuro e para as gerações vindouras, que devem conservar um acontecimento declarado inesquecível, a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade.

Ele aponta que as primeiras noções da memória como fonte de respostas sobre a identidade e a origem entre os séculos XV e XVII, quando os reis, príncipes e nobres buscavam legitimação social através das genealogias. Um pouco depois, no Renascimento, quando a escrita e o arquivamento deixam de ser exclusivos da Igreja, ocorre o processo de pluralização que ganha forças com o surgimento da imprensa e assim, novas lutas de poder em torno da memória.

Com o descobrimento do abismo entre presente e passado, é iniciada a intervenção da história nacional, a construção de uma memória coletiva que se apresenta como busca do passado perdido nesse abismo. No topos da construção do passado há, a partir da conscientização acerca do esquecimento, uma tomada de consciência, um despertar, a recordação e o retorno. A partir dessa configuração de partidas e retorno, esquecimento e recordação, temos diante de nós a imagem de fundo do 'Renascimento'. (ASSMAN, 2011, p. 59).

Neste período da história os escritores, cronistas e historiadores procuravam no passado as raízes do presente. Essas pesquisas que Assman (2011) identifica tiveram importância na legitimação da genealogia dos nobres com um histórico de sucesso, as narrativas históricas reconstruíram a história onde eram legitimadas pela identidade onde os colocavam em uma situação de concorrência para diferenciar os aspectos sociais e políticos.

Assman (2011) também destaca que a pluralização das memórias têm relação com as barreiras das mídias. Na era da imprensa a escrita criou novos espaços de recordação. A impressão de livros quebrou o antigo monopólio da recordação

exercido pela Igreja e pela corte e possibilitou novos acessos à memória e à história. Assim cresceram novas lutas de poder em torno da recordação.

Em nota de rodapé, Assman (2011, p. 7) cita Oexle, “Die Gegenwart...” in. K. Schmid (org.), Gedächtnis, que

menciona famílias, grupo de afinidade, “casas” e famílias nobres e burguesas, comunidades monásticas, guildas, corporações de ofício, universidades e comunas como sujeitos participantes na construção de “memórias de grupo”. A memória de grupo tem uma função dupla: uma, a de agrupar toda memória viva; outra, fazer jus à concepção de que a memória histórica apresenta um elemento essencial e até constitutivo no surgimento e na manutenção desses grupos. (ASSMAN, 2011, p. 7).

A memória, à princípio, parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Todavia, para Halbwachs (1990), a memória deve ser entendida como um fenômeno, sobretudo coletivo e social, já que é um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Se for destacar as características flutuantes e mutáveis da memória tanto individual quanto coletiva, Pollak (1992) adverte que devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes e imutáveis.

Quem realiza entrevista de experiências de histórias de vida percebe que no decorrer de uma entrevista muito longa que não está obedecendo uma ordem cronológica, os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, e como se a vida fosse algo invariante. Isso acontece também numa construção de memória coletivas, como se houvesse elementos irredutíveis, onde o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou ocorrências de memórias (POLLAK, 1992). Todavia, podemos notar durante a entrevista que embora compartilhem da mesma história, há fatos que podem ser esquecidos por alguns interlocutores ou omitidos, que modificam todo o caminho da história.

Exemplificando essas diferentes percepções dentro de um mesmo contexto citamos a narrativa da sra. Glaucione quando fala que “Para as mulheres o campo de futebol era visto como um lugar de distração”. Porque segundo ela,

era no campo que conhecíamos as pessoas de outras comunidades que vinham acompanhar o jogo e também jogar. Normalmente tinha um time diferente, só nos campeonatos que reviam às outras pessoas. Daí quando acabava, os jogos ninguém mais se via. Por isso era uma diversão, porque encontravam novas pessoas. (GLAUCIONE, 2023).

Diferente da percepção da Sra. Glaucione, identificamos na construção da memória do sr. Civaldo que na visão dos homens, o campo de futebol é um lugar de competição

era difícil um final de semana que não tivesse jogo aqui, no campo de futebol, ou então vinha gente de outras comunidades do Iranduba passavam aqui oh, vindo do Iranduba a pé aqui era passagem essa rua aí é daqui pro Iranduba dá uns 5 km. O pessoal vinham de lá pra jogar bola aqui, a gente ia daqui pra lá. A gente competia com os times de outras comunidades. (Civaldo, 2022).

Através dos detalhes notamos as diferentes percepções, para os homens o jogo no campo era motivo de reconhecimento, visibilidade e identidade, o time que ganhasse tinha os melhores jogadores.

Desta forma, as falas narradas carregam a memória dos indivíduos do qual torna-se fundamental para as análises dos estudos da natureza e sociedade, ou seja, a construção da memória através das narrativas das pessoas possibilita a compreensão da história do mundo vivido na contemporaneidade frente ao processo de globalização.

A relação do homem com o lugar apresenta-se de diversas formas, nas quais, as emoções e sensações e intensidades variam em escalas. E com o passar do tempo o lugar que era desconhecido por determinado grupo vai adquirindo experiências vividas no cotidiano em que são transmitidas pela memória de geração a geração, e esse espaço vivido vai caracterizando-se como lugar. Segundo Tuan (1980), o lugar refere-se a "todos os laços afetivos entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (TUAN, 1980, p. 5).

A memória narrada tem elementos do passado, as falas, o que foi lembrado nascem na memória e se materializa na representação verbal que posteriormente é moldada em uma fonte escrita, e por isso, a história oral se conecta à questão da memória (MEIHY, 2005, p. 61).

Embora exista uma ligação entre memória e história oral, Meihy (2005) adverte para não confundir os conceitos de memória com história, pois, independentemente de a história ter referências ao passado, o passado é apenas o elemento da memória onde há uma ligação de suporte para as narrativas da história oral.

Isto significa que a história se baseia na materialização dos documentos, enquanto a memória é um conjunto de vivências sobre o passado que não foram escritas mediante à história oral. A história oral por sua vez apresenta-se como um mediador entre a materialização dos fatos e a memória.

A memória está no campo subjetivo, onde ficam organizadas as lembranças que ocorrem no dia a dia das pessoas. As recordações também podem ser experienciadas em grupo, sociedade tornando-se necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no seu espaço.

Neste contexto, a cultura influencia na maneira de como as pessoas percebem o lugar e, isso está associado ao fato de que, cada indivíduo carrega uma herança biológica, de educação, valores e costumes, de acordo com sua trajetória de vida, devendo levar em consideração suas particularidades e experiências individuais ou em grupo.

A memória para alguns pode ser seletiva, isto porque, a recordação pode estar atrelada a uma memória ruim e/ou a um trauma. O lugar pode desaparecer da memória,

aquele terreno que hoje está vazio porque alguma coisa foi demolida. O que que tinha lá mesmo? Talvez não lembre porque era no caminho do Banco, onde passo correndo e só passando os olhos pelo que havia no caminho. Olhava para a construção que antes existia no terreno, mas só olhava, nunca a percebia (SILVA, 2019, p. 27).

A percepção está relacionada à memória, que está ligada ao tempo. A imagem que vemos percorre o subconsciente que resgata toda a história do lugar. Silva (2019) cita as concepções de Bergson e Franklin (2017) onde Bergson pontua que, como a substância de nossa existência é o tempo, a memória é o ingrediente principal do que nós compõe. Sendo que somos seres muito mais de passado do que presente, o que nos constitui está a cargo da memória. E Franklin coloca "a memória como guardiã do presente".

Desta forma, a memória configura-se como uma articuladora entre o passado e o presente, evidenciando que nossa consciência atua como um processo transitório, todos os dias as informações são armazenadas em um fluxo contínuo. Como afirma Silva (2019), vivemos a eterna passagem de emoções e sentimentos em forma de memórias.

2.2 Às dinâmicas do espaço vivido

A abordagem da Geografia Humanista, a terceira linha de renovação da ciência geográfica, fundamentada no existencialismo, e na fenomenologia, destaca o conceito de lugar enquanto espaço vivido, espaço simbólico e espaço cotidiano. (QUEIROZ, 2014).

Com o redirecionamento da abordagem Cultural da Geografia na década de 1980, os geógrafos passam a adotar como objeto de estudo a paisagem, a região, o território e o espaço, sendo considerados seus aspectos simbólicos e subjetivos que perpassados pela memória, originada pelas experiências intersubjetivas dos sujeitos, que vivenciaram em um dado espaço, tempo e lugar situações que remontam a ambientes sensitivamente demarcados. (BOVO et. al., 2017).

Por conta dos destaques da percepção do espaço, da paisagem e do lugar, os geógrafos da abordagem da Geografia Humanística passam a aprofundar suas pesquisas sobre esses elementos evidenciando os aspectos humanos, o significado, e a percepção que cada indivíduo tem sobre o espaço.

Sob o enfoque histórico, a palavra “lugar” normalmente era associada à localização de um objeto ou um fenômeno na superfície terrestre. Conforme o tempo foi passando, como já abordamos em outros momentos deste trabalho, a ciência geográfica passa a olhar sob uma nova perspectiva o conceito de “lugar”, no qual deixa de ser relacionado apenas com a localização de um objeto ou fenômeno que se manifesta no espaço geográfico.

De acordo com Tuan (1983) a Geografia estuda o espaço a partir da ótica do lugar no qual é apreendido sob duas perspectivas: a primeira está ligada ao lugar como uma localização e à segunda refere-se ao lugar como um único artefato.

O lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto especial, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas (TUAN, 1983, p. 387).

Conferindo o espaço a localização e fixação do homem na terra, no qual os sujeitos que lhe atribuem significado, passa a ser denominado como lugar.

Ou seja, o lugar diz respeito aos espaços geográficos vivenciados pelas pessoas em seu dia a dia, através dos laços afetivos que são criados por essa interação com o meio, no qual nessas vivências estão carregadas de sensações e sentimentos, por isso o lugar é único para cada indivíduo. “Desta forma, para cada lugar há uma paisagem.” (NOGUEIRA, 2020). E essa “construção do lugar se dá na vivência e nas relações objetivas e subjetivas com um dado espaço que existe em essência (realidade), mas também em pensamento simbólico e subjetivo.” (BOVO et. al., 2017, p. 90)

No que concerne ao espaço vivido, refere a união dos conjuntos dos lugares e vivências do indivíduo, que fazem parte do cotidiano. Nele estão expressas as desigualdades sociais, a distribuição do poder e o jogo de interesses que existe entre os grupos sociais e o Estado.

Schmidt (2012) citado por Pereira e Neto (2021) declara que

No que tange ao espaço vivido, por sua vez, pode-se dizer que ele é o espaço representacional. É a experiência vivida no espaço. Ele é o conceito que expressa a cotidianidade da vida humana, é a vivência que não se consegue definir apenas teoricamente (SCHMIDT, 2012).

Para o autor o cotidiano das pessoas o espaço torna-se dinâmico e vivido como local da produção e reprodução social que é desenvolvida pelos atores sociais a partir do seu modo de se apropriar do espaço tanto de forma permanente como coletivamente.

Podemos citar como exemplos de espaços vividos a comunidade PIC BELA VISTA o ambiente de trabalho, o ramal da comunidade, o campo de futebol da época em que os comunitários se reuniram, a igreja que também é um ponto de encontro das pessoas, a sala de aula e os demais locais onde são desenvolvidas as atividades cotidianas ou de lazer.

Em outras palavras, é no espaço que é construído e produzido ao longo do tempo às relações humanas, nos quais através dos símbolos, signos e objetos materializam a existência humana.

Neste espaço existem diferentes culturas e visões de mundo que são refletidas no espaço, representadas nas diferentes marcas do passado. Os diferentes lugares e paisagens que se formam configuram-se em espaços geográficos que são produzidos pelos diferentes grupos.

Por exemplo, uma comunidade ribeirinha, se difere da cidade, tanto pelos costumes, quanto pelos hábitos. Embora observa-se que dentro de uma cidade há também diferentes paisagens, podemos imaginar, uma paisagem de um bairro arborizado, enquanto em outra parte da cidade há paisagem diferente nas margens dos igarapés onde existem pessoas morando em casas de palafitas.

Não existe apenas uma dinâmica no espaço geográfico. A dinâmica natural deve ser conectada a uma dinâmica social, desempenhada pelas forças sociais que vivem e atuam ali.

Quando o homem se apropria e transforma a natureza, acaba criando e produzindo o espaço geográfico, utilizando técnicas que foram sendo incorporadas em cada momento histórico conforme às experiências, seja, por valores, crenças, normas e interesses econômicos e políticos.

Podemos identificar o lugar no nosso cotidiano, basta pensarmos em um espaço que desperta um sentimento bom ou não. Ao recorrermos à memória lembramos do espaço geográfico que já fez parte de nossa história que em algum momento guardamos com carinho, ou como uma lembrança ruim. Os sujeitos têm a comunidade do ramal Pic Bela Vista como um espaço vivido, onde têm memórias individuais e memórias compartilhadas.

Cada parte da comunidade representa uma memória para os sujeitos, como exemplo, a maioria dos entrevistados compartilham as lembranças de quando iam ao campo todo final de semana. Uns iam para jogar bola, outros iam para encontrar amigos, e tinha as pessoas que iam comprar alguma coisa nas feirinhas. Podemos ver nas narrativas um tom nostálgico.

O campo de futebol representava um lugar de recreação e interação, um ponto de encontro para os jovens comunitários daquela época. É importante notar que o mesmo espaço geográfico pode ter significados diferentes para várias pessoas. Retomando o exemplo do campo de futebol, vamos imaginar duas pessoas que moram na mesma rua. A primeira adora jogar futebol e competir com as outras comunidades vizinhas. Ela não perde uma oportunidade, participa de todos os campeonatos. A segunda, prefere ir ao campo para encontrar amigos, ou comprar comidas gostosas das barraquinhas próximas ao campo.

Nesse cenário, podemos ainda observar que para as duas pessoas o campo de futebol é um espaço geográfico que tem um significado especial. Para ambas, o campo de futebol é um espaço de vivência cotidiana que desperta carinho e atenção, traz boas recordações e desperta a sua imaginação. Sem dúvidas, o campo de futebol é um lugar.

Para quem prefere outras atividades de recreação na comunidade, o campo de futebol também é um espaço geográfico. Contudo, para essas pessoas o campo não transmite nenhum sentimento de pertencimento ou carinho. Preferem estar em casa ou fazendo qualquer outra atividade. Sendo assim, o campo de futebol não é considerado um lugar. Deste modo, um espaço pode ser percebido como um lugar para algumas pessoas, e ao mesmo tempo, passa despercebido por outras.

Para Nogueira (2020) o diálogo dos personagens imaginados pelo escritor francês, Saint-Exupéry, na obra “O pequeno Príncipe”, nos leva a pensar nos caminhos da Geografia, onde por muitas vezes se distanciaram do mundo vivido, do mundo da experiência, do mundo tal qual ele se apresenta.

A Geografia é “uma ciência que busca compreender o mundo.” (NOGUEIRA, 2020, p. 12). O lugar é muito mais do que localizar, é o espaço experienciado pelos seres humanos. O lugar só é considerado lugar se for experienciado, se tiver uma relação de identidade, se representar algo significativo para o sujeito.

Nogueira (2020) procura compreender os homens e mulheres, enquanto sujeitos que estão no mundo, que têm dele uma experiência própria, uma experiência de vida, de existência. Assim cita o entendimento de Merleau-Ponty, enquanto ser no mundo

“não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo, eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e os abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência; mas de qualquer maneira ela nunca pode ser total, o espaço e o tempo que habito de todos os lados tem horizonte indeterminados que encerram outros pontos de vista” (PONTY-MERLEAU, 1996, p.249).

Deste modo, enquanto sou e estou no mundo, tenho a possibilidade de fazer dele o meu lugar, “[...] sendo esses não a totalidade do mundo” (NOGUEIRA, 2020, p. 12), mas sim uma porção de espaço que considero exclusiva, onde expresso minhas experiências boas ou ruins, onde escrevo minha história, crio um laço de afetividade, tornado um lugar de memória.

Segundo Motta (2003) Trabalhar com o espaço vivido é lidar com a subjetividade, com o envolvimento do pesquisador com os demais atores envolvidos na pesquisa. A possibilidade de captar informações, significados, está muito ligada à interação que existe entre todos os envolvidos e a informalidade dessas relações. É uma construção que capta e analisa de forma concomitante o vivido, espacial e temporal.

Neste sentido, o espaço vivido é visto sob uma forma singular. Particularmente, o ser humano vive em uma constante evolução, onde com o tempo as experiências vão sendo adquiridas e acumuladas, em cada fase da vida novas experiências surgem fazendo com o sujeito se adapte às constantes situações.

Desta mesma forma acontece com o espaço, a paisagem da comunidade vai sofrendo também modificações ao longo das décadas, no qual vão se moldando e remodelando com as transformações sofridas pela ação do homem no espaço.

Para Frémont (1980) citado por Motta (2003), o espaço vivido é um espaço-movimento é um espaço-tempo vivido.

O espaço vai tomando dimensões sociais, evoluindo conforme à vida dos sujeitos, em um determinado tempo e espaço de vida são experienciado certas situações que ao longo do tempo passam a ser apenas memórias. Existem situações que só se vivem uma vez. É o que constata as falas das senhoras Glafira e Glaucione quando afirma que a comunidade já não é mais a mesma, evidenciando que uma não mora mais na comunidade e a outra, no caso da sra. Glafira ainda reside na comunidade.

Cheguei na comunidade para morar com minha avó com 11 anos de idade e meu irmão tinha 10 anos. [...] O ramal era cheio de mato, na verdade, era um pico, não tinha estrada. Nossa casa era de palha, e dos vizinhos também. [...] Hoje, têm ramal, embora não esteja asfaltado, mas a paisagem tá tudo diferente. Quando eu voltei aqui na comunidade depois de anos vi a diferença, tá cheio de casas, têm até fábricas. Naquela época, tinha vezes que eu e meu irmão, que era medroso, passávamos correndo, fugindo das cobras. (Glaucione, 2023)

Durante a entrevista à senhora Glafira foi indagada sobre como ela percebe as mudanças:

Ah, rapaz mudou muita coisa já...já tem, antes não tinha nada, não tinha posto, não tinha restaurante, não tinha colégio, aqui ó, já tem balneário da polícia, o carro da polícia de vez em quando tá passando ali. Aí o delegado Elói, mora mais lá pra trás, ele passa daqui pra lí, ele para ali comigo, conversa comigo, tá cheio de policial por aqui. Pra mim mudou foi muito, pra vista que era "hum", tá é bom.

Através destas narrativas notamos como o espaço vivido foi modificado juntamente com a paisagem da comunidade. Observamos que até o medo mudou, antes tinha medo das cobras, hoje o medo voltou-se para a questão da violência. Os comunitários foram se adaptando às novas dinâmicas que vão surgindo na comunidade.

2.3 A constituição da comunidade, o lugar que coexiste entre traços urbanos e rurais

Quando analisamos o espaço geográfico observamos que ele repleto de complexidades, há uma multiplicidade de territórios. Como no tópico anteriormente foi apontado, o espaço não existe apenas sob uma dinâmica.

E como resultado das transformações pós-industrialização, a globalização tem afetado os espaços e a dinâmica das cidades e comunidades amazônicas, o que tem marcado a imagem do rural na Amazônia.

Ao analisar a constituição das comunidades observamos um ponto interessante, o lugar que coexiste traços rurais e urbanos. Ou seja, vemos a manifestação de um espaço híbrido, no qual são evidenciadas através do cotidiano do homem, características que se mesclam através construções arquitetônicas, da infraestrutura, da economia, e através das formas de trabalho.

A mudança não está somente nos aspectos fisionômicos, mas sim nas relações socioespaciais. A partir disto, a fenomenologia tem um papel importante, de estudar a essência desses fenômenos que caracterizam nossa sociedade, os indivíduos tanto no campo como nas cidades.

A escolha por abordar essa temática originou-se da curiosidade de entender como as dinâmicas são influentes no modo de vida das pessoas que vivem tanto nos espaços urbanos, quanto no rural, e de como são percebidas a existência de características híbridas, por exemplo, nos espaços rurais. Também, na tentativa de mostrar como a comunidade vem sendo instituída desde sua origem a partir da percepção de quem viveu e quem vive na comunidade, no qual configura-se como um ponto de referência para a construção de uma história coletiva da comunidade do ramal Pic Bela Vista, traçada pelos próprios moradores, captada nas entrevistas e confrontada com as próprias narrativas orais. Assim, a discussão abordada, revela que o campo e a cidade são realizações humanas, individuais e coletivas.

Assim, a forma de ocupação espacial dos sujeitos na comunidade aconteceu de diferentes formas e interesses. Nesta ocasião, os entrevistados relatam que sua chegada na comunidade foi estabelecida pela busca de melhores condições de vida.

Para a dona Conceição sua chegada e permanência na comunidade passou por grandes problemas com à terra.

Enfrentamos um grande problema, pra ficar com essa terra aqui, o seu Donato, um morador lá da frente, dizia que essa terra aqui era dele, e vinha aqui dizer pra nós. E nós perguntava cadê o documento que tu não tinha?

Como é que era dele né, ai nós fomos no INCRA, a minha valência era que nós tinha uma casa de farinha bem ali naquela ponta dali, ai nós estava até fazendo farinha nesse dia, ai apareceu um senhor e o filho dele, ai ele disse, eu ofereci café pra ele, ai fazia café aqui nessa casa e levava pra lá, ai bom eu ofereci café ele tomou, e quando nós fazia farinha nos fazia o bejú né, preparava aquela massa, a goma, preparava bem fininha e fazia o bejú, nós chamava bejú, ai eu ofereci pra ele, se ele queria fazer uns bejú, ele disse que queria, ele tomou o café com bejú, ai quando foi na hora de ele ir, eu ofereci pra ele, se ele queria fazer uns dois pra ele levar, prontamente ele fez, ai na hora de ele eu disse e seu nome? Ele disse me chamam repolho, esse repolho foi que me ajudou muito lá no INCRA, ah, quando eu fui chamada pra ir lá, ele disse: eu conheço essa senhora ele disse, ela é muito boa, ela tem muitos filhos né, eu tinha mesmo na época estavam todos meus filhos, ai ele me deu logo razão, tomei café na cozinha dela, contou história que ele anda por aqui com um rapazinho filho dele, tamanho dele, seu repolho com certeza acho que já morreu já estava idoso. (Conceição, 2023).

Dona Conceição carrega na memória momentos difíceis que teve que lidar com relação à documentação de suas terras. Isto aconteceu porque a maioria das terras foram distribuídas aos sujeitos sem documentação, inclusive, muitos são sabem que eram os verdadeiros donos das terras.

Já dona Glafira, relata que sua chegada na comunidade aconteceu um pouco mais tarde. Diferente de sua mãe dona Dadá, que já tinha se estabelecido anos atrás, sendo reconhecida como a primeira moradora, já havia muitas pessoas na comunidade.

Descrevendo a chegada de sua mãe na comunidade em 1970, relata que tudo era só mato. Nem estrada tinha, tiveram que fazer um piquete para abrir caminho. Esse foi um dos motivos da comunidade passar a ser chamada de Pic Bela Vista. Dona Glacira continua sua narrativa dizendo que, no começo ela (sua mãe) morava sozinha, seu Gaudencio, um amigo e vizinho da frente era quem sempre aparecia por lá. Luz só era possível pelas lamparinas e velas, para ter água potável, era preciso pegar no igarapé próximo de sua casa. Tudo que era preciso ser comprado para mantimento, era na feira do município de Iranduba, que ficava a 6 km de distância.

Em outro momento, fomos à casa do sr. Irineu e dona Zilda, para registrar as memórias que eles têm da comunidade. Após as apresentações, iniciamos a entrevista indagando como aconteceu sua chegada na comunidade. Então seu Irineu responde:

Minha irmã quando nós chegou foi em 1977, mas aqui não tinha nem comunidade, nunca nem teve, quando nós chegou não tinha. O morador que tinha aqui, tu quer que eu te digo qual é, vou te dizer, dona Dadá que já se foi. Aqui na beira do igarapé finado Queiroz que não sei se vocês conheceu, (interagindo com meus pais que se fazem presentes no dia da entrevista) essa não conheceu não, não conheceu não. O seu Hermínio que morava ali

pra trás, o seu Hermínio vocês conheceu, o Zé Careca que morava no fim do ramal, seu Messias e dona Coraci, depois do seu Messias foi, parece que foi seu João Moreira, depois dona Dulce, depois da dona Dulce e seu Viana, depois veio o Basílio que tai até hoje. Aqui não tinha nenhuma casa, isso aqui tudo era mata, nós matava bicho era bem ai na frente. Num tinha nenhuma casa, tudo mato. (Irineu, 2022).

Percebemos que embora a chegada e permanência na comunidade aconteceu de formas divergentes, as memórias apresentam semelhanças em relação a paisagem da comunidade naquelas primeiras décadas. As lembranças coincidem quando relatam que não existiam praticamente pessoas, que tudo era difícil.

Assim, seguindo essa perspectiva partimos para compreensão da realidade vivida e experienciada pelos moradores da comunidade, através de suas narrativas ouvimos o processo histórico e como a relação de afetividade foi surgindo para que os sujeitos construíssem uma identidade com o lugar. Diferentemente dos métodos científicos, expomos os moradores como protagonistas da história, que contribuem não só com informações, mas possibilitam a interpretação e leitura de mundo realizadas a partir de quem viveu e quem vive o lugar.

Nota-se que a comunidade aos poucos vem acompanhado das transformações do mundo, percebemos isso através dos relatos quando falam das mudanças em relação por exemplo, do trabalho. Inicialmente, o trabalho focaliza as atividades da agricultura e pecuária. Segundo Silva (2015)

Acreditamos que essas transformações ocorrem nas comunidades rurais engendrando constante renovação em seu pensar e agir. Entretanto, não perdendo de vista as concepções do passado como norteadores de suas ações presentes, esse processo é consequência da circularidade da cultura, que cria e recria os territórios [...]Considerando o conceito de Giddens [...]Outro processo que o autor trabalha é o “desencaixe” que o mesmo conceitua como “sendo ‘deslocamento’ das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, 1991, p. 4). Com isso podemos entender as mudanças que ocorrem em áreas rurais, que podem ser tanto em relação às formas de trabalho, infraestrutura, relações sociais e culturais, como algo inerente à chegada de aspectos da vida moderna, ocasionando transformações, porém não significa ser o fim de determinados modos de vida, mas sim sua resignificação, agora pautada por outros valores e práticas sociais que sempre estão em constantes mudanças. (SILVA, 2015, p.36).

No decorrer das narrativas dos entrevistados podemos perceber as mudanças que vão ocorrendo na comunidade, que não acontece somente na paisagem, mas em vários aspectos do espaço vivido, no qual podem ser identificados a partir das

relações de trabalho, nos modos de vida conforme vão sofrendo modificações com a incorporação de novos elementos urbanos na comunidade.

Para os moradores uma das principais fontes de trabalho é a terra, que está voltada para a compreensão do modo de vida, tendo em vista que à base econômica era voltado à subsistência, a maioria comunitários que tinham terras, fazem plantações, como é o caso da dona Conceição, que plantava maniva, que mais tarde, produzia a farinha, para consumo próprio, e o excedente era vendido para os próprios comunitários, ou levavam para vender na feira do Iranduba.

As atividades econômicas para quem tinha terras eram provenientes dos recursos da agricultura. Investiam em plantações de maniva, de frutas como mamão, banana, laranja, jambo dentre outros, nos quais traziam dinheiro para o sustento de muitas famílias proprietárias de terras.

Em uma das entrevistas é relatado sobre as formas de trabalho existentes nas primeiras décadas de surgimento da comunidade. Trazendo novamente às falas do sr. Pedro, descreve que

naquela época para ter emprego era difícil. Uma das únicas formas de conseguir trabalho para quem não tinha terras, era trabalhar para os proprietários de terras dentro da comunidade, nas plantações, cuidando do gado ou fazendo bicos limpando os terrenos, mas era um trabalho incerto. Outro meio de encontrar trabalho era como lenhador, além do seu Pedro, outros entrevistados também confirmam que antigamente muitas pessoas trabalhavam extraindo madeira na mata, sendo então, uma forma de trabalho. É identificado que outra forma de trabalho, segundo Pedro, era trabalhar nas olarias. Quem tinha sorte, pegava uma vaga para trabalho, nos caminhões que iam pegar os trabalhadores na comunidade e levavam até a porta das olarias (Sr. Pedro, 2022).

Segundo a sra. Conceição, a forma de trabalho nas primeiras décadas de sua chegada na comunidade era voltada à agricultura.

Eu plantava maniva, nos fazia farinha pra vender, sabe quanto nos vendia um saco de farinha? (4) quatro real, 4 mires, ainda era o tempo do mires, a gente fazia num saco de farinha, a valência que eles levavam daqui né, levavam na costa, quem tinha carro levava no carro ne, quem não tinha levava na costa, levavam na costa até lá na pista, não tinha condições, ai pegavam o ônibus. (Conceição, 2022).

Para seu Irineu o trabalho daquela época era voltado a agricultura,

Quando eu cheguei pra cá, foi até uma coisa engraçada, que eu não fui criado no mato, eu fui criado lá em Goiás, mas foi na capital sabe, ai quando eu cheguei aqui eu fiquei dizendo, meu Deus o que é que eu vim fazer aqui afinal de contas, só mata, eu nunca tinha pegado num machado, eu nunca tinha pegado num terçado quê que eu vim fazer aqui né, ai só que morava um que

era primo dela, um baixinho indiozinho, eu chamava ele de indiozinho porque ele parecia um índio mesmo, ele morava com nós né, ai começamos fazer ai ele me ensinando como que roçava, como é que derrubava ai, fizemos um pedaço depois nós taquemo fogo, encoivaremos tudinho, ai vamos prantar uma roça, ai depois que a roça cresceu ficou grande ai eu me animei, ai eu disse, ah, aqui parece que, mas eu tava com uma vontade assim era de ir embora. (Irineu, 2022)

De acordo com Nogueira (2020, p.14) o lugar é produzido no dia a dia na relação de trabalho, de afetividade, de rejeição, de circulação, de produção de ideias. As experiências com a relação de trabalho mostram como as dinâmicas do espaço vivido são produzidas no caso, da comunidade do ramal Pic Bela Vista destaca-se a agricultura. Essas formas de trabalho não se distanciam da atualidade na comunidade, como já apontamos no primeiro capítulo, os moradores ainda continuam com os trabalhos voltados à agricultura (figuras 07 e 08). Ao longo da estrada, andando poucos metros, você já consegue visualizar, por exemplo, plantações de mamão, laranja e coco. Também encontramos no ramal, barraquinhas na frente de algumas casas, onde os moradores vendem seus próprios produtos como frutas e hortaliças (figuras 09 e 10).

Os comércios, mercearias e as barraquinhas presentes na comunidade, geralmente são de moradores que transformam o cômodo de sua casa em comércio, existe uma variedade no número de mercearias, açougues, pequenos comércios, lanche e bar. (SILVA, 2015, p.75).

No que diz respeito ao lazer, o futebol era a principal forma de recreação, alguns relatos apontam, como a única forma de lazer. Assim, o campo de futebol caracterizava-se como um ponto de encontro na comunidade. Os jovens da comunidade ficavam ansiosos para que chegasse o final de semana para jogar bola ou encontrar pessoas. Neste primeiro momento da comunidade, observamos que a centralidade da comunidade acontecia no campo de futebol. Além dos campeonatos, o local recebia pessoas de outras comunidades, podia se avistar nas proximidades do campo barracas para vendas dos produtos que os moradores aproveitavam para vender.

Diferente do processo de urbanização que ocorre nas cidades, os fenômenos de diferenciação e semelhança que caracterizam os fenômenos decorrem da observação de regularidade e da constatação de lógicas que se repetem em diferentes contextos no processo de formação das identidades do recorte espacial.

Retomando o raciocínio sobre como aconteciam as atividades de lazer, a construção da memória que a sra. Glaucione relata a participação e importância de seu pai Edson, na criação do time de futebol para recreação da história da comunidade.

Logo que cheguei, vim morar com minha avó, dona Dadá, nessa época não tinha recreação comunitária, quase não tinha jovens na comunidade, apenas eu e meu irmão adolescentes e filhos menores da dona Maria. [...] Tempo depois, quando minha mãe foi morar, na comunidade já tinha nome, e o ramal já estava mais aberto, derrubaram as matas para fazer a estrada. E com a chegada de outros moradores, a comunidade foi crescendo, e aí fizeram um campo de futebol, no terreno de um vizinho para recreação dos comunitários, foi quando chegou mais moradores e disputa de campeonato, onde meu pai e meus irmãos foram organizando o time do ramal Bela Vista.



Figura 11 - Foto do Sr. Edson, o primeiro presidente do time de futebol chamado Bela Vista. Foto: Arquivo pessoal. Org. Kamila Moreira, 2023.

Outra memória sobre esse tempo auge da comunidade é resgatado nas memórias do sr. Civaldo, relato já mencionado no primeiro capítulo desta dissertação. Onde relata que vinham pessoas de outras comunidades para jogar e assistir aos campeonatos. Ele chama atenção para o fato de como era feita a convocação para os jogos. Segundo seu Civaldo, a convocação era feita em escrito e era quase uma

ordem que não poderia ser recusada. “O pessoal vinha de lá para jogar bola aqui, à gente ia daqui prá lá”. (Civaldo, 2022).

Apontamos que o futebol dava uma identidade a comunidade, o lugar, campo de futebol, era onde as experiências eram adquiridas e compartilhar. Ganhar o campeonato era motivo de orgulho e reconhecimento.

Em relação às práticas religiosas na comunidade, questionamos durante as entrevistas se os moradores congregavam ou se participavam de algum festejo da igreja. A maioria relatou que não existia igreja, e os cultos que aconteciam ou se aconteciam, eram realizados na residência dos próprios comunitários. Identificamos através das narrativas que a presença da Igreja Católica, não é forte no processo de fundação, diferente da maioria das comunidades da região norte, onde a igreja tem a um papel fundamental na constituição da comunidade, tanto que, à boa parte das comunidades recebe nomes de algum santo. Porém, nas últimas décadas, a igreja católica foi instituída na comunidade (figura 12). Observa-se, o surgimento de comunidades com orientação evangélica, como mostra a imagem a seguir (figura 13):



Figura 12 - Igreja de São Francisco, na comunidade do ramal Pic Bela Vista.
Fonte: Trabalho de campo, 2022. (Foto: Kamila Moreira).



Figura 13 - Igreja Assembleia de Deus, na comunidade do ramal Pic Bela Vista.
Fonte: Trabalho de campo, 2022. (Foto: Kamila Moreira).

Resgatando a memória, dona Conceição responde se em sua época existia as igrejas.

Aqui? Cheguei, igreja de São João, era na vila do Iranduba, aqui não tinha, nunca teve. Agora o pessoal aqui do lado, dessa casa grande eles são crentes, eu não sei qual é a igreja que eles frequentam, sei que vez enquanto o Eduardo vai pegar o carro pra ir pra igreja, lá pra cima desse barranco. (Conceição, 2022).

No decorrer da constituição da comunidade muitas experiências aconteceram de formas únicas. Observa-se que em alguns momentos da história ao invés de acontecer avanços ocorreu o contrário. Por exemplo, as atividades de lazer que sobrevinham do futebol, os encontros no campo, não acontecem mais na verdade, segundo os próprios moradores que ainda residem na comunidade, recreação, e “agitação como naquela época, nem existe mais”. Com o avançar do tempo na comunidade, muitos elementos urbanos foram sendo incluídos no cotidiano, dentre eles, identificamos a presença de balneários, clubes e a presença de igrejas. Muitas casas surgiram às margens do ramal onde os moradores para ter seu próprio momento de lazer construíram piscinas.

No que tange a saúde da comunidade, segundo os relatos a comunidade tem agente comunitário, porém, não possui posto de saúde. As pessoas têm que se dirigir a comunidade vizinha ou procurar posto de saúde na cidade de Iranduba. Em relação ao descarte do lixo, é realizado pelos próprios moradores que em seu quintal cavam um buraco ou queimam os resíduos. Observamos aqui a ausência do Estado em garantir políticas públicas que atendam a saúde dos comunitários. Comunidade vizinhas que têm menos tempo de existência já possuem posto de saúde, às ruas são asfaltadas e a Comunidade do ramal Pic Bela Vista não é atendida. Pelas narrativas percebemos que as pessoas se tornaram muito mais individualistas, se já naquela época quase não se viam, hoje nem conseguem identificar a quantidade de pessoas existentes na comunidade. O modo de vida urbano foi crescendo com o tempo, e se intensificou após a construção da ponte sobre o Rio Negro, o que facilitou a logística das pessoas.

Em consequência da construção da ponte, a área referente ao Município de Iranduba teve uma supervalorização. Muitas casas, prédios, e conjuntos habitacionais foram aumentando e transformando a paisagem, foram adquirindo um valor simbólico de investimento. Além da valorização da especulação imobiliária, a construção da ponte deu mais acessibilidade e facilitou o acesso da cidade de Manaus para às comunidades e municípios do outro lado do rio Negro. Muitas comunidades ao longo da estrada que dá acesso ao município de Iranduba configuram-se como uma comunidade dormitório, as pessoas passam o dia na cidade de Manaus trabalhando ou estudando, é só voltam para casa à noite para descansar, para o outro dia retomar suas rotinas.

Assim como em todas as comunidades, o processo de urbanização vai ganhando forças com o tempo, e a comunidade do ramal Pic Bela Vista vai acompanhando os processos de mudanças da sociedade. Pela luta política de seus representantes, ou melhor dizendo, pela luta dos próprios moradores, pouco a pouco vem crescendo a infraestrutura como a energia elétrica.

Percebemos nas narrativas como foi sendo implantados os elementos urbanos na comunidade. Possuir luz elétrica era para poucas pessoas. Segundo os moradores antigos, quando chegaram a comunidade não existia luz elétrica, todos usavam lamparinas ou velas. Como evidência os relatos.

De acordo com a sra. Glaucione “[...] como não tinha energia, bebíamos água do pote e a noite usava-se lamparina para clarear nosso jantar.” (Glaucione, 2022). Todos os moradores confirmaram esse fato histórico da comunidade.

Para alguns, era muito difícil lidar com a escuridão à noite para se locomover pelas ruas dentro da comunidade, por conta do medo de assaltos e os animais que por ali passavam. Já a sra. Glacira relata que em sua época na comunidade existiam muitas famílias, como a sua, que tinham motor gerador de energia própria, que utilizavam das 18h até por volta das 22h.

Seu Irineu recorda que para conseguir luz elétrica a comunidade passou por grandes dificuldades.

Energia? Anrã, coitada, era lamparina! Aqui num tinha água, num tinha luz, num tinha era nada, agora caça tinha muito era a salvação né. Mas minha irmã, se eu for contar a vida nossa aqui, dá pra fazer uma novela e ainda sobra capítulo, do tanto que nós já sofremos aqui, num foi fácil não. Ai depois não, depois foi passando, foi quando o Lula era presidente, que apareceu aquele negócio de “luz para todos” por aqui né, ai chamando nós que era daqui pra ajudar a fazer lá o caminho da rede de luz, cavar os buracos, botar poste, ajudar publica, que iam puxar aqui pra nossa casa, mas foi só conversa fiada, nós trabalhamos igual um burro de carga ai, assim ó, cavando buraco e ajudando botar poste lá com caminhão, não botaram nenhuma luz em casa nenhuma aqui, depois tivemos que se virar. Aqui foi comprado só o transformador, ainda bem que o resto do material ele deu né, mas melhor né, melhor do que nada. Aí depois, a gente foi ajuntando um dinheirinho, dinheirinho, mandei cavar um poço bem ali, graças a Deus nós temos água à vontade, aí parece que vai clareando a vida né. (Irineu, 2022)

Nota-se que à comunidade é contemplada com energia elétrica depois de muita luta e resistência, por parte dos moradores. A energia elétrica se instaura por meio do programa do Governo Federal, onde atualmente todas as casas possuem luz elétrica, no qual podemos identificar elemento urbanos no cotidiano dos comunitários, como, equipamentos eletrônicos como televisão, máquina de lavar, aparelhos de rádio, entre outros que facilitam a vida das pessoas que moram nesse lugar.

A comunidade possui atualmente um sistema de abastecimento por meio de poços artesianos, onde cada residência possui seu próprio poço artesiano. Há alguns anos, tinham que consumir água diretamente dos lagos, sendo que em determinada época às águas ficavam impróprias para o consumo. Segundo o relato do sr. Irineu:

se eu te mostrar da onde eu pegava água meu irmão, se tu descer lá nunca mais na vida tu sobe, eu era novo, eu tinha muita força né, eu subia com dois balde de 20 litros. Nós carregamos muita água, era uma cacimba lá pra trás,

depois nós fizemos um tanque bem ai, onde ta esse cimento quebrado, um tanque que pegava 3 mil litros de água, aí fez uma biqueira grandona na casa aí dava mais pra aliviar, chovia enchia caixa aí nós tinha água, mas quando não tinha ou de lá ou do igarapé. Nós pegava água também aí do igarapé, mas o olho d'água só da cacimba que nunca secou. Aqui não tinha nada, não meu irmão. (Irineu, 2022).

A partir das memórias dos entrevistados, percebemos que as políticas públicas estão muito longe de serem alcançadas se depender do poder público. A comunidade tem crescido expressivamente, no que diz respeito a população, mas em contrapartida, a infraestrutura, os sistemas de esgoto, até o asfaltamento da comunidade não é feita.



Figura 14 - A Escola Municipal Bela Vista.
Fonte: Trabalho de campo, 2023. (Foto: Kamila Moreira).

Na área da educação, o processo de instalação da escola na comunidade aconteceu muitos anos depois, também, após a incessantes lutas. Entretanto, antigamente, a comunidade possuía uma escola fundada pela primeira professora, a sra. Glacira, segundo as informações da própria, a escola localizava-se próximo a

estrada principal da comunidade, mais precisamente, no outro lado da estrada. Atendia os alunos da comunidade e das comunidades adjacentes.



Figura 15 - Foto de arquivo pessoal, onde mostra a sra. Glacira, primeira professora da comunidade em frente à sua casa.

Fonte: Arquivo pessoal. Org. Kamila Moreira, 2023.

Atualmente, o nome da escola era para ser uma homenagem a primeira moradora, porém, devido às reivindicações de um dos moradores que autointitula como o primeiro morador, (informação refutada pela maioria dos entrevistados e moradores da comunidade) decidiram nomear a escola com o próprio nome da comunidade, passando a ser chamada de Escola Municipal Bela Vista. Sua estrutura é simples, possuindo 2 salas, sendo 4 turmas, onde funciona 2 turmas pela manhã e 2 pela tarde, atendendo da 1ª série ao 9º ano do ensino fundamental. O transporte público que dá acesso as cidades de Iranduba e Manaus, não entram dentro, sendo assim, às pessoas, crianças e adolescentes que estudam nas escolas fora da comunidade, precisam caminhar, ou ir de transporte próprio até a beira da estrada para pegar o ônibus público, ou quem têm condições vai com seu próprio veículo.

“Um conhecer do lugar” como aponta Nogueira (2005, p.8) onde os saberes e conhecimentos sobre a realidade do lugar são fundamentais para que possam ser elaborados mecanismos, como políticas públicas, que possibilitem desenvolver o local.

Seu Jaime (2023) líder comunitário, relata como foi sua chegada na comunidade

Meu nome é Jaime Monteiro da Costa, tenho 44 anos e a minha chegada aqui na comunidade foi através do meu pai. Meu pai veio morar pra cá e eu já moro aqui há mais de 15 anos na comunidade, a minha chegada aqui na comunidade foi através dele, ele veio morar pra cá para trabalhar com o seu Antônio e aí ele já mora aqui há mais de 25 anos e eu já to com 15 anos morando aqui na comunidade. (Jaime, 2023).

No decorrer da entrevista com o líder comunitário relatamos a preocupação em encontrar documentos que comprovem o registro e como ocorreu à instituição da comunidade, uma vez que, tivemos dificuldades ao longo da pesquisa. Após ser questionado, seu Jaime responde a partir de sua percepção como morador e como líder comunitário:

Sobre a documentação da comunidade existe ele já tem 1 ano e cinco meses já registrada, a documentação está toda ok, tem CNPJ, tudo legalizada a comunidade, ela já existe há muito tempo, mas legalizada ela tá com 1 ano e seis meses legalizada e passou a ser reconhecida como comunidade mesmo, antes tinha só o nome mas, não era registrada em canto nenhum, então agora ela é registrada, tem todo documentação, tem CNPJ, tudo normal. A Associação ela é formada, já tem 50 associados, a associação tem até mais eu nao to lembrado do número agora não, mais 50 tem associados na associação. Então ela funciona dessa maneira, os associados têm uma mensalidade que eles pagam por mês 10 reais, essa mensalidade ela é depositado numa conta sem fins lucrativos, só pra pagar mensalidade que nao hora que algum comunitario precisar da associacao pra declaração ou alguma coisa ela tem que tá em dias com a comunidade, então ela serve pra isso, ela serve pra beneficio dos comunitários sobre isso ai, porque se eles moram aqui e nao sao registrado na comunidade na associação, então quando eles forem atras de alguma coisa, algum beneficio no IDAM ou prefeitura essas coisas ai vão perguntar onde eles moram e se tem documento e se está legalizado, ela funciona assim a associação. Ela foi formada com 12 membros, entre presidente até os suplentes que tem, então pra ela ser formada, ela tem que ter 12 pessoas pra formar a associação, e onde foi feito uma assembleia, passou pelo cartório, passou pelo advogado, então ela aconteceu assim, fizemos uma reunião e a votação e na votação eu ganhei pra ser presidente da comunidade, ela aconteceu assim. (Jaime, 2023).

O relato do líder comunitário mostra seu conhecimento e percepção do lugar, evidenciando as necessidades e dificuldades que os comunitários enfrentam, principalmente nessa comunidade.

As discussões nas entrevistas com os colaboradores apresentam abordagens diferenciadas sobre as do urbano no rural. A percepção desses elementos que integram a dinâmica e a paisagem da comunidade se mesclam, definindo particularidades e singularidades que marcam a localidade, onde o território tem um caráter "híbrido".

Observou-se que a comunidade já tem uma cultura urbana, em todas as casas é possível ver a presença aparelhos eletrônicos como tv e a antena parabólica, motos, carros, ar condicionado. Os hábitos urbanos como assistir a novelas das 9h, ficar mexendo no celular e acessar as redes sociais já fazem parte do cotidiano dos comunitários.

Os traços urbanos não se restringem a elementos físicos, ou fisionômicos, eles estão presentes no cotidiano das pessoas através da incorporação de elementos urbanizados, hábitos, alimentação, costumes. O urbano também é comportamento. As pessoas adquirem comportamentos urbanos, mas em paralelo, a paisagem da comunidade insiste em permanecer rural, uma resistência de viver no lugar, assumem apenas características urbanas.

Embora as cidades carreguem o símbolo do moderno, percebemos que atualmente, a tecnologia é difundida nos espaços rurais por meio das novas formas e ferramentas de trabalho.

A dinâmica espacial é reconfigurada por novas formas e funções como já foi citado aqui anteriormente por Santos (1996). As experiências dos homens resultam de novas cenas, novos sons, cheiros, gostos, modos e costumes totalmente diferentes de antes ou se apresentam de forma híbrida.

Para Tuan (1978), a cidade é entendida por alguns autores como um assentamento com certo tamanho. Diz mais, que para outros, a cidade caracteriza-se a um tipo ideal, remetendo a polis grega, ou a cidade-estado renascentista, onde os espaços são avaliados dependendo dessa aproximação do tipo ideal (TUAN, 1978, p.5).

Indo mais adiante na leitura do texto de Tuan (1978), observamos que à característica das cidades é definida e classificada de diferentes maneiras, cada pesquisador entende e interpreta com sua experiência e conhecimento, embora como o autor citado diz, "é uma futilidade procurar uma definição para a cidade que tenha um significado universal (TUAN, 1978, P.5).

Rua (2006) citado por Tavares (2016) escreve que

“rural e urbano fundem-se, mas sem se tornarem a mesma coisa, já que preservam suas especificidades”. Escreve ainda que estas urbanidades no rural provocam uma nova relação com a terra, definida pela pluriatividade que caracteriza estes espaços híbridos. (RUA, 2006, p. 86).

As comunidades adquirem um caráter de entendimento sobre as novas mudanças, onde o urbano e o rural passam a viverem em paralelo embora tenham suas divergências. As cidades também se classificam a partir do distanciamento do campo, uma vida mais simples, a agricultura voltada apenas para a subsistência, o contato direto com a natureza, enquanto na cidade, esses laços praticamente não existem, tudo acontece de forma mecanizada.

No mundo materialista que vivemos, a paisagem sofre alterações por parte do homem, trata-se de uma paisagem mais humanizada. Onde assume diferentes funções e formas. O ambiente que vemos hoje tem passado ao longo dos séculos por diversas modificações. Em certo local existiam muitas árvores, era bastante arborizado, hoje está modificado por ter que atender às demandas populacionais, por exemplo, a construção de rodovias, estradas, casas, prédios.

Para Pallasmaa (2016, p. 9)

Las ciudades y los edificios antiguos son acogedores y estimulantes, puesto que nos ubican en el continuum del tiempo; se trata de ambles museos del tiempo que registran, almacenan y muestran las huellas de un momento diferente a nuestro sentido del tiempo contemporâneo nervioso, apresurado y plano; proyectan um tiempo “lento”, “grueso” y “táctil” (PALLASMAA, 2016, p. 9).

A memória do lugar é resgatada através dos símbolos materiais, que apresentam um recorte do tempo. As construções antigas são carregadas de memórias, sentimentos e significados, mostram um passado com realizações históricas. Entretanto, a modernidade tem modificado o lugar e o modo de vida das pessoas, para muitos o contato com a natureza é perdido, assim, a paisagem atual mostra-se alterada, polarizada.

Outra abordagem interessante de Tuan (1978) é em relação ao ritmo natural da natureza, “o ritmo natural do dia e da noite, do trabalho e do descanso, é rompido na cidade, cujo status cultural é medido pelo vigor de sua vida”.

A cidade configura-se em elemento subjetivo materializado, resultado de um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valores, decisões e comportamentos coletivos. (PINHEIRO, 2015, p. 27). Sendo assim, percebemos, por exemplo, que o medo à violência nas cidades modifica toda uma dinâmica espacial ou da sociedade.

Paralelo a isso, as percepções vividas por indivíduos no campo talvez tenham semelhanças em alguns aspectos como os da cidade, porém, em grande maioria a dinâmica do espaço rural segue uma necessidade específica a quem reside nas comunidades.

As casas com muros altos, com cerca elétrica, câmeras instaladas nas residências e comércios, indicam que as pessoas estão tentando criar uma ilusão de segurança, enquanto no campo, o cenário, o medo é outro.

No campo, o processo de produção da agricultura, pecuária, entre outros, passam a ser produzidos em certa parte em grande escala, por conta dos mecanismos tecnológicos, o que ocasiona em novas dinâmicas socioespaciais que reconfiguram o rural e as relações com a cidade.

Martins e Souza (2016) destacam que “Os processos técnicos científicos oferecem às cidades mecanismos de controle dos processos e da vida no campo”.

As transformações no campo surgem de fato na consolidação do capitalismo, onde tenta expandir outras maneiras de extrair lucros. Assim, acaba por remodelar o modo de vida, os hábitos e a cultura dos indivíduos.

O cenário que visualizamos se apresenta com múltiplos significados. Torna-se necessário, por meio das particularidades dos modos de vida, estudar e refletir sobre as novas formas que surgem a partir das transformações do urbano e rural, e como isso influencia nas dinâmicas socioespaciais.

O lugar é identificado como manifestação das experiências do homem, do vivido. Onde baseia-se nas correntes da Geografia Humana e Cultural, passando pela vertente fenomenológica e historicista, revelando o mundo vivido e as múltiplas formas de relações. Refletir a construção do cotidiano, buscando evidenciar a coexistência de traços urbanos e rurais.

Diante dessa nova dinâmica, estudar e conhecer as novas tendências e mudanças socioespaciais, e o desenvolvimento da globalização e urbanização nos espaços urbanos e rurais, é saber que o mundo não está estagnado. Os espaços e modos de vida antigos são cada vez modificados, o cheiro não é mais o mesmo, o sabor não é mais o mesmo.

Em síntese, o rural revela-se com características tecnológicas e ao mesmo tempo, permanecem com suas especificidades do campo, enquanto no urbano, as cidades possuem características capitalistas e urbanizadas. Assim, percebemos que existem mudanças significativas no cotidiano dos indivíduos.

2.4 As transformações no espaço e a ressignificação do lugar

Como abordamos anteriormente, as transformações não acontecem somente nos aspectos físicos, contudo, nesse último tópico, trazemos de forma breve noções sobre a paisagem, já que o lugar está condicionado às transformações fisionômicas na comunidade.

A essência da paisagem sempre esteve relacionada à existência humana na Terra. Sustentando essa ideia, notamos que as primeiras noções de paisagem são referentes à sobrevivência humana, a qual, sempre dependeu de sua relação com o meio. Todavia, a construção conceitual de paisagem ocorreu ao longo do tempo, onde surgem com as representações em formas de pinturas rupestres (MAXIMIANO, 2004, p. 84).

A visão de paisagem na antiguidade estava relacionada à utilidade e estética, onde era destinada, por exemplo, para os fins agrícolas ou na composição do cenário nas cidades. As cidades tinham alguns elementos selecionados da natureza, onde formavam complexos residenciais cercados por muros. Daí, a paisagem passa a existir a partir do sentido e utilidade que o homem emprega.

Na Idade Média, a paisagem vista pelos camponeses segundo Ronai (1976), não passava de um horizonte de trabalho e de servidão, já que ele tinha os olhos fixos na terra, ou de fome, de seca, enquanto para os senhores aquele espaço demarcava uma visão de dominação associado ao poder ideológico e o lucro que poderiam receber em troca.

O autor também descreve que neste período a paisagem é negada, como exemplo, a forma que era retratada pelos pintores e poetas que estrategicamente inventavam o que queriam transmitir. Observamos aqui que, na atualidade a paisagem é percebida como um espaço de interesse seja ele econômicos ou estéticos, ou como um “cenário pitoresco” (TUAN, 1980, p. 152).

A discussão na Geografia é um tema bastante antigo no qual buscavam entender as relações sociais e culturais em um determinado espaço. Entretanto, a interpretação de paisagem dentro da Geografia tem muitas vertentes. Na geografia alemã, a noção de paisagem surge na observação de áreas visualmente homogêneas, onde englobava o conjunto de fatores humanos e naturais. Já a geografia francesa associava a *paysage* como um relacionamento do homem com

seu espaço físico. A maioria desses entendimentos estava relacionada às abordagens filosóficas (SCHIER, 2003, p. 80).

Atualmente os conceitos de paisagem estão baseados na cultura, ou seja, a relação da cultura vai influenciar na percepção das pessoas sobre o mundo. Assim como cada indivíduo tem suas particularidades que o fazem enxergar o mundo de maneira diferente, os povos também vão compreender e interpretar essa paisagem desse lugar de maneiras diferentes. Assim, muitos dos problemas ambientais estão ligados à questão cultural, por isso, alguns geógrafos como Yi-Fu Tuan, através de suas obras tentam entender os problemas ambientais a partir das individualidades e coletividades dos indivíduos.

O meio ambiente é percebido de diversas formas, suas paisagens contém significados que se reconfiguram com o decorrer do tempo. Além disso, as paisagens rurais e urbanas retratam diferentes cenários, nos quais podem afetar o julgamento perceptivo das pessoas ou grupos. A capacidade visual de entender os desafios que enfrentamos levam a adaptar-se a esse meio.

Deste modo, assim como as outras ciências podem fazer uma interpretação da realidade analisada sobre a perspectiva, na geografia agrega a possibilidade de entender os fenômenos observados na relação homem-natureza. A abordagem da Geografia Humanística e Cultural nos possibilita, então, compreender as relações que são impressas através dos valores, sentimentos, recordações, sensações, no espaço vivido. Podemos dizer, que a paisagem depende da interferência humana. Ou seja, isso nos permite entender as múltiplas paisagens. Como somos indivíduos com capacidades perceptivas diferentes. Mesmo que a paisagem seja composta por elementos que todos concordem, sempre interpretaremos uma paisagem diferente. Podemos concordar com a existência de alguns elementos, mas por conta do nosso acúmulo de experiências vividas adquirimos significados diferentes.

As breves abordagens conduzidas até aqui, tem o intuito de mostrar como a paisagem era percebida nos séculos anteriores. Como os indivíduos e povos interpretavam e de como o ambiente, lugar adquirem novos significados com o tempo. E isso, veio à tona para discutimos como os atuais comunitários interpretam, ou melhor, percebem as transformações ocorridas na paisagem com o avançar da urbanização nas comunidades.

A partir dessas interpretações sobre a paisagem compreendemos que as transformações acontecem muito além da paisagem, as mudanças chegam no modo de vida dos moradores da comunidade, que passam a conviver com a estrutura urbana em seu “novo” espaço cotidiano.” (TAVARES, 2016, p. 14).

Não é só o espaço, ou na paisagem que acontece a ressignificação, os aspectos sociais também ganham novos significados com o tempo, novas conjunturas urbanas, sociais e econômicas vão remodelando o espaço vivido.

Tavares (2016) às

Mudanças nos hábitos cotidianos, nas relações com os demais comunitários, nas relações com o trabalho, nos levam a observar uma ressignificação do espaço vivido na comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia, atingida pela mudança em sua infraestrutura. Sendo um “ser geográfico”, imbuído de geograficidade, o homem acaba incorporando os novos signos a sua vida cotidiana e passa a ressignificar seu espaço vivido, de forma dinâmica, tal qual o próprio espaço geográfico o é. A geograficidade, segundo Dardel, “refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial”. (1990, p.42 apud NOGUEIRA, 2014, p.38)

Com tecnologia e o fácil acesso da informação permite que os hábitos e costumes dos sujeitos se mesclam a essas mudanças, em ressalva, em muitas comunidades mantêm certas resistências com o “novo”. No mundo contemporâneo, você pode viajar o mundo sem sair do lugar, pode experimentar através dos sentidos objetos e alimentos culturalmente experienciados de outro lado do mundo. Os gêneros musicais, os alimentos já fazem parte de boa parte das comunidades rurais. Novas formas e funções remodelam o espaço dando novos significados.

A ressignificação do lugar não se resume também às criações urbanas como escreve Tavares (2016) ao citar Rua (2006) isto ocorre porque segundo o autor

mantém suas particularidades por parte dos habitantes das áreas rurais, conformando um caráter híbrido ao território e às identidades criadas com componentes “rurais” e “urbanos”, usados, estrategicamente, como discursos e reivindicações predominantes, de acordo com o momento vivido pelos agentes sociais locais, em que situações de inferiorização (frente aos urbanos) e de reivindicação de direitos convivem nos relatos obtidos na pesquisa. (RUA, 2006, p. 95)

Diariamente somos bombardeados de informações, quer sejam desejadas ou não. Quem mora no meio urbano a todo momento ouve ruídos dos carros, do som no último volume do vizinho, os sonhos dos celulares, os odores da cidade, o momento

de silêncio chega ser raro. Diferente de quem mora no campo, onde o silêncio é quase desesperador. O processo de evolução da sociedade trouxe consigo, grandes diferenças no desenvolvimento das habilidades, dos hábitos e na forma de sobrevivência dos sujeitos.

Desta forma, a comunidade do ramal Pic Bela Vista apresenta-se em contato constante com a natureza, esse espaço rural típico amazônico, têm fortes marcas regionais que demonstram essa relação de proximidade entre o homem e a natureza. Dentro desse processo de ressignificação da paisagem, da cultura, dos espaços e do meio social, em cada nova manifestação há a incorporação de novos elementos que são trazidos pela modernização Silva (2015)

tais manifestações se renovam em consequência desta relação estabelecida com o moderno. É por esse motivo que se pode afirmar que a cultura ribeirinha, sua memória e seus espaços simbólicos se encontram em estado de transformação e de mudança permanente. (SILVA, 2015, p. 165).

O lugar onde os sujeitos estabelecem laços culturais são transformados pela dinâmica do espaço vivido em uma relação simbólica, no qual essa relação se conecta com o moderno que está em constante mudança. Os seres humanos vivem uma constância, onde diariamente tendem a se adaptar a novas situações que vão surgindo no meio onde está inserido, os espaços vividos das comunidades também atribuem ao lugar um novo significado.

CAPÍTULO 3

A representação do lugar: a Comunidade Pic Bela Vista nos mapas mentais dos seus moradores.

3.1 Mapas mentais: À comunidade representada pelos moradores da Comunidade

“[...]os mapas, são representações alheias à realidade vivida. A geografia deve se aproximar de uma outra cartografia, a que reconhece os mapas mentais que cada sujeito conhece e que o faz circular nos lugares.”
(NOGUEIRA)⁶

Os mapas mentais têm a capacidade de representar toda vivência de uma localidade, em forma de desenho e escrita, apresentando a cultura da região e o convívio das pessoas, isso de forma única, pois cada um de nós temos pensamentos e percepções diferentes. Os mapas mentais revelam, fases da vida, da maneira que cada um guardou na memória, a história vivida em um lugar. Desta forma, os mapas mentais não são apenas desenhos, eles representam acontecimentos e fatos importantes na vida de cada pessoa, cheia de recordações. Como a percepção é individual, cada um informa a sua experiência vivida de diferentes formas.

As primeiras representações da vida humana, foram desenhadas e pintadas ao longo da história das diferentes culturas na Terra. Onde desde o início já se via a preocupação em garantir explicações concisas dos lugares. As descrições eram registradas por pessoas simples, que não tinham nenhuma intenção de se organizar e nem sabiam se era certo aquele tipo de conhecimento que eles tinham, pintavam como percebiam, do jeito que viviam. (NOGUEIRA, 2001, p. 121).

De acordo com Souza et. al (2021) Os mapas mentais são representações produzidas a partir da percepção de cada indivíduo sobre o lugar ou qualquer outro elemento que possui significado particular segundo as experiências vividas. Os desenhos são feitos com os detalhes e quem o produziu consegue notar e viver de forma individual.

Os mapas mentais são exibições que retratam experiências adquiridas no decorrer do que se viveu, são marcos essenciais que desenharam recordações. As informações expressas nos mapas apresentam efetividade em suas imagens, daquilo que foi adquirido durante o percurso de uma vida, com particularidade e significativos

⁶ NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica:** a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. . Acesso em: 13 out. 2022.9

peçoais, não se apresentam unicamente como figuras, têm valores importantes em cada aspecto.

Os mapas mentais ajudam a mostrar a representação de uma localização geográfica vivida de forma real, com significados marcantes do ambiente de várias culturas regionais.

O lugar que as pessoas habitam são capazes de viver em harmonia no seu dia a dia e assim, sabendo lidar com suas emoções e percepções durante suas vidas. Nessa forma, o mapa mental tem objetivo de mostrar as imagens do local para a população, e sendo utilizado como um recurso direto que o mesmo possa representar como um meio de informação para os indivíduos. O ser humano tem o conhecimento para construir e desconstruir seu próprio espaço e é capaz de modificá-lo para que possa obter seu conforto e que sua qualidade de vida seja eficaz. A pessoa tem o poder para construir imagens que represente o seu lugar onde habita, o qual tem o significado ali de suas vivências.

No entanto, os mapas mentais representam para o profissional de geografia instrumento ideal para compreender os lugares que representam e para compreender as experiências de vida dos indivíduos (IBERTIR, 2001, citado por Souza, Nogueira e Gonçalves, 2021).

Segundo Nogueira (2001)

Os mapas mentais são representações gráficas que ficaram preservados na mente, pelo tempo vivido em um certo lugar, alguns com poucos acontecimentos e outros por muitos fatos históricos para serem relatados. É perceptível a reflexão que todos tem seus pensamentos diferentes, por isso, os mapas mentais nunca são iguais, eles têm qualidades particulares. (NOGUEIRA, 2001, p. 71).

A autora descreve que a memória exerce um importante papel no processo de representação do lugar. A partir do momento que sujeito visualiza um objeto ou espaço simbólico, automaticamente as informações são processadas no subconsciente onde se projeta a partir de imagens, informações essas adquiridas pelas experiências vividas construídas ao longo da vida, ou através dos sentidos.

Por isso segundo Matos (2014)

entendemos que se faz necessário estar com a população local durante a pesquisa, considerando a abordagem fenomenológica como pressuposto para vivenciar os fenômenos, sendo fundamental na compreensão da relação ser-mundo, entendendo a representação do Lugar no cotidiano do morador da várzea e a questão simbólica nas representações sociais, para haver uma compreensão da relação de modo de vida ribeirinha e sua organização social, valorizando as experiências do morador com o Lugar a partir de seus relatos

tendo a fenomenologia como base para entendimento dessa relação estabelecida com o lugar, pois os moradores compreendem melhor o seu lugar. (MATOS, 2014, p. 18).

A representações pelos mapas mentais transmite todo o conhecimento que o indivíduo experienciou em vida, no qual sua percepção vai depender do que vivenciou. Todos nós temos conhecimento dos lugares, embora experiências e sentimentos de maneiras divergentes.

De acordo com Nogueira (2001)

para termos conhecimentos dos lugares, das percepções, da cultura e do conhecimento dos moradores de determinado lugar, os mapas mentais foram identificados pelo seu grupo de pesquisadores, como representações para se construir as percepções dos lugares vividos. E como o homem percebe, ele representa e relata vivenciando o lugar. (NOGUEIRA, 2001, p. 103).

Os mapas permitem ao pesquisador compreender o recorte espacial de sua pesquisa, evidenciando as diferentes percepções do lugar, tornando possível compreender, como por exemplo, a comunidade do ramal Pic Bela Vista, como foi se instituindo ao longo dos anos, e como foi acontecendo seu processo de transformação.

Para Pereira e Neto (2021)

A representação é entendida, portanto, como forma de pensar, como expressão da consciência coletiva, como o lócus da ação de origem simbólico que tem na cotidianidade sua materialidade. Todo sujeito tem uma ligação como espaço em que vive, no que tange a memórias afetivas, experiências, signos, o que se pode chamar de relação de representação. Para tal, o espaço percebido refere-se as práticas espaciais, a materialidade dos objetos na relação com o sujeito, já o espaço concebido são as representações do espaço e seus signos concebidas pelos agentes conceituais, no que tange ao espaço vivido trata-se do espaço representacional, as chamadas invenções mentais, o imaginário individual e coletivo. (PEREIRA e NETO, 2021, p. 173).

Quando o sujeito percebe e compreende seu espaço e suas mudanças, a dinâmica do lugar evidencia um modo de vida que funciona de acordo com as transformações da natureza e da sociedade. Ao perceber como já foi dito, acontece na memória que projeta a realidade experienciada. Portanto, toda experiência de vida pode ser representada.

Desta forma os mapas mentais dos moradores e das pessoas que viveram na comunidade nós possibilitou compreender melhor seu lugar chamado ramal Pic Bela Vista. Conforme a elaboração dos mapas trouxe a preocupação de desenhar o mapa a partir do que foi vivenciado. Entre os mapas contém minha percepção sobre a comunidade, já que vivi no lugar durante parte da minha infância, e por ter conexão com o lugar e as pessoas. Inclusive, tenho relação de parentesco com alguns entrevistados. Decidimos expor os Mapas Mentais nesse capítulo, onde apresentam

e registram através da representação do lugar um pouco da dinâmica natural, cultural e econômica.

Mapa 03 - Mapa Mental Kamila (à pesquisadora): comunidade do ramal Pic Bela Vista.



Fonte: Representação do mapa da pesquisadora. Data: fev. de 2023.

Eu, pesquisadora (2023):

Quando me recordo da comunidade, sempre sinto em tom nostálgico. Vem a mente a imagem de estar caminhando pelas ruas da comunidade com meus primos, andando da casa da vovó, até a casa da vovozinha (era assim que nós a chamávamos). Não lembro de ter medo ao andar pelas ruas, talvez por ser muito criança e não tinha noção do perigo. Lembro que para ir à escola, às vezes eu ia de moto com a vovó Glacira, que era professora da escola que onde frequentava no Iranduba. Outras vezes tinha que caminhar até a beira da estrada principal para pegar ônibus do Iranduba que passava pela parada da escola. Depois de anos, quando retornei a comunidade fiquei um pouco surpresa com a quantidade de pessoas. A paisagem de mato, fazendas que se via ao longo do ramal, agora foi tomada por várias casas, chácaras e sítios. Vi até fábricas na estrada. Também percebi que a estrada ficou mais movimentada, por pessoas e veículos. Outra coisa que percebi, foi o fato de que, todo esse tempo o ramal e as ruas nunca foram asfaltadas. Tantos anos se passaram, embora veja que houve mudanças, ainda dá para sentir em certos lugares a sensação de como se fosse a mesma paisagem de antes.

Digo isso porque, muitas coisas não mudaram, como foi dito, a rua não está asfaltada, antes às pessoas quase não se viam por ter casa longe uma das outras, hoje percebi que, elas não se veem porque o dia a dia se tornou cansativo, ou porque perderam a animação como antes de se reunir para bater papo, é como se tivesse varia comunidades dentro da mesma.

Mapa 04 - Mapa Mental da Sra. Glaucione: comunidade do ramal Pic Bela Vista.



Fonte: Representação da sra. Glaucione. Data: jan. de 2023.

Dona Glaucione (2023):

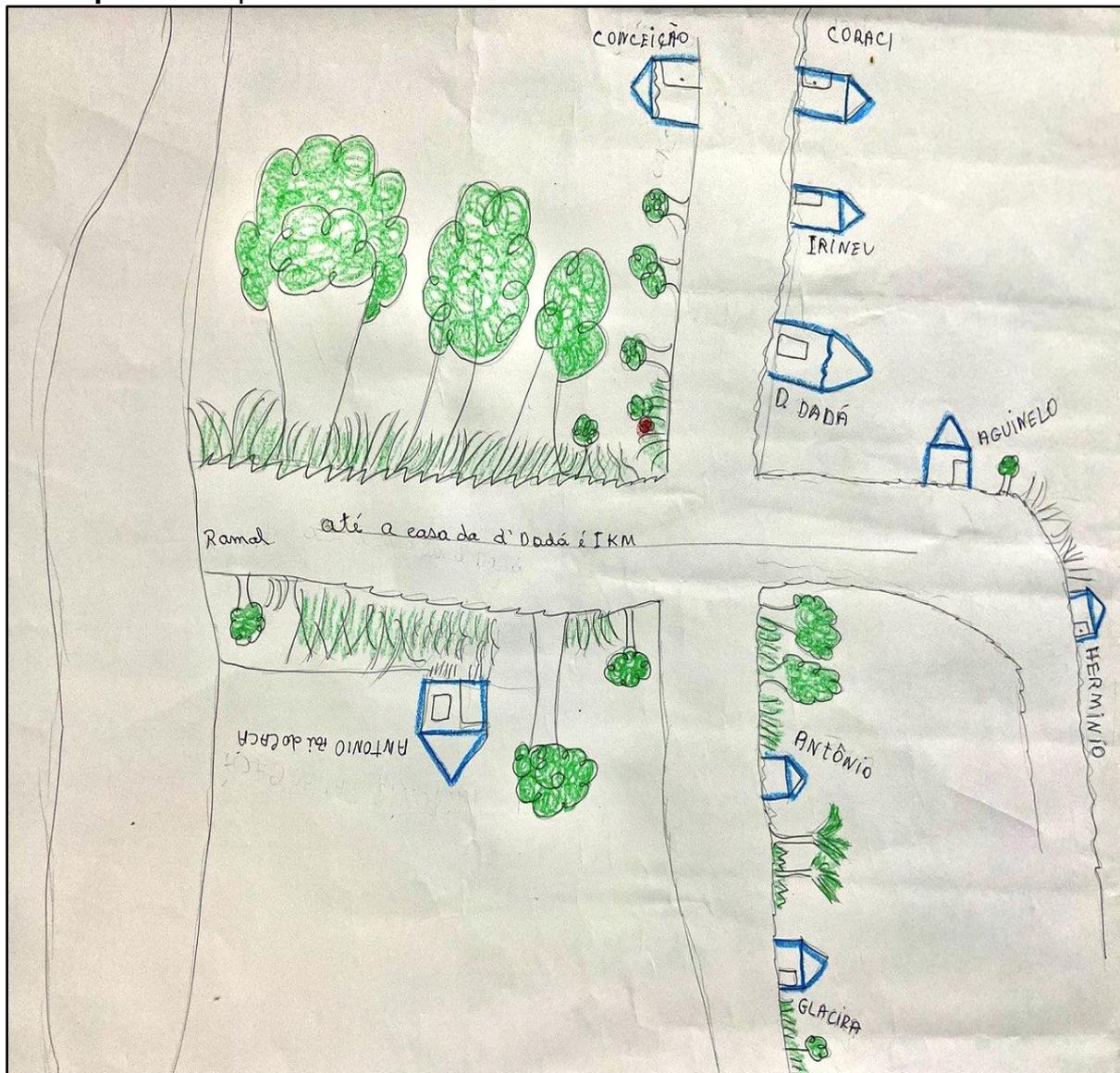
Quando eu cheguei para morar com minha avó no sítio dela, era tudo bem mata mesmo, sem energia elétrica, usávamos lamparina e nossa farda era passada a ferro de carvão, água para beber e lavar roupa era do igarapé. Para ir a escola eu e meu irmão andávamos um quilômetro a pé em um caminho bem estreito entre a mata, e muitas vezes morriamos de medo dos bichos que passavam correndo na nossa frente, da paca, tatu e até cobra e dos caçadores que a gente via pelo caminho. Muitas vezes voltávamos para casa correndo com tanto medo que, às vezes, até nossa bolsa nós jogava e no outro dia de manhã íamos procurar. Naquele tempo, não tinha casa no ramal, o

caminho tinha muito tronco e raiz de árvore e a tardinha já era escuro devido às altas árvores. Foi um tempo dificultoso, mas minha idade, eu não sentia nem via tanto, porque minha avó, apesar de ser bem rígida, ela tratava nós como crianças e nós brincava muito nas árvores que podíamos subir, correndo atrás de galinhas, mas também tinha nossos afazeres. Eu lembro que varria ao redor da casa feita de palha com uma vassoura que minha avó fazia de uma planta chamada vassourinha e das muitas vezes que plantamos maniva com ela, ela cortava e cavava os buracos e nós colocava os pedaços da maniva e enterrava.

Os vizinhos moravam distante, mas eles gostavam muito da minha avó, ela era trabalhadora, e sempre fim de semana um vizinho vinha visitar ela. Às vezes, ela chamava o seu Hermínio e a dona Maria para ajudar ela fazer farinha. Eu e meu irmão não tínhamos outras crianças para brincar, nós inventava brincadeiras. As crianças que tinha, não eram acostumadas conversar nem brincar com a gente. Minha avó construiu o sítio sozinha e Deus, ela plantou muitas árvores frutíferas, que nem outros vizinhos tinham tanta fruta como ela, ela fazia o café da plantação dela, nosso café da manhã era batata doce, macaxeira, tucumã, e muitas outras frutas que ela mesma plantava. As casas não tinha segurança nenhuma, mas graças a Deus nunca ouvi falar de roubo ou assassinato nesse tempo, eu era a única menina naquele tempo e muitas vezes ia para escola sozinha, pegava água no igarapé que não era muito perto.

A casa da minha avó não tinha conforto nenhum, água era de pote, travesseiro e cama era feito de capim, copo feito de latinha de refrigerante, o piso era terra mesmo, só tinha um pedaço feito de estacas, onde era guardava a saca da farinha. Ela vendia frutas e farinha para comprar comida.

Mapa 05 - Mapa Mental da Sra. Glacira: comunidade do ramal Pic Bela Vista.



Fonte: Representação da sra. Glacira. Data: jan. de 2023.

À sra. Glacira (2023):

Quando eu fui o morar lá no quilômetro 6 da estrada do Iranduba, eu comprei um sítio com poucas árvores frutíferas a uns 500 metros do terreno da minha mãe, quando cheguei pra lá não tinha luz, mandei furar um poço artesiano com o tempo, água só no igarapé, usávamos vela e lamparina, assistimos só a noite novela numa adaptação com pilhas e baterias que meu esposo vez, quando chovia aproveita a biqueira pra aparar água, pra lavar roupa e louça. Para meus filhos irem para escola e para fazermos compras, andávamos 1 quilômetro, no ramal para ir na Vila do Iranduba. Quando eu fui morar pra lá, já tinha alguns moradores e com o tempo o número de moradores aumentou um pouco. Vivíamos de plantações. Os vizinhos eram bem amigáveis e não tinham problemas de roubo, brigas entre eles e quase toda noite, sempre ela recebia visita de seus vizinhos em sua casa. Conhecida por todos, dona Rosária, era bem respeitada na comunidade, pois sempre fez o bem a qualquer um que chegava a sua porta. Os vizinhos de sua época eram: Dona Conceição e seu Nicanor, Dona Zilda e seu Irineu, Dona Maria e seu

Sr. Civaldo (2023):

O que me lembro de antes, era que não tinha tantas pessoas como hoje. Antes tudo era muito difícil, não tinha luz, a gente tinha que carregar água do igarapé para beber. Como estou fazendo aqui no mapa, a gente tinha que andar tudo isso aí, tudo é longe, hoje não mudou muita coisa. andava, andava e via só mato, plantação. A rua não era e nem é asfaltada. As casas eram muito distante das outras, quase não se via ninguém, inclusive, faz tempo que não vou para aquelas bandas da comunidade, acho que faz anos. Aqui na rua, ali perto da ladeira, têm aquele igarapé, né. A dona Dadá tomava banho, lavava roupa tudo lá. Eu via ela carregar na cabeça balde de água, ela subia aquela ladeira toda levando água. Ela fazia tudo sozinha. Ah, hoje, mudou muita coisa né, chegou muita gente na comunidade, têm gente que nunca vi.

Os Mapas Mentais são entendidos como um recurso didático para estudar o lugar (NOGUEIRA, 2001, p. 194). Nas descrições dos mapas a comunidade Bela Vista é vista como um lugar de resistência, que insiste em manter contato com a natureza. Como descreve a professora Nogueira (2001) em seu livro referente às representações dos comandantes das embarcações

Os desenhos, os Mapas Mentais de cada comandante, foram construídos com a preocupação e o cuidado de fazer com que essas histórias aparecessem. A preocupação demonstrada por eles era de poderem desenhar, colocar no mapa, tudo o que eles sabiam sobre a linha percorrida, para que eu (a pesquisadora) pudesse conhecer melhor como vive toda essa gente. (NOGUEIRA, 2001, p. 195).

Para entender a comunidade é preciso conhecer a localidade, suas culturas, as condições de vida das pessoas, a essência dos sentimentos vividos, suas emoções compartilhadas e significativas. (Glaucione, 2023). Ao questionarmos ainda sobre a importância de estudar a comunidade para a sra. Glaucione, a mesma responde que

a importância de estudar a comunidade é de conhecer as características como os fatos históricos, efetivos, econômicos, sociais como os hábitos e costumes que foi vivido, para ter entendimento nesses acontecimentos marcantes de como viveram naquele lugar. (Glaucione, 2023).

Este argumento feito pela sra. Glaucione é o que realmente move essa pesquisa. De forma clara, as narrativas transcritas e representadas em Mapas Mentais permite os sujeitos apresentarem seu lugar e como ele é percebido. Também proporciona visualizarmos como as mudanças da sociedade influenciam dentro da comunidade de modo que, o modo de vida das pessoas e o lugar é ressignificado.

As narrações transcritas, na maioria das vezes, foram explicações do que estava desenhado, como afirma Nogueira (2001, p. 195). Ao fazer os mapas, apenas transcreveram em forma de desenho a representação de suas falas. Como mostrado

nos mapas, o lugar (comunidade do ramal Pic Bela Vista), em seus primeiros anos de surgimento, mostra uma paisagem totalmente diferente da atualidade, no percurso do ramal via-se muita mata, plantação, enquanto hoje, como mostrado no meu mapa (eu pesquisadora), a paisagem ao longo da estrada está repleta de casas. O fluxo de pessoas e veículos também é maior, o que gera para algumas pessoas, o medo da violência. Antigamente, a paisagem de medo era voltada aos bichos que passavam pelo ramal, e pelos fenômenos “sobrenaturais”. Me recordo que, certa vez, alguém chegou não lembro exatamente quem era, na casa dos meus avós, onde moramos, falando do “fogo fátuo”, que quando viu correu desesperadamente.

Ao comparar os mapas identificamos a presença de muitas áreas verdes, enquanto o meu mapa (pesquisadora) apresenta elementos urbanos como condomínios, igrejas e fábricas revelando a ligação de identidade e afeto com a terra pelo moradores. Como já apontamos em outros momentos, embora a comunidade tenha incorporados elementos urbanos, as características rurais ainda se fazem muito presente evidenciando a resistência dos comunitários. Além de representar a relação de identidade dos moradores, a terra também é o sustento para muitos, podemos ver nos mapas desenhos de animais que representam o trabalho na pecuária, de plantações que representam atividades voltadas a lavoura, a agricultura que ainda é muito presente na comunidade.

A dinâmica da comunidade é outra, os medos são outros, antes podiam dormir tranquilamente de janelas abertas, ou poderiam transitar nas ruas da comunidade sem o medo da violência. Hoje, os elementos, as maneiras de perceber o mundo vão dando lugar a novas percepções de mundo que vão remodelando todo o espaço vivido.

Como também podemos notar, as representações retratam a vivência dos sujeitos, revela a necessidade de a comunidade ser reconhecida, enquanto existência. Segundo o presidente da comunidade, a aproximadamente 1 ano que a comunidade foi registrada com CNPJ, contudo, ainda existem muitas pessoas que não têm esse conhecimento, para elas a comunidade só existe para os comunitários, para o poder público, só existe em épocas de eleições quando os políticos vão de casa em casa atrás de votos.

É importante evidenciar a narrativa de Nogueira (2001) quando afirma que nossas pesquisas na Geografia perdem muito em não começar a estudar os lugares ou suas áreas de pesquisa a partir do que pensam sobre eles os seus habitantes.

Realmente, devemos pensar o espaço a partir de como os sujeitos pensam, pois são eles que produzem, vivenciam, moldam, ressignificam o lugar. O lugar é marcado pelos significados, e sentimentos que são impressos pelos indivíduos.

À vista disto, os Mapas Mentais determinam como as pessoas percebem onde estão inseridos. Precisamos conhecer o lugar, e para que isso ocorra, os Mapas Mentais tornam-se ferramentas didáticas de estudo.

CONSIDERAÇÕES: BREVES REFLEXÕES

Enfim, após nossa breve vivência e retornando a comunidade, nesse momento de pesquisa, podemos afirmar a complexidade dos lugares, e a importância da percepção dos sujeitos que vivência para compreender as dinâmicas dos lugares. Assim como a vida não é monótona, nem tão pouco estática, o espaço, os lugares vividos e a paisagem estão em constantes mudanças.

A história da ciência geográfica nos mostra que desde os primórdios a busca é incessante, para entender as formas, as relações, as dinâmicas das sociedades e dos indivíduos no planeta Terra.

Ao abordar o lugar segundo a perspectiva da geografia humanista e cultural é um desafio, pois é necessário conceber o espaço como um todo. necessitando compreender as entrelinhas. Desta forma, a fenomenologia se aproxima da geografia atrelada a geografia da percepção, em que se buscam perceber o espaço pela essência.

O lugar se constitui e é entendido pelo espaço vivido, nos quais os sujeitos percebem, produzem e ressignificam o lugar através da memória adquirida pelo acúmulo de experiências e pelos sentidos.

Ademais, reconhecer que o lugar é entendido pelas experiências vividas, uma vez que o espaço se transforma conforme as mudanças na sociedade.

Após os anos de observação da comunidade do ramal Pic Bela Vista, podemos dizer com afinco que o espaço vivido influencia e é influenciado pelas próprias vivências e pelas transformações do urbano que chegam no interior da Comunidade, remodelando e ressignificando o espaço.

Percebemos a comunidade que enquanto espaço rural preservam traços de um campesinato típico amazônico. Embora o resultado do processo de globalização proporcione a aproximação dos habitantes rurais ao meio urbano em uma rede de informações, que influenciam no modo de agir e perceber da Comunidade.

As narrativas retratam um lugar repleto de sentimentos e emoções, a medida em que a memória de um passado permite compreender as mudanças que acometem o espaço vivido.

A construção das memórias, sem dúvidas, é um fator decisivo para compreensão de como a comunidade do ramal pique Bela Vista foi se constituindo. Compreendemos através das interlocuções que o lugar é marcado por constantes lutas pela sobrevivência. Os comunitários anseiam e buscam ser reconhecidos enquanto existir.

A comunidade existe e ao mesmo tempo não existe. Para o poder público, só existe quando lhe convém, segundo seu Civaldo, “comunidade só existe porque estamos vendo. É como se eu tô aqui, mas eu não tivesse carteira de identidade, também não tivesse CPF, então, no dia em que eu fosse morrer, e fossem me enterrar, ia ser enterrado como indigente. Porque para lei eu não existo.” (Civaldo, 2023).

Outra percepção que tivemos está relacionado ao fato de que aparentemente existem várias comunidades dentro de uma comunidade. Entre os entrevistados, uns falaram que faz anos que não andam em certa parte da comunidade, só interagem em seu espaço. É tanto que, ainda se assustam com a presença de muitas pessoas novas. Analisando essa concepção, podemos visualizar que têm seu lado negativo, quando pensamos na união da comunidade. O líder comunitário, e os próprios moradores relataram que, quando fazem convocação para reunião da comunidade, praticamente ninguém aparece, e quando aparece têm confusões. Outro ponto que essa afirmação é evidenciada, é na falta de atividades de lazer da comunidade, cada

um “fica no seu quadrado” sem se manifestar ou reivindicar. O futebol dava identidade à comunidade, o campo era o ponto de encontro de interação com os próprios moradores e com as comunidades adjacentes. Diferente de antigamente era vivida, tinha animação, as pessoas interagiam mais, atualmente, o contato fica cada vez mais restrito a delimitação de sua propriedade.

O urbano também é comportamento, as pessoas adquirem comportamentos urbanos onde em contrapartida, observamos que a mesma ainda insiste em preservar elementos rurais.

Como considerações para esta pesquisa, entendermos que as narrativas e a representação do lugar através dos Mapas Mentais, faz o resgate do contexto histórico desde quando a comunidade foi instituída, como às manifestações simbólicas, culturais, religiosas e políticas foram sendo incluídas no cotidiano dos comunitários. A comunidade representa para os comunitários sua história de vida onde desde sua chegada se identificaram com o lugar e enraizaram seus sentimentos, e criaram laços de afetividade e identidade. Para eles a comunidade é seu lar.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Fontes Orais**. História dentro da História. In: P INSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. **O geógrafo fenomenológico**: sua oralidade e escrita no/do mundo. Geograficidade | v.10, n. Especial, Outono 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/download/40096/pdf/156474>. Acesso em: maio de 2022.
- ALVES, G. A. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Geosp – Espaço e Tempo** (online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019, ISSN 2179-0892.
- ANDRADE, Manuel Corrêa de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas S. A., 1987.
- ASSMAN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.
- BARRETO, Thaís Luíse Monteiro de Souza. **Percepção e representação da violência na cidade de Manaus**: os mapas mentais do policial militar. Manaus: UFAM, 2013.
- BERQUE, Augustin. **Paysage-empreinte, paysage-matrice**: éléments de problématique pour une géographie culturelle. L'ESPACE GÉOGRAPHIQUE. 8 (1) : 33-34, 1984.
- CARLOS, Ana Fani F. SOUZA, Marcelo Lopes e SPOSITO, Maria da Escarnação, **A produção do espaço urbanos**: agentes, processos, escalas e desafios. Editora Contexto. São Paulo.
- CLAVAL, P. **“A volta do cultural” na geografia**. Université de Paris IV-Sorbonne. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**/ Paul Claval: Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. - Florianópolis, Ed. da UFSC, 2007.
- COSGROVE. Denis. **SOCIAL FORMATION AND SYMBOLIC LANDSCAPE**. London, Croom Helm, 1984.
- DARDEL, Eric, **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2011.
- DEL RÍO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Studio Nobel; UFSCar, 1999.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **The life trajectories modality of oral history**. Disponível em: <<<https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300009>>>. Acesso em: 09/09/2022.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HOLZER, W. **O conceito de lugar na Geografia Cultural**: uma contribuição para a Geografia Contemporânea. Revista GEOgraphia, Ano V, Nº10, p, 113-123, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13458/8658> Acesso em: Jan. 2023.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista - **sua Trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992. (Dissertação de mestrado).

HOLZER, Werther. **O Lugar na Geografia Humanista**. In. Revista Território. Rio de Janeiro. ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<[IBGE | Cidades@ | Amazonas | Iranduba | História & Fotos](#)>>. Acesso em: 10/09/2022.

MASSEY, Doreen, **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MORAES, A. C. R. Geografia: **pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido/espço pensado**: o lugar e o caminho. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Porto Alegre (RS), 2003.

NOGUEIRA, Amélia Regina B. **Mapa mental**: recurso didático para o estudo do lugar. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica**: a "geograficidade" nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. . Acesso em: 13 out. 2022.9

PINHEIRO, Mônica Farias. **Lugar e memória**: O velho e a imagem da cidade de Manaus – AM, Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, 2015.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Tradução: Monique Augras. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RELPH, E. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Rev. Geografia, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RODRIGUES, Auro de Jesus; SILVA, José Adailton B. da; et. al. **As abordagens das correntes de pensamento geográfico para o ensino de Geografia**. Ciências Humanas e Sociais Unit | Aracaju | v. 2 | n.2 | p. 209-220 | out. 2014. periodicos.set.edu.br

RONAI, Maurice. **Paysages II. HÉRODOTE**. (7) : 71-91, 1977.

SANTOS, D. I. P dos; COSTA, F. S. **Adaptabilidade ribeirinha diante das variações de seca e cheia do Lago Jenipapo (Manicoré/AM)**. Revista Terceira Margem Amazônia, v. 6, n.15, p. 103-113, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2020v6i15p103-113>.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2009 [1996], 384p.

SHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.

SILVA, Carolina V. M. da. **Percepção, tempo, memória, afeto, espaço**. Trabalho final de graduação. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". UNESP BAURU, 2019.

SILVA, Gerson da; LOPES, Claudivan Sanches. **TOPOFILIA E TOPOFOBIA: UM ESTUDO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM PAIÇANDU - PR**. In.Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3. Cadernos PDE. Artigos, 2014.

SILVA, Júlio Cláudio da; TORRES, Iraíldes Caldas. **Memórias amazônicas nas narrativas de pescadoras de camarão da comunidade São Sebastião da Brasília, Parintins (AM)***

TAVARES, Anderson de Souza. **Geograficidades, urbanidades rurais e campesinidade no modo de vida dos moradores da comunidade de Santa Maria de Vila Amazônica (Parintins)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. 1930 - **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Paisagens do medo**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MOURA, Rachel de Almeida. **A Construção de uma Memória Geográfica para o Brasil**: Edgard Jacintho e o Sertão do IPHAN. 2019, 218 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Espaço geográfico, território usado e lugar**: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil, 2014.

BOVO, Marcos Clair. et. al. **O Pantanal Mato-Grossense**: espaço vivido, paisagem e memória em Manoel de Barros. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste - Campus de Ideação Foz do Iguaçu. Ideação, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 86–110, 2018. DOI: 10.48075/ri.v19i2.21230. Disponível em: ARTIGO. v. 19 nº 2. p. 86 - 110 2º semestre de 2017. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/21230>. Acesso em: abril, 2023.

MATOS, Jônatas de Araújo. **A organização sociocultural e o modo de vida na comunidade Miracauera, Paraná do Careiro (Município de Careiro da Várzea-AM)**. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Amazonas. - Manaus, 2014.

INCRA. **Relação de assentamentos criados e reconhecidos**. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentosgeral.pdf/view>. Acesso em: maio de 2023.

PEREIRA, Dayse Leite; NETO, José Queiroz de Miranda. **Os espaços de representação segundo a geografia crítica**. NOVA REVISTA AMAZÔNICA - VOLUME IX - Nº 01 - MARÇO 2021.

FONTES ORAIS

Glafira Castro, [75 anos]. [nov. 2019]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, nov. 2019.

Glacira Castro [73]. [nov.2019]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, nov. 2019.

Hermínio da Silva Mateus [68 anos]. [nov. 2019]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, nov. 2019.

Glaucione Castro Nascimento Moreira [50 anos]. [jun. 2022]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, jul. 2022.

Civaldo [54 anos]. [maio. 2022]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, maio. 2022.

Pedro [72 anos]. [maio. 2022]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, maio. 2022.

Seu Irineu e dona Zilda [?]. [maio. 2022]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, maio. 2022.

Conceição [92]. [jan. 2023]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, janeiro, 2023.

Maria de Fátima [?]. [jan. 2023]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, janeiro, 2023.

Cássio [?]. [jan. 2023]. Entrevistadora: Kamila Castro Moreira. Iranduba, AM, janeiro, 2023.

APÊNDICE

Projeto de pesquisa: Percepção e Memória do Lugar: o nascer da comunidade do ramal Pic Bela Vista km 6, Iranduba, AM.

Roteiro para entrevista

Roteiro para a entrevista de colaboradores que não moram mas na comunidade.

- 1) Indagar sobre a origem e chegada na comunidade.
- 2) Como era a forma de trabalho.
- 3) Como aconteciam as atividades de reação e lazer.
- 4) Se tinha alguma igreja e como ela influenciou na organização da comunidade.
- 5) Quais foram os fatores decisivos que levaram à saída da comunidade.

Roteiro para a entrevista com os moradores mais antigos com maior tempo de residência na comunidade.

- 1) A partir de suas memórias relata a formação da comunidade.
- 2) Como era a forma de trabalho antigamente na comunidade.
- 3) Como às políticas públicas foram sendo instituídas, e como os elementos urbanos foram sendo incorporados na comunidade (infraestrutura, água encanada, luz elétrica, transporte, escola, posto de saúde)
- 4) Argumentar sobre as mudanças na paisagem durante o tempo e de que forma essas mudanças interferiram e interferem na vida dos moradores.
- 5) se teve ou ainda têm alguma forma de organização da comunidade, como cooperativas ou associações de moradores.
- 6) E como que as pessoas nessa época aqui, se recreiam, se tem jogos, como é que é, se tem algum festejo relacionando a igreja, ou se existia algum evento de liderança da comunidade?
- 7) Como esses moradores apontam às mudanças positivas e negativas da comunidade.

Roteiro para a entrevista com o líder comunitário.

- 1) Questionar sobre a origem da comunidade, se existe alguma documentação.
- 2) Sobre a alternância da liderança da comunidade (como ocorre esse processo).
- 3) Se existe e de que forma aconteceu a organização social da associação de moradores.
- 4) Se existe e como foi o processo de implantação de elementos públicos na comunidade como, escola, posto de saúde.

ANEXO

ANEXO 1



MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
 Diretoria de Desenvolvimento e Consolidação de Projetos de Assentamento - DD
 Coordenação-Geral de Implantação - DDI - Sistema SIPRA

Sistema: SIPRA
 Fonte: SDM
 Usuário:
 Relatório: Rel_0227
 Data: 05/12/2022

Projetos de Reforma Agrária Conforme Fases de Implementação

Período da Criação do Projeto : 01/01/1900 Até 05/12/2022

Código do Projeto	Nome do Projeto	Município Sede	Área (ha)	Nº de Famílias (capac.)	Famílias Assent.	Fase	Ato de criação			Obtenção	
							Tipo	Nº	Data	Forma	Data
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO ESTADO DO AMAZONAS - SR (15)											
UF:AM											
AM0006000	PIC BELA VISTA	MANAUS	14.583,7351	277	-	07	POR	1099	31/12/1971	Doação	30/12/1941
AM0007000	PA RIO JUMA	APUI	689.000,0000	7.500	6.006	06	RES	0238	30/08/1982	Discriminaçã	05/11/1981
AM0008000	PA CRAJARI	BENJAMIN CONSTANT	12.090,6887	275	214	06	POR	0963	11/12/1986	Arrecadação	30/06/1983
AM0009000	PA UATUMÃ	PRESIDENTE FIGUEIREDO	23.742,2858	398	381	07	POR	0305	10/04/1987	Desapropria	28/01/1987
AM0010000	PA URUMUTUM	TABATINGA	4.522,5654	109	65	07	POR	0358	12/05/1987	Arrecadação	19/10/1979
AM0011000	PA PURAQUEQUARA	MANAUS	1.300,0000	60	57	07	POR	0308	03/12/1987	Desapropria	18/03/1987
AM0012000	PAE ANTIMARY	BOCA DO ACRE	222.429,8545	1.118	416	05	POR	1055	28/07/1988	Discriminaçã	03/11/1980
AM0013000	PA VILA AMAZÔNIA	PARINTINS	85.406,8107	2.478	1.742	06	POR	1404	26/10/1988	Desapropria	25/09/1987
AM0014000	PA NOVA RESIDÊNCIA	CAREIRO	1.552,8708	30	27	06	POR	1626	07/12/1988	Desapropria	04/03/1988
AM0015000	PAE TERRUÃ	PAUINI	139.235,9400	90	87	04	POR	0001	04/01/1989	Desapropria	28/07/1988
AM0016000	PA BERURI	BERURI	23.785,0000	760	223	06	RES	0041	20/10/1989	Discriminaçã	20/02/1984
AM0017000	PA IPORA	ITACOATIARA	27.809,7472	907	781	07	RES	0025	13/05/1991	Desapropria	05/01/1989
AM0018000	PA SAMPAIO	AUTAZES	9.580,8060	291	238	05	POR	32	20/03/1992	Discriminaçã	29/01/1985
AM0019000	PA MATUPI	MANICORE	34.935,4528	533	384	05	RES	0148	20/07/1992	Arrecadação	26/03/1981
AM0020000	PA PUXURIZAL	BORBA	4.414,6664	104	92	06	RES	0147	20/07/1992	Arrecadação	30/11/1984
AM0021000	PA MONTE	BOCA DO ACRE	113.118,7915	1.060	929	05	RES	0146	20/07/1992	Adjudicação	12/09/1982
AM0022000	PA CANOAS	PRESIDENTE FIGUEIREDO	15.082,5973	285	248	06	RES	0193	02/09/1992	Arrecadação	13/10/1983
AM0023000	PA TARUMÃ MIRIM	MANAUS	42.910,7601	1.079	943	06	RES	184	20/08/1992	Discriminaçã	14/12/1977
AM0024000	PA ACARI	NOVO ARIPIUANA	161.700,0000	1.773	800	06	RES	0186	20/08/1992	Arrecadação	21/06/1982
AM0025000	PAE SANTO ANTÔNIO MOURÃO	EIRUNEPE	21.525,0000	204	204	04	RES	0185	20/08/1992	Compra e	27/09/1989
AM0026000	PA SANTO ANTÔNIO	MANAUS	4.160,5254	108	75	07	RES	0183	20/08/1992	Arrecadação	20/08/1992
AM0027000	PA AGUA BRANCA	MANAUS	1.364,5295	38	36	07	RES	0334	24/11/1992	Arrecadação	16/11/1982
AM0028000	PA SÃO FRANCISCO	CANUTAMA	19.400,9689	298	252	05	RES	0019	29/04/1993	Arrecadação	10/12/1981
AM0029000	PAM IPIXUNA	IPIXUNA	8.340,0000	130	113	05	POR	0220	25/03/1994	Reconheim	06/08/1993
AM0030000	PA UMARI	LABREA	9.814,3127	158	140	05	POR	16	02/04/1996	Arrecadação	16/08/1982
AM0031000	PA ALIANÇA	MAUES	2.969,9706	89	65	07	POR	0022	19/04/1996	Desapropria	11/07/1989
AM0032000	PA AQUIDABAN	MANACAPURU	2.214,8905	187	181	07	POR	0024	29/04/1996	Desapropria	20/06/1989
AM0033000	PA RIO PARDO	PRESIDENTE FIGUEIREDO	28.351,1455	396	195	06	POR	0274	25/10/1996	Arrecadação	13/10/1983
AM0034000	PA PAQUEQUER	NOVA OLINDA DO NORTE	5.343,9979	380	337	05	POR	0112	27/11/1998	Arrecadação	09/08/1984
AM0035000	PA NAZARÉ	MANAUS	2.361,8467	121	104	04	POR	0113	02/12/1998	Compra e	29/12/1992

00 - Em Obtenção

01 - Pré-Projeto de Assentamento

02 - Assentamento em criação

03 - Assentamento Criado

04 - Assentamento em Instalação

Page 203 of 332

05 - Assentamento em Estruturação

06 - Assentamento em Consolidação

07 - Assentamento Consolidado

08 - Assentamento Cancelado

09 - Assentamento Revogado

Anexo 2

**ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA, AGRÍCOLA E DE CRIAÇÃO
PICO BELA VISTA.**

**CAPÍTULO I
DA DENOMINAÇÃO, FINS E SEDE**

Art.1º

A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA, AGRÍCOLA E DE CRIAÇÃO PICO BELA VISTA, fundada em 05 de dezembro de 2021, com sede na cidade de Iranduba, Estado do Amazonas, no Ramal Pico Bela Vista, nº S/N, Sítio São Francisco, Lt.10, Km 06, Zona Rural, é uma associação civil **sem fins lucrativos**, que terá duração por tempo indeterminado, e terá como sede e foro a comarca de Iranduba/AM.

Parágrafo primeiro.

No desenvolvimento de suas atividades a associação não fará distinção alguma quanto à raça ou condição social, credo político ou religioso.

Parágrafo segundo.

Este estatuto social foi elaborado com fulcro na Constituição Federal de 1988 em vigor, notadamente no seu art. 5º, incisos XVI, XVII, XVIII, XX, XXI, e também com fundamento no disposto nos arts. 53 a 61 da Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002.

Parágrafo terceiro.

Esta associação reger-se-á pelo presente Estatuto e demais normas regimentais de caráter interno, aprovada sem assembléia geral, e detém personalidade jurídica de direito privado, com patrimônio próprio, eminentemente associativo e de assistência social, para a dignidade de todos os que da mesma vierem necessitar.

**CAPÍTULO II
DAS FINALIDADES E DOS OBJETIVOS**

Art. 2º

A Associação Comunitária Agrícola e de Criação Pico Bela Vista, visa representar os moradores da referida comunidade, desde que associados, e tem como objetivos:

- I - Zelar sempre pelo interesse da comunidade perante os poderes públicos municipal, estadual e federal;
- II - Desenvolver programas diversificados que promovam o bem-estar social da comunidade de uma forma geral;
- III - Realizar programas assistenciais, programas sócios educativos e obras sociais em benefício dos idosos, portadores de necessidades especiais, crianças e adolescentes, visando o bem-estar dos moradores da comunidade;
- IV - Realizar cursos livres para toda comunidade associada;
- V - Estimular o desenvolvimento progressivo, os trabalhos individuais e coletivos, em defesa de suas atividades econômicas e em defesa dos interesses dos associados;
- VI - Colaborar e manter o intercâmbio com outras entidades que resultem em contribuições ao fortalecimento da associação;
- VII - Obter crédito através dos bancos oficiais, órgãos municipais, estaduais, federais ou internacionais;

